

TOM SHRODER

ALMAS
ANTIGAS

*A busca de evidências
científicas da reencarnação*

SEXTANTE



Tom Shroder

Almas Antigas

A FASCINANTE HISTÓRIA DE UM PESQUISADOR
E SUA BUSCA DE EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS
DA REENCARNAÇÃO

SEXTANTE

© Tom Shroder, 2001

preparo de originais
Regina da Veiga Pereira

tradução
Simone Lemberg Reisner

revisão
Sérgio Bellinello Soares

capa
Silvana Mattievich

diagramação e projeto gráfico
Matiz Design Gráfico

fotolitos
Mergulhar Serviços Editoriais Ltda.

impressão e acabamento
Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S564a Shroder, Tom

Almas antigas : a fasinante história de um pesquisador e sua busca de evidências da reencarnação / Tom Shroder ; tradução de Simone Lemberg Reisner. – Rio de Janeiro : Sextante, 2001.

Tradução de: Old souls
ISBN 85-86796-75-1

1. Reencarnação – Estudo de casos. 2. Memórias nas crianças. I. Título

01-0091

CDD 133.9013
CDU 133

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Sextante (GMT Editores Ltda.) Av. Nilo Peçanha, 155 – Gr. 301 – Centro
20020-1 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 524-6760 – Fax: (21) 524-6755
Central de atendimento: 800-22-6306
E-mail: salvend@openlink.com.br

*Há muito mais mistérios ente o céu e a terra,
Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia.*

SHAKESPEARE, *HAMLET*, ATO 1, CENA 5

Para Lisa

PRIMEIRA PARTE

Prólogo

Crianças que se lembram
de vidas passadas

1

A PERGUNTA

É tarde. Já está quase escuro. A fumaça de milhares de fogueiras de detritos paira ao redor da luz dos faróis, à medida que o microônibus avança, aos solavancos, pela passagem estreita e esburacada que faz as vezes de estrada nas regiões desabitadas da Índia. Ainda faltam várias horas para alcançarmos o hotel, moderna ilha de conforto plantada nesse oceano de terceiro mundo. Conseguimos escapar de um caminhão que ziguezagueia em direção contrária usando cada milímetro do imundo acostamento. Mas escapar não nos traz alívio. Voltamos abruptamente para a estrada esburacada e logo ultrapassamos uma carroça de madeira que se arrasta pesadamente, puxada por bois de enormes chifres. Nosso motorista aperta a buzina ao desviar-se dela, numa curva fechada, e eu rezo para que não apareça um outro ônibus, apinhado até o teto de gente e de animais. Tento não pensar na ausência dos cintos de segurança, ou no artigo afirmando que a probabilidade de ocorrer um acidente com vítimas fatais é quarenta vezes maior nas estradas da Índia do que nos Estados Unidos. Tento não pensar em morrer a dezesseis mil quilômetros de casa, sem nunca mais ver minha mulher e filhos.

Entretanto, mesmo preso nessa bolha de medo, consigo perceber a ironia da situação. No banco de trás, aparentemente despreocupado com os enormes torpedos que espalham lama por todos os lados e que se precipitam em nossa direção, está um homem alto, de cabelos brancos, com quase oitenta anos, que insiste em afirmar que conseguiu acumular provas bastante sólidas que demonstram que a morte física não significa necessariamente o meu fim, ou o de quem quer que seja.

Seu nome é Ian Stevenson, um médico psiquiatra que há trinta e sete anos vem enfrentando estradas como essa, ou ainda piores, para colher relatos de crianças que afirmam lembrar-se de vidas anteriores, fornecendo detalhes e dados precisos sobre as pessoas que afirmam ter sido, pessoas que existiram e que morreram antes que elas nascessem. Enquanto luto contra o pavor da morte, ele se vê diante do medo de que o trabalho ao qual dedicou toda a sua vida fique completamente ignorado por seus colegas de profissão

– Por que – pergunta ele, pela terceira vez, desde o início da noite – os cientistas em geral se recusam a aceitar as provas que já temos da reencarnação?

Nesse dia, como nos últimos seis meses, Stevenson demonstrou o que considera “provas”. Ele me permitiu acompanhá-lo em suas viagens para trabalho de campo, primeiramente nas montanhas ao redor de Beirute e, agora, numa grande extensão de terra na Índia. Ele respondeu minhas infundáveis perguntas e até me convidou a participar das entrevistas que constituem o cerne de sua pesquisa. As provas às quais ele se refere não vêm de um modismo da Nova Era, de leitura sobre vidas passadas ou de regressões hipnóticas nas quais alguém diz ter sido uma noiva florentina do século dezesseis ou um soldado das guerras napoleônicas, fornecendo detalhes que podem ser obtidos através da leitura de um romance. As particularidades trazidas pelas crianças de Stevenson são desprezíveis e muito mais específicas. Uma delas lembra-se que era uma adolescente de nome Sheila, que foi atropelada por um veículo que seguia por uma estrada recolhendo capim para alimentar animais. Outra se recorda de ter sido um jovem que morreu de tuberculose chamando por seu irmão. Uma

terceira lembra-se que era uma mulher, no Estado da Virgínia, aguardando ser submetida a uma cirurgia cardíaca à qual não sobreviveria e tentando, sem sucesso, chamar sua filha. E assim por diante. Em centenas de casos por todo o mundo, essas crianças fornecem nomes de cidades e de parentes, profissões e relacionamentos, atitudes e emoções específicos de um único indivíduo, geralmente desconhecido de suas famílias atuais. Mas o fato é que as pessoas de quem as crianças se recordam realmente existiram, suas lembranças podem ser comprovadas, comparando-as a eventos de vidas reais, e as identificações feitas podem ser verificadas – ou contestadas – por um grande número de testemunhas.

É isso o que Stevenson vem fazendo há quase quarenta anos. É esse o trabalho que desenvolvemos no Líbano e, agora, na Índia: examinar registros, entrevistar testemunhas e aferir os resultados, comparando-os a possíveis explicações alternativas. Poucos puderam, como eu, constatar de perto o quanto esses casos podem ser convincentes – não apenas em relação aos fatos, mas na emoção claramente visível nos olhos e vozes das crianças, de suas famílias e das famílias das pessoas que elas afirmam ter sido. Tenho presenciado e ouvido fatos surpreendentes para os quais não encontrei uma explicação fácil.

Agora, estamos quase no fim de nossa viagem, talvez a última na carreira de Stevenson. No frio barulhento do microônibus que vai sacolejando ruidosamente noite adentro, começo a pensar que a pergunta de Stevenson não é apenas retórica. Ele quer que *eu*, o forasteiro, o jornalista cético que viu tudo o que ele queria mostrar, lhe dê uma explicação. Como é que os cientistas podem ignorar a imensa quantidade de provas que lhes são fornecidas?

Começo a refletir longamente sobre como é difícil falar de provas quando não se conhece o mecanismo de transferência – a forma como personalidade, identidade e memória podem ser transferidas de um corpo para o outro. Então, paro imediatamente. Ouço minhas próprias divagações e percebo o que Stevenson realmente está me perguntando: depois de tudo o que vi, pelo menos *eu* acredito?

Eu, que sempre olhei para dentro de mim mesmo sem jamais ter visto um sinal ou ouvido um sussurro de qualquer outra vida que não fosse a minha, o que acho de tudo isso? Ele quer saber. Está me fazendo uma pergunta e merece uma resposta.

2

SÓ SE VIVE UMA VEZ

A resposta é longa e começa dez anos antes de Stevenson me fazer a pergunta, num pequeno e confortável consultório médico localizado a poucos quarteirões de minha casa em Miami Beach. A luz da sala é fraca. O Dr. Brian Weiss, chefe do departamento de psiquiatria do Hospital Mount Sinai, está falando suavemente. E me conta uma história:

Em 1972, Weiss hipnotizou uma jovem mulher. Ela estava deitada de costas no sofá, os olhos fechados, as mãos pousadas ao lado do corpo, envolta num lençol imaginário de luz branca, levada a um transe através da voz do médico e da vontade de sua própria mente. Ele ordenou que ela retrocedesse até suas mais tenras memórias, de volta às raízes da fobia que atormentava sua vida.

Há dezesseis meses Weiss vinha tratando dessas fobias, uma ou duas vezes por semana, mas essa era apenas a segunda tentativa de usar a hipnose. A primeira sessão revelou lembranças significativas de quando ela tinha três anos – um encontro sexual perturbador com o pai bêbado –, mas não houve nenhuma melhora em seu estado emocional. Weiss ficou impressionado com o fato de tal revelação não trazer um certo alívio dos sintomas. Poderia haver uma lembrança ainda mais remota, enterrada com maior profundidade em sua mente?

Weiss decidiu fazer uma sugestão aberta. Com voz firme, ordenou:

– Volte aos acontecimentos que deram origem aos seus sintomas.

Em transe profundo, ela respondeu, numa voz baixa e rouca. Longas pausas interrompiam suas palavras, como se falar fosse difícil ou doloroso.

– Vejo degraus brancos que me levam até um edifício... um edifício grande e branco com pilastras... Estou usando um vestido longo, uma bata feita de tecido rústico. Meu nome é Aronda. Tenho dezoito anos...

Sem ter certeza do que se passava, Weiss fez algumas anotações. O sussurro prosseguiu:

– Vejo uma praça de mercado. Há várias cestas. Elas são carregadas nos ombros. Moramos num vale. Não há água. O ano é 1863 antes de Cristo.

Antes do final da sessão, Aronda havia morrido aterrorizada, arfando e sufocando em meio a uma enchente.

Weiss disse que esse foi o momento decisivo para a moça do sofá. Seus medos – de sufocar, de afundar, de ficar no escuro – dissiparam-se naquele instante. Nos meses seguintes, seus murmúrios roucos viajaram pelos séculos. Ela se tornou Johan, que teve a garganta cortada na Holanda em 1473; Abby, uma serviçal na Virgínia do século dezenove; Christian, um marinheiro galês; Eric, um aviador alemão; um menino na Ucrânia de 1758, cujo pai foi executado na prisão. Nos intervalos, ela se tornou hospedeira de espíritos desencarnados que revelavam os mistérios da eternidade. Brian Weiss escreveu um livro sobre essa mulher anônima que ele chamou de Catherine. *Muitas Vidas, Muitos Mestres* se tornou um *best-seller* internacional e é considerado um clássico da Nova Era.

Em 1988, quando o livro estava no topo da lista dos mais vendidos, decidi escrever uma matéria sobre o autor para a “Tropic”, revista da edição de domingo do *Miami Herald*, da qual eu era o editor. O que me interessava era o próprio Weiss: ele não era um louco nem um irresponsável. Aos quarenta e quatro anos, era um médico formado pela Universidade de

Yale, nacionalmente reconhecido como perito em psicofarmacologia, química cerebral, toxicologia e mal de Alzheimer. Ele afirmou que havia esperado cinco anos para publicar seu livro, temendo ser criticado por seus colegas de profissão. Entretanto, dois anos após ter a coragem de fazê-lo, viu que seus temores não se concretizaram, pelo menos publicamente.

Antes da entrevista, dirigi-me ao diretor do hospital em busca de sua opinião sobre o trabalho de Weiss. Tudo o que ouvi foram efusivos elogios: “Brian Weiss é altamente respeitado, um líder de grande competência em sua área.” Quando perguntei se sua reputação havia sido prejudicada pelo livro, ele respondeu com um vigoroso “não”.

Outros colegas concordaram:

– Se qualquer outra pessoa tivesse escrito o livro, eu não teria acreditado – disse um deles. – Mas acredito porque sei que Brian Weiss é um perspicaz clínico e pesquisador, perito em diagnósticos.

Fiquei impressionado ao constatar que médicos normalmente conservadores lavavam a sério as afirmações de Weiss quanto a evidências de vidas passadas. Esse fato não me convenceu, mas acrescentou interesse à história que eu pretendia escrever.

Naquele primeiro encontro em seu consultório, disse a ele que gostaria de satisfazer a minha curiosidade em relação a toda aquela história, o que significava que eu teria que fazer-lhe perguntas um tanto incisivas. Weiss sorriu com modéstia.

– Toda essa área é muito nova – disse ele. – Existem muitos pontos que ainda precisam ser esclarecidos.

Sentado atrás da escrivaninha, Weiss me expôs, pacientemente, a lógica de seu pensamento. Há dezoito meses ele vinha tratando de Catherine, uma técnica de laboratório daquele mesmo hospital. Durante esse período, ele se utilizara da terapia convencional. Nunca conversaram sobre crenças no ocultismo e Catherine jamais fizera qualquer tentativa de manipulá-lo. O único ponto incomum em seu tratamento era a total ausência de sinais de melhora. Isso fez com que Weiss concluísse que, se ela fosse uma trapaceira, deveria ser a mais paciente de todas, pois num estratagema daquele tipo seria necessário que ela passasse dezoito meses fingindo ter uma série de problemas psicológicos, esperando que Weiss sugerisse o uso de hipnose para, na primeira sessão, simular que estava revivendo experiências traumáticas da infância e só então chegar às falsas vidas passadas.

Weiss contou-me que, durante o curso de graduação, ele havia passado centenas de horas observando um incontável número de pacientes com o objetivo de aprimorar sua capacidade de diagnóstico. Com Catherine, ele teve certeza de estar diante de uma pessoa que tinha genuíno desejo de atenuar os sintomas que a afligiam. Era uma mulher simples e honesta, dedicada à fé católica que aprendera na infância. Não era esquizofrênica, nem psicótica, nem maníaco-depressiva e tampouco sofria de múltiplas personalidades. Seu pensamento não era delirante.

Havia também a reação de Catherine à idéia de vidas passadas. Parecia pouco à vontade com tudo o que acontecia, pois tal idéia não estava de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica. Entretanto, ela ficara muito feliz com a rápida melhora de seu estado de saúde e, assim sendo, continuaram com as sessões até que ela sentisse que estava curada. Não havia nenhum sinal de que Catherine pudesse querer se utilizar da experiência de vidas passadas com qualquer outro objetivo que não fosse o terapêutico. Ela relutou em assinar a licença de publicação e não obteve lucros com o livro. Até mesmo agora, explicou Weiss, quando se encontram casualmente no Hospital Mount Sinai, ela nunca demonstra interesse nas implicações metafísicas da experiência que viveu.

Por esses motivos, Weiss percebeu que Catherine não era louca nem trapaceira. O que o convenceu de que ela estava realmente se lembrando de vidas passadas foi o caráter inteiramente corriqueiro dessas vidas. Se Catherine aparecesse, por exemplo, como Cleópatra em uma vida e Madame Curie e outra, a credibilidade ficaria comprometida. Mas ela

aparecera como uma serviçal, um leproso, um trabalhador. Em seu mais profundo transe, Catherine focalizava sua atenção no perfume das flores ou no esplendor de um casamento do qual não podia participar – fatos do dia-a-dia, da vida real. Suas lembranças eram, por vezes, muito detalhadas – em uma vida, ela descreveu o processo utilizado para fazer manteiga; em outra, a preparação de um corpo para ser embalsamado. Para Weiss, as descrições – embora não muito técnicas – pareciam estar acima do nível de conhecimento normal da paciente. Certa vez, voltando de uma viagem a Chicago, ela lhe contou que se surpreendera durante uma visita a um museu, quando começou a corrigir as informações dadas pelo guia para alguns artefatos egípcios de quatro mil anos de idade.

Fiquei admirado com a sinceridade de Weiss, mas não com as evidências apresentadas. Nas histórias de Catherine não havia nenhum detalhe que um apreciador de romances históricos não pudesse inventar. Ela não falara em línguas arcaicas e não tinha mencionado o nome de uma única pessoa cuja existência pudesse ser confirmada.

Resolvi então passar pela experiência. Pedi a Weiss que me indicasse um hipnotizador para me submeter à regressão. Achei o processo relaxante, suave e estranhamente narcisista, mas não tive qualquer sensação de que vidas passadas esquecidas estivessem se abrindo em minha memória. Em vez disso, percebi claramente que estava tentando prover a hipnotizadora com aquilo que ela queria: cenas de uma época anterior ao meu nascimento. Esperei que alguma imagem surgisse na minha mente e tentei enfeitá-la, criando uma situação de vida que lhe fosse adequada – exatamente o que fazia quando escrevia ficção ou começava a adormecer. Quando relaxei ainda mais, entrando num estado ligeiramente alterado de consciência, as imagens começaram a aparecer sem nenhum esforço intencional. Mas, ainda assim, elas nunca trouxeram consigo um único vestígio de autenticidade diferente do que se poderia encontrar num devaneio comum.

Percebi que as regressões hipnóticas ainda precisavam ser melhor explicadas. Outros psiquiatras que entrevistei se mostravam intrigados, embora ainda não estivessem prontos para chegar às mesmas conclusões de Weiss.

Um psicólogo amplamente reconhecido como grande especialista em hipnoterapia e distúrbios relacionados a múltiplas personalidades disse:

– Tenho visto muitos pacientes que, no passado, tiveram experiências marcantes, carregadas de intensa emoção, cujas conseqüências profundas se fazem sentir no presente. Não posso afirmar que tais experiências sejam lembranças de vidas passadas. É possível que sejam fruto da fantasia, como acontece nas distorções de memória: uma forma indireta de se descrever um problema. Por exemplo, uma pessoa que diz ter sido estuprada em uma outra vida pode, na verdade, estar expondo uma lembrança incestuosa na infância. Mas existe uma finalidade por parte do inconsciente. Não sei ao certo o que está acontecendo com essas lembranças de outras vidas, mas não acredito que sejam uma enganação.

Depois de conversar com outros psiquiatras e de ouvir opiniões divergentes, decidi procurar o maior dos estudiosos, o homem responsável pelo verbete da *Enciclopédia Britânica* sobre regressões hipnóticas a vidas passadas. Era o Dr. Martin Orne, na época psiquiatra clínico e professor de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Pensilvânia. Ele tinha muito a dizer:

– Sempre me sinto como aquele personagem de histórias infantis que diz para todos que Papai Noel não existe. As pessoas que propagam essas idéias não são mal-intencionadas, apenas têm um imenso desejo de acreditar. Muitos crêem que o que se fala durante a hipnose tem maior probabilidade de ser verdadeiro, quando, de fato, acontece exatamente o oposto. A hipnose pode criar pseudomemórias. Lembranças de reencarnações não são diferentes dos casos de pessoas que, hipnotizadas, declaram ter sido capturadas por alienígenas e submetidas a exames físicos no interior de discos voadores. Esses são os chamados “mentirosos honestos”. Os terapeutas pedem a seus pacientes que voltem até a causa de seu problema. Isso é algo que

várias pessoas acham difícil fazer e, se não conseguem encontrar a origem nessa vida, regressam a uma vida anterior. Fantasia, é claro.

Lembro-me de ter desligado o telefone em meu escritório sentindo minha curiosidade satisfeita. Mais uma vez, como vi acontecer tantas outras em minha vida profissional, uma história que, de início, parecia ter alguma explicação extraordinária acabava se tornando algo simples e comum.

Eu estava agora totalmente convencido de que Weiss havia se encantado com um fenômeno bastante interessante e concluído tratar-se de algo sobrenatural quando, na verdade, o que tal fenômeno demonstrava era a incrível riqueza da imaginação humana. Weiss afirmava que, ainda que fossem apenas manifestações do subconsciente, as recordações se revelaram excelentes auxiliares da terapia. Após as regressões, ele havia testemunhado o desaparecimento quase instantâneo de problemas resistentes a qualquer outro tipo de tratamento.

Eu estava pronto para colocar um ponto final naquele assunto quando encontrei um artigo sobre um tal Dr. Stevenson, conhecido como o Professor Carlson de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, que estava investigando relatos sobre memórias de vidas passadas colhidos em outras fontes: lembranças espontâneas, experimentadas por crianças ainda pequenas, completamente acordadas, sem qualquer envolvimento hipnótico. Muitos desses relatos incluíam nomes, endereços e detalhes íntimos da vida de pessoas que as crianças, aparentemente, não teriam como conhecer. Membros das famílias dessas pessoas foram localizados e as lembranças relatadas foram comparadas com fatos acontecidos na vida real. De acordo com Stevenson, em muitos desses casos as recordações apresentadas pelas crianças passaram no teste da realidade de forma muito convincente.

O que me deixou mais impressionado foi o fato de Stevenson afirmar ter investigado um grande número de casos – na verdade, mais de duzentos em todo o mundo. Confesso que meu primeiro pensamento foi que se tratava de um maluco delirante que também dizia ter uma gaveta cheia de fragmentos da cruz de Cristo. Mas, prosseguindo com a leitura, vi que certamente não era esse o caso. Encontrei uma citação de um artigo de 1975, publicado na respeitada revista médica *The Journal of the American Medical Association*, afirmando que Stevenson “havia coletado casos cujas evidências dificilmente poderiam ser explicadas com base em quaisquer outras premissas (além da reencarnação)”.

O artigo também fazia referência a um livro no qual Stevenson reunira seus casos. Encontrei o livro na biblioteca pública. O estilo acadêmico dificultava a leitura, mas o esforço valeu a pena: os casos eram convincentes, até mesmo espantosos, e fiquei bastante impressionado com a aparente imparcialidade e a ponderação demonstradas nas investigações. Stevenson procurara fatos concretos, específicos e passíveis de verificação, relacionados a vidas passadas e sobre os quais seria impossível, por meios normais, obter-se qualquer tipo de informação prévia.

Segundo seus relatos, ele os havia encontrado várias vezes.

Como é que eu nunca ouvira falar do trabalho daquele homem? Por que precisei de um dia inteiro na biblioteca para localizar centenas de dados de produção instantânea de lembranças comprovadas? Se eu estava interessado no assunto, por que não procurar Stevenson?

Essa última pergunta precisou de uma década para ser respondida.

3

O HOMEM ATRÁS DA CORTINA

Nos anos seguintes, continuei procurando em livrarias obras dedicadas à reencarnação e encontrei sempre várias páginas dedicadas a Stevenson. Foi nesses livros que descobri um pouco sobre sua vida: formou-se em medicina na Universidade McGill, no Canadá, em 1943, destacando-se como um dos melhores alunos. Começou como clínico-geral e desenvolveu alguns trabalhos na área de bioquímica, mas acabou se especializando em psiquiatria. Em 1957, aos trinta e nove anos, Stevenson tornou-se chefe do departamento de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia e foi ali que começou a investigar os relatos de crianças que se lembravam de vidas passadas. Depois de algum tempo, abriu mão de suas obrigações administrativas para se dedicar inteiramente à pesquisa de fenômenos paranormais.

Na literatura popular, além de referências geralmente positivas e de menções não muito críticas a seu trabalho, havia poucas discussões a respeito de suas pesquisas com as crianças. Além disso, exceto pelo artigo anteriormente publicado no *The Journal of the American Medical Association*, os cientistas em geral o haviam ignorado. Comecei a procurar nos índices de outras publicações menos importantes, tais como *The Journal of the American Society for Psychical Research* e *The Journal of Scientific Exploration*.

Essas revistas, cuja existência eu ignorava, tornaram-se uma revelação. Estavam repletas de discussões sobre assuntos espantosos – aparições, possessões, psicocinestesia, alterações no contínuo espaço-tempo. Em sua maioria, os artigos pareciam tão sérios quanto uma pesquisa sobre o câncer. Cada um deles apresentava a metodologia utilizada, uma discussão sensata e imparcial e conclusões bastante prudentes.

Muitas vezes, os autores expressavam seu reconhecimento a Stevenson por haver dado início à investigação científica de temas considerados tabus pela ciência ortodoxa em geral. Um deles comparou-o a Galileu. Finalmente, eu encontrara artigos que se referiam ao seu trabalho de forma crítica, incluindo pesquisas feitas por outros estudiosos que investigaram casos similares.

Alguns desses pesquisadores, apesar de constatarem as mesmas lembranças em crianças e considerarem altamente improvável que elas as pudessem ter obtido de forma normal, diziam que talvez houvesse alguma outra explicação, de natureza paranormal.

Outros pesquisadores, porém, não aceitavam as pesquisas de Stevenson como provas de reencarnação. De acordo com eles, fazia muito mais sentido considerá-las indícios de alguma forma extremamente desenvolvida de habilidade psíquica.



Na primavera de 1996, encontrei o número de telefone de Stevenson, na Universidade de Virgínia, e disquei achando que ele já estaria aposentado há muito tempo.

Para minha surpresa, ele veio ao telefone. Identifiquei-me como jornalista e falei-lhe do meu vivo interesse. Ele me explicou que estava muito envolvido na finalização de mais um volume de sua série de livros e que não poderia se desviar daquele trabalho.

– Além disso – disse ele –, acho que já fui entrevistado o suficiente e não tenho mais nada a acrescentar.

Depois que desligou, enviei-lhe uma carta pedindo que revisse a sua posição. Disse-lhe que estava mais interessado em observar seu trabalho do que em entrevistá-lo. Finalmente, em dezembro, Stevenson convidou-me a ir até Charlottesville para discutirmos o assunto pessoalmente.

Em janeiro de 1997 encontrei-me com ele em seu escritório na Divisão de Estudos da Personalidade da Universidade de Virgínia. A sala de espera estava repleta de arquivos contendo todas as anotações datilografadas e transcrições de mais de 2.500 entrevistas feitas por Stevenson durante os vários anos de sua pesquisa. Numa das paredes podia-se ver um mapa dos Estados Unidos em larga escala, coberto de alfinetes de cabeças vermelhas, pretas e brancas, com a seguinte legenda: vermelho – casos de renascimento –, preto – experiências de quase-morte –, branco – casos envolvendo fantasmas/espíritos.

No andar superior, alguns dos pesquisadores companheiros de Stevenson estavam reunidos numa sala de conferências, almoçando. Um deles era um cardiologista que, em suas consultas no centro de saúde da universidade, procurava identificar e estudar pacientes cardíacos que relatavam ter tido experiências de quase-morte – experiências místicas ou extracorpóreas provavelmente causadas por condições clínicas graves, consideradas por alguns como indícios de consciência após a morte. Perguntei-lhe o que estava tentando alcançar, e ele me respondeu:

– A paz no mundo.

Fez um prolongado silêncio e acrescentou:

– Estou falando sério. Se eliminássemos o medo da morte, o mundo conseguiria um equilíbrio maior. Não haveria motivos para a guerra.

Stevenson era um homem alto e magro, com uma farta cabeleira branca e um ar um tanto formal.

Quando lhe perguntei se considerava que suas pesquisas haviam “comprovado” a reencarnação, ele respondeu:

– Acredito que, exceto na matemática, nada pode ser totalmente provado em ciência. Entretanto, para alguns dos casos que conhecemos no momento, a melhor explicação que conseguimos é a reencarnação. Há um importante número de indícios e acredito que estão se tornando cada vez mais fortes. Acho que uma pessoa racional pode vir e acreditar na reencarnação com base em evidências.

Adorei a prudência de suas palavras, a fria precisão, a humildade absoluta. Decidi provocá-lo um pouco.

– O que me incomoda em relação à idéia de reencarnação – expliquei – é o problema óbvio da explosão populacional. Muito mais pessoas viveram neste século do que em todos os anteriores. Só algumas delas têm almas reencarnadas? De onde vêm as almas?

Ele não disse nada de imediato, mas parecia olhar para dentro de si mesmo. Estava claramente refletindo sobre a minha pergunta.

– Esse não é um ponto de fácil explicação – disse ele, finalmente. – Algumas pessoas sugerem que as almas podem vir de outros planetas: acredita-se que há bilhões de planetas semelhantes à Terra no universo. Outros dizem que a criação de almas é contínua. Mas, é claro, não tenho nenhuma prova de qualquer uma dessas afirmações.

Mais uma vez fiquei encantado. Eu já estava mais do que convencido a passar algum tempo com Stevenson – só precisava fazê-lo aceitar a idéia. Expliquei que gostaria de acompanhá-lo em seu trabalho de campo. Disse-lhe que, como um observador leigo, usando minha habilidade jornalística para analisar detalhes num contexto, eu poderia recriar para os leitores a experiência daquele rigoroso trabalho de investigação que ficava apenas sugerindo nas entrelinhas de seus eruditos relatórios. Poderia descrever o comportamento de seus

entrevistados e as características mais sutis que contribuem para aumentar ou mesmo diminuir a credibilidade desses encontros, pois, ainda que subjetiva, a experiência de testemunhá-los forneceria um tipo de informação com o qual também seria possível avaliar os dados coletados. Na verdade, acrescente-se, a avaliação completa da pesquisa seria impossível sem tal experiência.

Stevenson ficou de pensar no assunto.

SEGUNDA PARTE

Beirute

Crianças da guerra

4

O LIVRO DE DANIEL

Líbano. Stevenson estava planejando uma viagem no outono. Para o Líbano.

Lembro-me vagamente de ter ficado surpreso. A última vez em que meu pensamento se voltara para essa trágica esquina do mundo, o Líbano e sua capital, Beirute, representavam o inferno sobre a terra, uma zona de guerra urbana em que todos, sem exceção, eram combatentes. Massacres, seqüestros, assassinatos, bombardeios indiscriminados em áreas residenciais, carros-bomba, terroristas suicidas.

No mês de janeiro, a perspectiva de acompanhar não passava de uma idéia longínqua. Agora, porém, era diferente: o contrato estava diante de meus olhos, a caneta, em minhas mãos, movia-se pela última linha, assinando o meu nome.

Recordei-me de que, vários meses antes, Stevenson enviara-me, pelo computador, uma mensagem com seus planos. Abri o correio eletrônico e ali estava ela:

“Estou prevendo a realização de duas pesquisas de campo nos próximos meses: para a Índia no início de 1998 e para o Líbano no próximo outono.”



Stevenson tinha amigos e colaboradores em Beirute, que ele havia conhecido em suas viagens anteriores. Para eles, os problemas que o país atravessava faziam parte da rotina. Eram comandados por uma mulher, Majd Abu-Izzedin, que trabalhara com Stevenson como intérprete e assistente. Conheciam-se há mais de vinte anos, desde que um professor da Universidade Americana em Beirute a recomendara a Stevenson como uma excelente aluna. Depois que a sua cidade foi reduzida a destroços, ela partiu para os Estados Unidos, estabelecendo-se na Virgínia. Ali pôde levar uma vida pacífica ao lado do marido, Faisal, plantando e vendendo verduras e legumes orgânicos em sua fazenda. Entretanto, eles haviam retornado ao Líbano no verão anterior para que Faisal assumisse um posto no Ministério do Meio Ambiente de seu país. Seu filho de dez anos teve que trocar a pacífica e semi-rural Virgínia por uma vida de incertezas num apartamento em Beirute.

A presença de Majd naquela cidade era uma incrível dádiva para Stevenson. Ela parecia conhecer todas as pessoas e não tinha medo de nada. Vinha de uma família importante na comunidade drusa. Uma das diferenças mais importantes entre os drusos e os muçulmanos ortodoxos é que os primeiros acreditam firmemente na reencarnação – uma crença reforçada pelas várias crianças drusas que afirmaram lembrar-se de vidas passadas.



Viajei com Stevenson de Paris. Depois de horas de vôo, a noite caiu sobre o Mediterrâneo e Beirute finalmente surgiu diante de meus olhos, com uma teia de luzes tremeluzentes em meio ao negro da água. Observei, entretanto, que a teia apresentava alguns buracos. Somente à luz do dia conseguiria entender o que eles representavam: imensas áreas destruídas, algumas abandonadas, outras preparadas para a reconstrução.

Mahmoud, o motorista de Majd, acenava no meio da verdadeira multidão que se aglomerava do lado de fora do terminal. No carro, Majd nos acolheu afetuosamente, exclamando com alegria:

– Tenho boas notícias. Todas as pessoas que você está procurando continuam nos mesmos endereços de dezesseis anos atrás e querem vê-lo.

Stevenson tinha uma série de objetivos a alcançar. Queria fazer novas visitas a algumas pessoas cujos relatos ele havia pesquisado anteriormente, mas que só agora pretendia publicar. Também estava em busca de novos casos envolvendo crianças, não para estudá-los, mas para entregá-los aos cuidados de Erlendur Haraldsson, da Islândia, que havia realizado testes psicológicos nas crianças de Stevenson no Sri Lanka e queria expandir sua pesquisa até o Líbano. Finalmente, planejava visitar novamente algumas das pessoas que havia encontrado há mais de trinta anos, para tentar compreender o papel que as memórias de vidas passadas e alguns comportamentos a elas associados desempenharam no curso de sua existência.

Na manhã seguinte encontrei Stevenson folheando os fichários abarrotados de anotações e resumos de casos relacionados às suas pesquisas de campo.

Uma das pessoas que Stevenson queria rever era Daniel Jirdi, que, quando criança, declarara lembrar-se da vida de Rashid Khaddege, um mecânico que havia morrido aos vinte e cinco anos num acidente de automóvel. Daniel tinha apenas nove anos da última vez que Stevenson e Majd o entrevistaram, dezoito anos antes.

Fiquei satisfeito ao ler o resumo do caso: havia muitos detalhes que, se resistissem a uma averiguação cuidadosa, seriam de grande importância. Para começar – e essa é uma característica presente em todos os casos de Stevenson –, a vida lembrada por Daniel era totalmente comum, sem qualquer brilho: Rashid era um operário, solteiro, sem filhos, desconhecido, morto num acidente rotineiro – uma pessoa que dificilmente faria parte das fantasias de uma criança. Mais importante ainda: as famílias envolvidas não se conheciam previamente. Se fosse verdade, seria difícil explicar como uma criança poderia fornecer dados precisos sobre a vida de um operário desconhecido, que morava numa comunidade diferente da sua e que havia morrido um ano antes de seu nascimento. Além disso, Daniel começara a fazer tais afirmações assim que foi capaz de falar, o que diminuía ainda mais a possibilidade de fraude. À medida que a criança vai ficando mais velha, torna-se mais consciente do ambiente que a rodeia e sua capacidade verbal aumenta, assim como seu contato com o mundo fora de casa. Como pai, posso afirmar que, aos cinco anos, as crianças colecionam todo tipo de informações e repetem-nas a todo instante, surpreendendo seus pais: “Onde será que ela aprendeu uma coisa dessas?”

Mas é absurdo acreditar que uma criança seja capaz de decorar biografias complexas, repetindo-as com precisão, numa idade em que seus colegas ainda estão lutando para aprender os nomes das cores.

Por outro lado, havia um senão na história de Daniel, presente em quase todos os casos de Stevenson: as duas famílias envolvidas se conheceram antes que ele as entrevistasse. Ele não teve a oportunidade de testemunhar a reação da criança no seu primeiro encontro com a família da qual ela afirmava lembrar-se numa outra vida. Também não ouvira a criança falar sobre a sua personalidade passada antes que suas afirmações fossem comprovadas, ou não, pela família do morto. Nesses casos, para verificar se as crianças se referiam mesmo a vidas passadas e se suas revelações correspondiam a fatos vividos por pessoas já mortas, era necessário não só comparar os relatos daqueles que testemunharam o ocorrido como também avaliar a confiabilidade das próprias testemunhas.

As avaliações que Stevenson fazia desses fatores em seus relatórios eram, quase sempre, realistas, cuidadosas e relativamente completas, ainda que um tanto sucintas. Eu sabia que ler sobre os casos seria completamente diferente de avaliar por mim mesmo, olhar nos

olhos das pessoas, sentir a vibração de sua voz, observar a expressão de seu rosto, analisar o ambiente e as circunstâncias ao seu redor.

◆ ◆ ◆

Majd chegou e sentou-se no saguão com Stevenson para planejar as visitas. Comecei a folhear suas anotações sobre o caso Jirdi e encontrei a transcrição de uma conversa quando ela teve co Daniel em 1979, quando ele tinha nove anos. Majd perguntou-lhe sobre as circunstâncias que envolveram o acidente que provocara a morte de Rashid Khaddege, o homem que o menino dizia ter sido:

MAJD: Quantas pessoas estavam no carro?

DANIEL: Seis.

MAJD: Quem estava dirigindo?

DANIEL: Ibrahim.

MAJD: Ele é mais velho que você?

DANIEL: Quatro anos mais velho.

MAJD: Você pode vê-lo?

DANIEL: Não. E, se o vir, eu o mato.

MAJD: Como vai indo a escola?

DANIEL: Muito bem. Sou excelente em matemática.

MAJD: Para qual empresa você trabalhava?

DANIEL: Datsun? Não, Fiat!

MAJD: Onde você trabalhava?

DANIEL: Em Beirute.

MAJD: Como aconteceu o acidente?

DANIEL: Nós estávamos no carro quando um outro passou e os passageiros começaram a nos repreender. Então, o Ibrahim tentou voltar para tomar satisfações, mas o carro rodopiou e bateu. Eles pegaram o meu amigo, que estava ao meu lado, mas me deixaram lá. Depois da batida, todos os que estavam no carro foram encontrados do lado de fora. Também me lembro de cair de uma sacada. É só disso que me lembro.

Li a transcrição várias vezes, sentindo-me fascinado. Essa era a primeira vez que eu podia ver como a criança ia respondendo as perguntas, uma por uma, na primeira pessoa, assumindo a identidade de um morto. O tom prosaico chamava a atenção: a vítima de um acidente fatal contando como fora jogada para fora de um carro e, logo depois, dizendo que era um ótimo aluno em matemática, numa outra vida, quando era apenas um menino.

Também observei que algumas das afirmações feitas por Daniel naquela entrevista entravam em contradição com dados registrados em diferentes partes do relatório e que haviam sido colhidos em outras fontes. Por exemplo, a mãe de Rashid afirmou que havia quatro pessoas no carro, e não seis. Quando perguntado sobre a empresa onde ele (Rashid) trabalhava, Daniel tinha dito Datsun e logo mudara para Fiat, a resposta correta, como se tivesse memorizado as informações e se confundido por um instante. Algumas das informações feitas por Daniel – principalmente o fato de Rashid ter caído de uma sacada – aparentemente não chegaram a ser investigadas. Não consegui encontrar qualquer referência ao assunto nos relatórios.

◆ ◆ ◆

Perguntei a Stevenson sobre a queda na sacada à qual Daniel se referira. Ele me respondeu que, embora pudesse ser interessante, decidira não se dedicar seriamente ao assunto e nem às discrepâncias por mim observadas, uma vez que o menino fora entrevistado muito tempo depois de as famílias terem se encontrado e desenvolvido um relacionamento. Assim sendo, Daniel poderia estar apenas repetindo, com ou sem exatidão, o que ouvira nas conversas entre as duas famílias ou entre outras pessoas que estivessem comentando o assunto. Stevenson considerava contaminadas as declarações feitas pelos sujeitos – assim eram denominados aqueles que tinham lembranças de vidas passadas – depois que eles tivessem tido contato com suas “famílias” anteriores. Sua prioridade era pesquisar afirmações feitas por crianças e confirmadas por uma testemunha antes de qualquer contato entre as famílias envolvidas. Ele observou ainda que nenhuma lembrança era totalmente perfeita, o que poderia demonstrar apenas que a memória em geral apresenta falhas, mesmo quando se refere a uma só vida.

Revedo os relatórios, pude perceber que as informações que os pais de Daniel afirmaram ter recebido dele antes de seu encontro com a família Khaddege eram bastante limitadas. Uma de suas primeiras palavras foi o nome “Ibrahim”, que ele repetia com frequência, sem que seus pais entendessem a razão. À medida que foi crescendo, ficou claro que, na mente de Daniel, o nome estava associado a um grave acidente de automóvel. Quando o menino tinha dois anos e meio, durante um piquenique em família, um adulto tentou dizer “Kfarmatta” (pronuncia-se “far-ma-ta”, apenas com um leve som antes do “f”), nome de uma pequena cidade distante da casa da família Jirdi. Sem perceber que o filho estava ouvindo a conversa, os pais de Daniel ficaram estupefatos quando o menino, que nunca tinha estado ali, disse:

– É assim que se fala – e pronunciou o nome da cidade com perfeição.

Quando chegaram em casa, o pai quis saber onde ele ouvira aquela palavra.

– Eu sou de Kfarmatta – respondeu Daniel.

Algum tempo depois, quando passeavam de carro por Beirute, o menino e a mãe passaram por uma praia chamada Military Beach. Daniel fechou os olhos, cobriu-os com as mãos e começou a chorar, enquanto gritava:

– Foi aqui que eu morri.

Mais tarde, Daniel disse que tinha sido um mecânico e descreveu o acidente em detalhes, contando que o automóvel estava em alta velocidade e que ele havia sido jogado para fora do veículo, ferindo-se na cabeça.

O pai de Daniel dizia-se cético quanto à reencarnação, uma postura não muito rara entre os drusos das grandes cidades. Ainda assim, o comportamento do filho o impressionara. Resolveu, então, enviar um amigo a Kfarmatta para saber se havia alguém na cidade que se enquadrasse na história de Daniel – ele ainda não havia mencionado os nomes “Rashid” ou “Khaddege”. Mas havia detalhes importantes – o nome “Ibrahim”, o lugar e o tipo de acidente, a profissão do morto – que bastariam para que um mero conhecido da família ligasse os fatos. Algum tempo depois, sem qualquer aviso, os Khaddege apareceram para visitar a criança.

Nas entrevistas realizadas por Stevenson em 1979, as duas famílias afirmaram que Daniel reconheceu imediatamente a irmã de Rashid, Najla, chamando-a pelo nome.

Era uma história impressionante. Entretanto, as incongruências da entrevista com o menino ainda me incomodavam. No mínimo eram uma prova da dificuldade de se lidar com testemunhos de qualquer natureza. E eu não estava disposto a esquecer tão facilmente o detalhe de ele ter “caído de uma sacada”. Decidi que, se tivesse uma chance, perguntaria a respeito.



Com essa idéia martelando a minha cabeça, atravessamos Beirute pela primeira vez à luz do dia.

Deixamos o centro e seguimos para o sul, pela estrada costeira. Dali, tomamos a direção leste, rumo às montanhas. Tanques e carros blindados enfileiravam-se ao longo da estrada ou protegiam-se nas carcaças de cimento e aço que um dia formaram o andar térreo dos edifícios.

Quanto mais nos aproximávamos de Kfarmatta, mais desolador era o cenário. As montanhas, onde se concentrava a maior parte da população drusa do Líbano, haviam sofrido pesados bombardeios durante muitos anos. Casas de concreto e pedra, destruídas por explosivos e fogo, espalhavam-se pelas encostas íngremes, formando um estranho contraste com as obras de novas edificações, abandonadas antes de sua conclusão.



Quase duas horas depois que saímos de Beirute, chegamos a uma rua imunda no interior da vila de Kfarmatta. Aquela vila fora o centro de terríveis massacres de drusos civis por milícias cristãs. Os massacres aconteceram de ambas as partes, mas os drusos sofreram de maneira especial. Agora, crianças nascidas depois da guerra observavam, com uma curiosidade preguiçosa, a nuvem de poeira levantada pelo Mercedes.

Seguimos até o final da vila. Mahmoud, então, parou e, pela janela, chamou um rapaz que estava à beira da estrada. Procurávamos por Najla Khaddege, a irmã mais velha de Rashid, o homem que Daniel afirmara ter sido numa vida passada.

– É preciso saber o nome do pai. Assim, é sempre possível encontrar a casa – explicou Majd. – Mesmo que esteja morto há mais de quarenta anos, é o nome do pai que eles conhecem.

Efoi o que aconteceu. Naim Khaddege, o pai de Rashid, desaparecera em 1948, na guerra contra Israel. A família nunca soube ao certo o que aconteceu com ele. Mas logo que Majd mencionou seu nome o homem apontou para a direção de onde estávamos vindo. A casa estava no lugar onde uma vala engolia a estrada.

Era um prédio de três andares, construído com simples blocos de concreto. Majd saltou do carro, contornou a vala e, ao retornar algum tempo depois, disse que Najla estava em Beirute, mas Muna, a irmã mais nova de Rashid, estava na casa.

– O motivo de minha demora é que ela estava me falando de um novo caso – disse Majd. A filha de Muna, Ulfat, de vinte e um anos, lembrava-se de ter sido uma das muitas jovens assassinadas pelos cristãos durante a guerra civil.

Stevenson ficou desapontado ao ouvir a idade da moça. Eu me senti atordado e um pouco temeroso com a novidade. Nosso primeiro dia, nosso primeiro contato, e já tínhamos um novo caso. Era bom demais para ser verdade. Acompanhamos Majd de volta ao apartamento.

Fomos recebidos por Muna uma senhora de meia-idade, que usava um *mandeel* – um lenço de cabeça branco que significa devoção religiosa. Eu havia sido alertado para não estender a mão para uma mulher que usasse um *mandeel*: mulheres drusas casadas e religiosas só podiam ser tocadas por quem fizesse parte de sua família mais próxima.

Muna convidou-nos a sentar num sofá rasgado e trouxe três latas de suco de abacaxi e canudos numa bandeja de prata manchada. Enquanto bebíamos, ela ia contando a Majd sobre as intensas e terríveis lembranças que sua filha tinha de encarnações anteriores, quando recebera facadas no peito e tivera o corpo dilacerado, aberto em forma de cruz. A moça se recordava de ter passado por um enorme sofrimento antes de morrer.

Muna contou que, quando criança, Ulfat tinha uma irreprimível aversão a facas. Disse ainda que a filha também se lembrava que, enquanto era torturada, vira pela janela uma amiga de nome Ida e, então, gritara por socorro. Mas Ida era cristã e nada fez para ajudá-la. Ao relatar esse fato, os olhos de Muna encheram-se de lágrimas. Ela explicou que era comum que as vítimas de massacres fossem abandonadas pelos amigos e vizinhos, pois eles tinham medo de ajudá-las. Não raro, os corpos eram deixados no lugar onde haviam caído e ali apodreciam. Só eram enterrados após a partida dos cristãos.

Pelos dados fornecidos por Ulfat quando criança, a família de Muna conseguira localizar uma moça que havia sido morta num massacre na cidade de Salina.

Eu quis saber se eles já conheciam a outra família. Majd traduziu a minha pergunta. Muna fez um sinal negativo com a cabeça.

Naquele instante, a porta se abriu e uma mulher de cabelos longos e negros entrou na sala. Era Ulfat. Estava acompanhada do irmão e um amigo. Ambos usavam calças *jeans*, camisetas e bonés. Tinham uma postura desleixada, como se fossem dois típicos adolescentes norte-americanos. Ulfat usava um blusão, calças *jeans* e botas, mas os brincos de prata e a maquiagem conferiam-lhe feminilidade.

Mina explicou o motivo de nossa visita e perguntou-lhe se poderíamos fazer algumas perguntas.

– Não me incomodo. Podem me perguntar em inglês, se quiserem – respondeu Ulfat.

Não era como eu imaginava. Esperava encontrar vilas com casebres de chão poeirento, pessoas com roupas tradicionais e costumes totalmente estranhos. Sabia que alguns dos críticos de Stevenson questionavam o fato de ele usar tradutores, por considerarem que ele não poderia ter certeza de que a tradução era precisa e não seria capaz de compreender um contexto cultural diferente do seu. Entretanto, o ambiente ali não era mais exótico do que, por exemplo, a casa de meus vizinhos cubanos em Miami, onde os pais falavam mal o inglês e os filhos ouviam CDs de música *heavy-metal*. E ali estava uma pessoa com uma experiência de vidas passadas que possuía um videocassete e falava inglês com sotaque americano.

Ulfat sentou-se numa poltrona em frente à mãe e nós começamos a fazer perguntas. Contou que era universitária em Beirute e que não sabia o que iria fazer quando terminasse os estudos.

Ela ainda se lembrava de sua vida anterior?

– Não muito, apenas nomes. Quando eu era criança costumava falar sobre isso, mas agora já me esqueci. Lembro-me do meu nome e sobrenome, do dia em que morri e de como aconteceu.

O nome por ela lembrado era Iqbal Saed.

– No dia em que morri, lembro-me de cada detalhe do que aconteceu.

– Então conte-nos o que você se lembra – disse.

– Era noite. Eu estava caminhando. Tive medo de entrar numa viela, mas não havia outro caminho. Notei a presença de uns quatro homens armados. Assim que eles me viram, atiraram na minha perna. Quando me abaixei e pus a mão na ferida eles viram as jóias que eu estava escondendo na blusa. Então eles me pegaram. Antes de me matar, me torturaram muito. Não consigo me lembrar bem dessa parte. Mas lembro do momento em que me mataram. Quando fecho os olhos, eu lembro. Posso ver como eu estava andando, posso ver tudo o que aconteceu naquela noite.

– Quantos anos você tinha? – perguntou Stevenson.

– Vinte e três.

– Você se lembra de ter essa idade? Ou alguém lhe disse a idade que Iqbal tinha quando morreu?

– Eu me lembro que morri jovem, mas eles me disseram que eu tinha vinte e três anos.

– Você frequentou a escola em sua vida passada?

– Não acredito que eu tenha ido à escola.

Sentindo-me fascinado, rabisquei algumas anotações. Ela falava com naturalidade – melancólica, mas sem rodeios.

– Como você se sente em relação a essas memórias? – perguntei.

– Elas me incomodam – disse Ulfat, num repente. Fez uma pausa e prosseguiu. – Quando eu era criança, sempre sonhava que alguém vinha me matar, mas agora não tenho mais esses sonhos.

Stevenson pediu a Majd que perguntasse a Muna se ela conhecia alguém em Salina, a cidade onde Iqbal morreria. Muna respondeu:

– Não, é muito longe daqui.

– Você tem alguma marca de nascença? – perguntou Stevenson a Ulfat. Essa pergunta referia-se a um dos focos mais atuais das pesquisas de Stevenson: verificar marcas de nascença que, aparentemente, correspondessem a feridas ou imperfeições em outras vidas.

Ulfat disse que não.

– Alguma dor inexplicada?

– Não.

– Alguma dificuldade física?

De certa maneira, eu esperava que a moça citasse algum detalhe só para agradá-lo. Mas ela continuava negando:

– Nada disso – concluiu Ulfat.

– A próxima pergunta é para Muna – disse Stevenson. – Ulfat teve alguma dificuldade para aprender a andar?

Não, a menina andou aos onze meses.

Muna continuou a falar e, logo depois, Majd traduziu: durante a maior parte dos primeiros anos de vida de Ulfar, Muna estivera fora do país. Foi sua irmã, Najla, que esteve presente na ocasião em que apareceram os primeiros sinais das lembranças de vidas passadas. Najla contara a Muna que certa vez, quando Ulfat começava a dar os primeiros passos, ela ouviu dizer que os cristãos iriam chegar na vila. A menina correu, escondendo-se atrás do sofá e disse:

– Eles vão me matar (e desenhou uma cruz no peito), como fizeram da outra vez.

Decidi inquirir Muna sobre o fato de Daniel ter se lembrado da queda de uma sacada. Para evitar que a pergunta induzisse a uma determinada resposta, pedi a Majd que indagasse apenas se Rashid havia sofrido algum acidente quando criança. Muna pareceu surpresa e respondeu numa rápida explosão de palavras. Não se lembrava de Rashid ter se envolvido num acidente, mas ele havia caído de uma varanda, aos onze anos, junto com a irmã mais nova, Linda. A queda tinha matado a menina.

Minha insistência no assunto parecia incomodar Stevenson.

– É uma pergunta para Najla. Ela deve saber.

Talvez ele pensasse que minha intenção era apontar falhas na história de Daniel. Ele já me havia dito que aquela entrevista não era válida como prova. Mas eu estava intrigado. Afinal, cair de uma sacada não é um acidente comum na vida de uma criança.

Seria aquela lembrança uma memória confusa, relacionada à imensa dor de perder a irmã mais nova? Ou será que, num de seus encontros, ela ouvira a família Khaddege contando velhas histórias e incorporara a mais traumática de todas ao seu repertório de “memórias” sobre Rashid?

Deixamos a casa e seguimos pelas montanhas. Nosso destino era Aley, uma cidade bem maior, com uma ampla rua principal, onde edifícios de pedra abrigavam lojas, restaurantes e escritórios.

Eu tinha muito o que pensar durante a viagem. Primeiro, ficara impressionado com o refinamento e a naturalidade de Ulfat. Estava claro que ela não gostava de falar sobre suas

“memórias” – o fizera para nos agradar. Seu rosto e sua voz estavam carregados de tristeza. Aquelas lembranças não lhe trouxeram benefícios, nem atenção especial – na verdade, não tinham nenhuma importância no seu ambiente imediato. E, quando Stevenson lhe perguntou se sentia alguma dor que pudesse estar relacionada ávidas passadas – um convite para que enfeitasse sua história, caso quisesse impressionar a todos –, ela respondeu, sem hesitar, com um sonoro “não”.

Por outro lado, os terríveis detalhes de suas memórias – as jóias escondidas na blusa, a amiga cristã que tinha ignorado seus apelos, a cruz gravada em seu peito – eram concretos demais, refletindo a agonia da experiência vivida por Ulfat. Visualizei uma criança vivenciando a aflição e o horror ao seu redor, e, mais tarde, vendo-os emergir numa metáfora pessoal. Talvez, em algum lugar, ela tivesse entre ouvido alguém contando uma história sobre uma moça chamada Iqbal que fora massacrada daquela maneira. Talvez ela tivesse dado aquele nome ao seu próprio medo, imaginando ser ela própria a personagem da história.

As palavras de Ulfat deram origem a milhares de perguntas e apontaram para inúmeras direções. Percebi que acabara de testemunhar a fase inicial de uma pesquisa, a resposta para uma questão: como Stevenson conseguia localizar aquelas pessoas? Isso não parecia ser difícil nas colinas drusas do Líbano. Na verdade, algumas vezes essas pessoas simplesmente batem à sua porta.



A distância até Aley, em linha reta, era de menos de dezesseis quilômetros, mas levamos quase uma hora para percorrer o caminho sinuoso. Atravessamos toda a cidade, passando pelo centro. A destruição ali era ainda pior: nas colinas, áreas inteiras estavam em destroços. Tudo o que não havia sido reconstruído estava desabando. Perguntei a Majd a respeito e ela murmurou algo sobre “o *New Jersey*”.

– O quê? – perguntei.

– O *New Jersey* – ela respondeu. – Um navio de guerra norte-americano que bombardeou as colinas dessa região. Ele fez um grande estrago.

É incrível como ficamos alheios aos acontecimentos quando estamos em segurança e confortavelmente instalados do outro lado de um ou dois oceanos. Quando voltei para o meu país, perguntei a vários amigos, jornalistas profissionais, se eles se lembravam de ter lido a respeito do bombardeio do *New Jersey* ao Líbano. Nenhum sabia anda. Procurei nos arquivos do jornal e me deparei com a notícia de que, no dia 8 de fevereiro de 1984, os canhões do couraçado *New Jersey* e do contratorpedeiro *Canon* atiraram mais de 550 bombas nas montanhas a leste de Beirute, provocando a morte de dezenas de civis, entre eles mulheres, crianças e idosos.



Atravessamos a área mais devastada de Aley e paramos diante de um edifício de cinco andares. Daniel Jirdi, agora com vinte e sete anos, morava ali com seus pais, sua jovem esposa e sua filha recém-nascida. No vidro fosco de uma das janelas surgiu o rosto redondo e agradável de um homem corpulento, que logo abriu a porta. Seu rosto se iluminou.

– Dr. Stevenson – disse ele, em inglês. – O senhor não mudou nem um pouco.

Daniel estava vestido como se fosse passar a noite dançando num bar de música *country*. Na têmpora direita, uma mecha branca contrastava com o negro profundo dos cabelos. Fomos saudados pela esposa de Daniel, uma linda moça de feições delicadas, que nos cumprimentou repetindo formalmente, em inglês:

– Bem vindos à nossa casa.

Mais uma vez, Stevenson desafivelou a pesada maleta, tiro as pastas de papel manilha, procurou as fichas que usaria para dar continuidade à sua pesquisa e começou a fazer perguntas.

Ele ainda tinha lembranças?

– Claro – disse Daniel. – Muitas lembranças. Tudo.

Contou que ainda visitava sua “outra família” uma ou duas vezes por mês. (“Eu também”, disse a esposa, sorrindo. “Tenho duas sogras e dois sogros.”) No mês anterior, sua mãe de outra vida tinha ido visitá-lo, levando um presente para a filha de dois meses. Ele costumava passar algum tempo com sua outra família “mesmo durante a guerra civil”, dormindo num quarto que mantinham especialmente para ele.

“Um bom negócio”, pensei. Através da história, em todas as sociedades, o apoio com que se pode realmente contar vem da família. Quanto mais ampliamos o conceito de “família”, melhor a situação em que ficamos. A principal maneira de alcançar isso sempre foi o casamento. Aparentemente, os drusos têm uma segunda opção: que a família de um morto considere plausível a alegação de que tivera uma outra identidade, numa vida passada.

Esse fato não implica que as alegações sejam fraudulentas, mas ressalta uma importante vantagem que pode ser uma motivação para que sejam, consciente ou inconscientemente, inventadas.

Por outro lado, também significa que, por todo o Líbano, famílias que tinham toda a possibilidade de verificar a precisão das afirmações feitas por uma criança e que tinham motivos para tomar todo o cuidado em aceitá-las acabaram por reconhecê-las como verdadeiras de uma forma tão irrestrita que resultou em relacionamentos que duram a vida inteira.



Stevenson remexia os papéis em seu colo, enquanto aguardávamos em silêncio. Ele localizou uma página de seus arquivos que continha antigas anotações de uma entrevista com uma pessoa que afirmara que Daniel tinha fobia a carros de corrida. Esse fato estaria ligado à morte de Rashid num automóvel em alta velocidade.

Em vários de seus casos, Stevenson ficara intrigado ao observar que as crianças pareciam apresentar fobias que, de alguma maneira, relacionavam-se às suas memórias de vidas passadas. Essa era a razão de seu ceticismo quanto à idéia que há por trás da regressão hipnótica a vidas passadas – a de que “reviver” traumas de outras vidas, através da hipnose, faria desaparecer os sintomas que o paciente apresenta em sua vida atual.

– Quase todas as crianças que estudei lembram-se com detalhes de traumas de vidas passadas – disse-me ele. – Isso não impediu que elas apresentassem fobias.

Entretanto, ao ser perguntado sobre seu medo de carros de corrida, Daniel mostrou-se surpreso.

– Eu adoro corridas de Fórmula 1 v explicou.

Stevenson fez algumas anotações e prosseguiu:

– Quem estava dirigindo o carro quando houve o acidente?

– Ibrahim – respondeu Daniel. Depois, fez uma pausa e pareceu sorrir como se tivesse um segredo. – Eu o vi pela primeira vez há cinco anos.

– Ibrahim?

– Sim. Eu estava em Kfarmatta com Akmoud, um primo de Rashid, para visitar pela primeira vez o túmulo de Rashid. Vi Ibrahim e o reconheci. Disse para Akmoud: “Aquele é Ibrahim.”

– Como você se sentiu?

– Não gosto muito dele.

Stevenson explicou:

– Rashid costumava dizer: “Se quiser morrer, entre num carro com Ibrahim.”

Comecei a lembrar da transcrição da entrevista com Daniel, dezoito anos antes. Ele culpava Ibrahim pelo acidente, contando que estavam em alta velocidade e, ao serem repreendidos pelos passageiros de um outro carro, Ibrahim, aparentemente com raiva por ter sido censurado, tentou retornar e alcançar o outro automóvel, perdendo o controle do veículo.

– Quais são as suas lembranças em relação ao acidente? – perguntei.

Ele nem esperou a tradução.

– Era um conversível – afirmou. – Eu dizia para Ibrahim: “Devagar, não corra.” Então, lembro-me de estar no chão.

– Você disse que visitou o túmulo de Rashid. Como se sentiu?

Silêncio. Um sorriso.

– Pensei: “A morte não é assustadora.”

Decidi que seria um bom momento para perguntar a respeito de algo que ele havia mencionado quando tinha nove anos: a lembrança de ter caído de uma sacada.

– Eu não estava falando de Rashid, que morrera um ano e meio antes de Daniel – disse ele. – Era uma outra vida.

– Uma vida intermediária – concluiu Stevenson.

Daniel pediu licença e foi até o quarto. Voltou trazendo a fotografia de um rapaz – Rashid.

– Quando você olha para essa fotografia sente que está olhando para si mesmo? – perguntei.

– Sinto – disse ele. – Sem dúvida.

Perguntei se ele era capaz de consertar carros. Respondeu rindo:

– Nessa vida atual, não.

Enquanto Mahmoud acelerava montanha abaixo, mergulhando nas luzes dos faróis que vinham na direção oposta, minha mente exausta continuava lutando contra as últimas palavras de Daniel: ele não tinha habilidade para consertar carros.

Se esse fosse mesmo um caso de reencarnação, havia uma pergunta: exatamente que parte do morto teria voltado? Daniel não demonstrava ter as habilidades aprendidas por Rashid e nem suas aptidões inatas. Suas truncadas “memórias” eram apenas fragmentos de vinte e cinco anos de uma vida.

Entretanto, ele olhava para o retrato do rapaz e pensava: “Sou eu.” Nutria um sentimento de afeição pela família de Rashid como se fizesse parte dela. Reconhecera Ibrahim.

Este era um assunto que Stevenson desconhecia. Acontecera há apenas cinco anos. E havia uma testemunha – alguém que seria possível localizar.

A VELOCIDADE MATA

Um pedaço de papel ficara guardado nos arquivos de Stevenson em Charlottesville durante vários anos. Nele, uma lista do que ainda precisava ser feito no caso de Daniel. Um dos itens: verificar notícias publicadas em jornais sobre a morte de Rashid. É óbvio que um relato desinteressado da época do acidente confirmando as lembranças alegadas por Daniel, acrescentaria uma veracidade que ultrapassaria muito os limites dos emocionados testemunhos prestados por membros das duas famílias envolvidas.

Mas não seria fácil encontrar tais notícias: a maioria dos jornais que existiam em 1968 não sobrevivera às décadas de guerras, e os arquivos dos restantes talvez tivessem sido destruídos. Majd chegou ao hotel na manhã de terça-feira trazendo o endereço do mais importante dos sobreviventes, um matutino chamado *Le Jour*.

Um elevador pequeno e mal cuidado levou-nos até o quarto andar de um prédio sem qualquer identificação. Majd explicou o que estávamos procurando: o relato de um acidente de automóvel envolvendo Rashid Khaddege, no dia 10 de julho de 1968, perto da Military Brach, em Beirute. Demonstrando má vontade, um homem dirigiu-se até os arquivos e, após alguns minutos de procura, tirou de lá um cartucho de microfilme, colocando-o num antiquado visor. Rapidamente, as páginas, em árabe, da publicação do dia 11 de julho foram passando diante de seus olhos. “Depressa demais”, pensei.

Dirigindo-se a Majd, ele disse algo que não precisou ser traduzido: não havia nada sobre o acidente descrito. Continuou a pesquisa, agora ainda mais rápida, pelos dias subseqüentes. Finalmente virou-se e balançou a cabeça, confirmando nada ter encontrado.

– Não acho que ele olhou de verdade – disse Majd, aborrecida, quando voltamos para a rua. – Você notou a rapidez com que ele rodou aquele filme?

Ela pegou o telefone celular e fez uma série de chamadas. Eu me movia impacientemente, pensando na importância daquele documento, na pequena possibilidade que tínhamos de localizá-lo e no tempo que perderíamos para fazê-lo. Ainda que os arquivos tivessem sobrevivido, numa cidade grande e caótica como Beirute, acidentes fatais acontecem todos os dias e não era possível garantir que todos fossem noticiados. De pé, ao meu lado, ligeiramente encurvado, impassível, Stevenson não demonstrava preocupação, como se para ele o tempo não importasse.

– Boas notícias – disse Majd, colocando o telefone de volta na bolsa. – A Universidade Americana de Beirute possui o microfilme de todos os jornais mais importantes publicados em 1968. Stevenson decidiu ficar no hotel relendo algumas de suas anotações. Enquanto isso, Mahmoud levou-nos, Majd e eu, até a Universidade Americana, um delicioso oásis de jardins floridos, num terreno aplainado em meio às montanhas que se espelhavam em direção ao mar. Sob a sombra das árvores, um caminho rodeava os edifícios, equipados com os mais modernos computadores e sem nenhum sinal de destruição, onde pessoas elegantemente vestidas circulavam.

Fomos levados ao departamento de microfilmes, que parecia estar localizado num planeta diferente do prédio do *Le Jour*. A sala era ampla, incrivelmente limpa, com arquivos bem etiquetados e modernos visores. Um homem com os modos, a aparência e o sotaque de

Anthony Hopkins em *Vestígios do Dia* nos mostrou seis jornais que estavam em atividade em 1968 e nos deixou pesquisá-los. Fui rodando o filme enquanto Majd lia as notícias. As páginas iam correndo, os dias dançando pela tela numa procissão estonteante Nada. Mais um. Nada. Girei o filme mais uma vez, desanimado. Era inútil. Então, Majd gritou:

– Achei!

Parei de rodar. Ali estava ela, uma pequena fotografia no pé da página: policiais ao redor de um Fiat destruído, com o teto arrancado. Majd traduziu: “Acidente de automóvel em Kornich Al-Manara.”

O artigo começava dizendo que “um acidente de automóvel aconteceu ontem em Manara Corniche, causando a morte de um dos passageiros”. Dizia que Ibrahim estava dirigindo o Fiat, “tendo ao seu lado Rashid Naim Khaddege, o proprietário do carro. Ibrahim tentou, em alta velocidade, alcançar um outro veículo, resultando em múltiplas capotagens e na morte instantânea de Rashid Khaddege”.

Não esperava tal impacto. Ali, na tela, no interior obscuro de um jornal publicado dezoito meses antes do nascimento de Daniel Jirdi, três anos antes de ele afirmar que havia morrido num acidente de automóvel, estava um relato de uma fatalidade rotineira que correspondia quase exatamente à história contada pela criança: Military Beach, alta velocidade, Ibrahim dirigindo um Fiat, Rashid jogado para fora do veículo. Ele havia contado tudo aquilo. E estava escrito: “*tentou, em alta velocidade, alcançar um outro veículo*”.

– Majd, é exatamente o que Daniel disse.

Majd olhou para a tela com mais atenção:

– Não, espere – disse ela. – Cometi um erro. Estava traduzindo rápido demais. Ele não menciona outro veículo. Ele diz “tentando, em alta velocidade, alcançar uma *curva*”, e não um outro veículo.

– Quem sabe eles simplesmente não mencionam o outro veículo ou nem sabiam de sua existência – respondi. – Isso não quer dizer que ele não estivesse lá. Mas existem algumas contradições com o depoimento de Daniel. Ele disse que era um conversível. A fotografia não está muito clara, mas esse caro, definitivamente, tem um teto. Parece quase arrancado, mas está lá. E o artigo diz que o caro era de Rashid. Daniel disse que era de Ibrahim.

– O jornal deve ter se enganado – falou Majd. – A família de Rashid nos falou que ele jamais teve um automóvel.

Imprimimos uma cópia da notícia e voltamos para o hotel. Já era quase meio-dia quando chegamos: uma manhã inteira dedicada a verificar um único item de uma lista que fazia parte de um entre milhares de arquivos, contendo dezenas de milhares de itens ainda pendentes. Levaríamos a vida inteira para cumprir todos eles. Stevenson não tinha todo esse tempo.

Ele olhou para o artigo impresso, sorriu e ouviu a tradução de Majd sem fazer comentários.

– Gosto de ter o maior número possível de documentos – disse Stevenson, enquanto guardava o artigo em sua abarrotada pasta. – Até mesmo os melhores casos costumam apresentar lacunas.

Dizendo isso, saiu do hotel e dirigiu-se imediatamente para o carro. Tínhamos um encontro com a família Khaddege na casa de Muntaha, a mãe de Rashid, que morava no centro de Beirute.

O filho de Muna, sobrinho de Rashid, um dos meninos que tínhamos visto no nosso primeiro dia em Kfarmatta, nos convidou a entrar numa sala de paredes azuis, manchadas, cobertas de marcas de pregos. No meio da sala, uma mesa de centro, e sobre ela, a fotografia do casamento de Daniel Jirdi, o filho que eles acreditavam ter perdido e recuperado através da reencarnação.

Muna nos recebeu como se fôssemos velhos amigos. Sentado numa cadeira à nossa frente, estava um rapaz magro, bonito, um pouco calvo, vestindo calças *jeans* e camisa pretas. Fiquei feliz ao saber quem ele era: Akmad, o primo de Rashid, a testemunha do momento em que Daniel, espontaneamente, reconheceu Ibrahim. Senti que ele estava ansioso para conversar conosco, mas foi Muna quem começou a falar. Majd traduziu.

Antes da morte de Rashid, Muntaha estava tricotando um suéter para ele. Um dia, depois que começaram a visitar Daniel, o menino lhe perguntou:

– Você terminou de fazer o meu suéter?

Muntaha procurou o trabalho inacabado onde o havia guardado anos atrás, após a morte de Rashid. Desmanchou a parte já feita e usou lã para tricotar uma peça menor, que ofereceu a Daniel.

Quando ela acabava de contar a história, a porta de um dos quartos se abriu de repente. Emoldurada pelo retângulo vazio estava uma mulher já velha, observando-nos através da fenda de um xale de cabeça que descia até as sobancelhas e subia até o nariz, deixando à mostra apenas uma pequena parte de seu rosto miúdo e enrugado: Muntaha. Muna pegou-o pelo cotovelo e ajudou-a a sentar. E prosseguiu:

– Minha irmã, minha mãe e eu estávamos aqui, nesta casa, quando uma vizinha veio nos contar que Rashid tinha sofrido um acidente. Minha mãe perguntou: “Ele morreu?” A mulher disse que não sabia. Corremos para o hospital, mas ele já estava morto.

Uma das afirmações de Daniel sobre Rashid era de que ele tinha batido a cabeça quando foi jogado para fora do automóvel.

– Os médicos lhe disseram onde ele foi ferido? – indagou Stevenson.

– Não – respondeu Muna. – Ele já estava morto. Nós não perguntamos. Mas vimos o corpo. Tinha uma atadura na cabeça.

Alguns anos mais tarde, um conhecido contou para a família que Rashid havia renascido na casa dos Jirdi, em Beirute. Isso foi em 1972. Muna, Najla e uma amiga foram conhecer o menino.

– Daniel não me reconheceu, provavelmente porque eu havia mudado muito. Depois da morte de Rashid, passei a cobrir a cabeça e usar vestidos compridos – disse Muna. – Mas ele viu Najla e chamou-a pelo nome.

– Os Jirdi as estavam esperando? – indaguei.

– Não, chegamos de repente, sem avisar. Não conhecíamos a família. Daniel ficou muito contente quando nos viu. Ele disse à mãe: “Traga bananas para Najla e faça café, porque minha família está aqui.” Ficamos abismadas. Rashid gostava tanto de bananas que minha mãe e Najla pararam de comê-las depois de sua morte, pois faziam com que se lembrassem de sua tristeza.

Akmad, que estivera calado até o momento, pigarreou e começou a falar sobre o encontro entre Daniel e Ibrahim, que diferia um pouco do que o primeiro havia nos contado. Segundo Daniel, ele tinha visto Ibrahim quando se encaminhava para o túmulo de Rashid. Akmad afirmou que Daniel pedira para ser levado até a casa de Ibrahim.

– Estávamos caminhando numa rua a poucos quarteirões da casa quando vi Ibrahim trabalhando num automóvel. Eu não disse nada, porque queria testar Daniel. Mas ele foi logo dizendo: “Aquele é Ibrahim.”

Akmad continuou a testá-lo, afirmando que ele estava enganado, que aquele não era Ibrahim, mas Daniel insistia em dizer que era. Ibrahim levou-os até sua casa, sem saber que era aquele rapaz.

– Eu não os apresentei. Então, Daniel perguntou a Ibrahim: “Alguma coisa aconteceu com você em 1968?” Ibrahim respondeu: “Não me lembro.” Mas depois disse: “Sim, eu me lembro. Tive um acidente e meu primo morreu.” E Daniel falou: “Eu sou o seu primo.”

Ibrahim chorou, atordoado durante quinze minutos. Ele já ouvira falar de Daniel, mas nunca o tinha visto.

– Ibrahim fugiu depois do acidente. A polícia nunca investigou – disse Muna, o rosto amargo, esfregando as mãos como se quisesse livrar-se de algo que a incomodava.

– Durante muito tempo – continuou Muna –, Muntaha não falou mais com Ibrahim. Ele sempre lhe dizia: “Dirija devagar, Rashid é meu único filho.” Eles só recomeçaram a se ver durante a guerra, quando as duas famílias fugiram de Beirute e foram para as montanhas.

Perguntei a ela sobre o item do artigo do jornal que contradizia as memórias de Daniel. O dono do automóvel era Rashid?

– O carro era de Ibrahim – disse ela. – Rashid não possuía nenhum automóvel.

Já na ruína, fiamos sob uma marquise, tentando nos proteger da chuva forte que começara a cair.

– Muna me contou algo muito interessante quando estávamos saindo – comentou Majd. – Disse que Rashid ficara noivo cinco dias antes do acidente.

“Muito estranho”, pensei. Daniel parece ter nascido com outras memórias da vida de Rashid e, aparentemente, nunca havia mencionado o fato de estar noivo. Mais uma vez refleti sobre a natureza fragmentária das memórias de vidas passadas. Eram como uma cópia de carbono malfeita – aqui e ali identificava-se uma palavra, até mesmo uma frase, mas era impossível ter uma idéia do documento inteiro.

Lembrei-me das palavras de Stevenson, quando lhe perguntei por que mesmo entre os drusos, onde tais casos eram relativamente comuns, ainda era rara a ocorrência de memórias de vidas passadas.

– talvez porque lembrar seja uma falha – disse ele. – Talvez devamos esquecer, mas algumas vezes acontece uma disfunção nos nossos sistemas e não esquecemos completamente.

Na manhã seguinte, voltamos a Aley, para visitar Latifeh, a mãe de Daniel, que não estava presente em nossa última entrevista. Stevenson queria rever alguns dos pontos iniciais daquele caso: o que Daniel dissera quando criança e como ele se encontrara pela primeira vez com a família Khaddege.

No apartamento de Daniel, depois de trocarmos gentilezas, Stevenson, desdobrando um mapa da cidade, pediu a Latifeh que apontasse sua casa em Beirute, o lugar onde Muna e Najla foram encontrar Daniel pela primeira vez. Ela indicou um ponto a menos de dois quilômetros da casa da família Khaddege, um caminho que poderia ser feito facilmente a pé. Depois da visita das duas irmãs de Rashid, Latifeh levou Daniel para visitar a mãe do rapaz.

– Da primeira vez que fomos lá, não conhecíamos bem a vizinhança – disse Latifeh. – Estacionamos na rua principal e Daniel nos conduziu pelo resto do caminho.

Não pediram orientação a Muna e Najla porque pensaram que a casa de Kfarmatta era a única que a família possuía. Segundo Latifeh, eles só souberam da existência da casa dos Khaddege em Beirute através de parentes da família, que, por coincidência, eram seus vizinhos em Aley.

Olhei para Stevenson e imaginei se ele estaria pensando o mesmo que eu. Uma das características mais convincentes dos seus melhores casos era a ausência de qualquer contato entre as famílias envolvidas, antes que as memórias da criança comessem a se manifestar. Se as famílias jamais tivessem se encontrado e se não houvesse amigos em comum, era impossível a criança ter obtido informações a respeito de sua personalidade anterior. Até o momento, a história de Daniel parecia se enquadrar nessa categoria. Mas, agora, essa prerrogativa estava comprometida. Havia um elo potencialmente entre os Jirdi e os Khaddege.

A mãe de Daniel percebeu nossa ansiedade quanto a uma possível contaminação das afirmações feitas pelo filho e tentou nos tranquilizar. A vizinha era amiga de sua mãe, mas nunca havia sequer estado em sua casa.

– Eles alugaram um apartamento perto de minha mãe, em Aley. Mas tenho certeza de que Daniel nunca os encontrou antes de começar a falar sobre sua vida anterior, porque, nessa época, estávamos em Beirute.

– Daniel alguma vez visitou a avó em Aley quando criança? – perguntei.

– Sim, mas eu estava sempre por perto e ele jamais viu esses vizinhos.

“Ainda que fosse verdade”, pensei, “qualquer ligação maculava a história”. Pelo menos, levava a admitir a possibilidade de contaminação. Não era difícil imaginar como poderia ocorrer. Imaginemos que os membros da família Khaddege, em algum momento, tenham contado para a avó de Daniel a triste história de seus primos em Kfarmatta que perderam o filho num trágico acidente de automóvel, pouco antes de seu neto nascer. Então, suponhamos que, ainda pequeno, Daniel fosse visitar sua avó em Aley e começasse a fingir, como faz toda criança, que estava dirigindo um carro. Talvez a avó lhe tivesse dito que esperava que ele, quando crescesse, fosse um motorista cuidadoso, pois não queria perder seu amado neto da mesma forma que os primos dos vizinhos haviam perdido seu filho, num acidente em que um carro em alta velocidade perdera o controle em Military Beach. Ela poderia facilmente ter se esquecido do que tinha dito ao neto. Mas, de alguma maneira, Daniel pode ter se lembrado.

Eu não acreditava que esse tipo de contaminação tão retorcida fosse provável, mas era possível. Não seria de se esperar que uma criança de dois anos ouvisse uma história e lembrasse dela com tantos detalhes, como fez Daniel – o nome do motorista, o fato de o carro ter perdido o controle, de Rashid ter sido jogado para fora, do acidente ter acontecido perto da água, da mãe de Rashid estar tricotando um suéter para ele. Além disso, nenhuma história contada pela avó explicaria os reconhecimentos feitos por Daniel – o caminho para a casa dos Khaddege, a irmã de Rashid, Ibrahim, e outros.

Latifeh contou ainda que, aos dois anos, Daniel falou “Quero ir para casa.” Alguns meses depois, ele disse: “Essa não é a minha casa. Você não é minha mãe. Eu não tenho pai. Meu pai morreu.”

– Ele se recusava a chamar Yusuf de pai – prosseguiu. – Chamava-o pelo nome e dizia: “Meu pai se chama Naim.”

– O que ele disse sobre o acidente? – perguntei.

– Disse que estava em casa comendo *loubia* (um prato feito com vagens) e que Ibrahim chegou e o levou para o mar. Disse que Ibrahim estava correndo. Ele pediu que fosse mais devagar, mas o primo ignorou seus apelos, até que perdeu o controle do automóvel. Ele disse: “Fui jogado para fora do carro e caí de cabeça.” Depois da batida, contou que ouviu as pessoas falando sobre a remoção dos feridos. Quando se aproximaram, ele as ouviu dizer: “Deixe esse aí, está morto.”

Latifeh contou também que, quando Daniel ficou mais velho, depois de já ter se encontrado com a família de Rashid, um primo deste foi visitar a vizinha de sua avó. Seu nome era Jihad e ele e Rashid costumavam caçar juntos. Daniel nunca o vira.

Um dia, durante uma de suas visitas, Jihad e mais algumas pessoas colocaram-se à janela do terceiro andar, esperando que Daniel saísse para brincar. Assim que o viram, alguém o chamou. Daniel olhou para cima e disse:

– Jihad, você está aí? Você ainda tem a sua espingarda de caça?

– Eu estava bem ao lado de Daniel – acrescentou Latifeh. – Ninguém nos disse o que eles iam fazer.

No jardim-de-infância, Daniel disse para a professora que seu nome era Rashid Khaddege. Latifeh nos contou que, quando foi contactada pela escola, inventou uma desculpa

qualquer para não ser obrigada a explicar que Daniel dizia lembrar-se de uma outra vida. Aparentemente, mesmo no Líbano há uma certa relutância em enveredar por esses caminhos.

Tentei imaginar como seria ter um filho que me rejeitasse. Não sei como me sentiria se um de meus filhos, com toda a calma e convicção, me dissesse: “Você não é meu pai.”

Latifeh prosseguiu e Majd traduziu:

– Quando ele dizia essas coisas, eu falava para ele “sou sua mãe”, e ele respondia “minha mãe é *sheikha* (mulher religiosa que cobre o rosto e a cabeça)”. Eu não usava o *mandeel*, mas minha mãe, sim, e Daniel sempre gostou dela por causa disso. Aos três anos, ele apontou para a avó e disse: “Minha mãe é igual a ela.” Eu sabia que ele estava se referindo a uma vida passada. Já tinha ouvido falar de outras crianças que diziam ter tido outras vidas e então, para mim, não era assim tão estranho.

– A senhora sabia que, de acordo com a mãe de Rashid, Daniel, ainda bem pequeno, perguntou-lhe a respeito de um suéter que ela estava tricotando para o filho quando ele morreu, e que ela o desmanchou e, com a mesma lã, fez um suéter para Daniel?

Latifeh riu.

– Guardei aquele suéter por muitos anos. Mas, durante a guerra, quando fomos obrigados a sair de Beirute, deixamos tudo para trás. Quando voltamos, não havia mais nada. Nada.

Ela ainda nos disse que visitava os Khaddege com frequência.

– Gosto deles. Sinto-me aliviada em saber quem era o meu filho e quem era a sua família, pelo bem de Daniel.



Naquela noite, Majd ofereceu um jantar em sua casa em homenagem a Stevenson. A lista de convidados para o jantar incluía antigos diplomatas, embaixadores e delegados das Nações Unidas, assim como ministros e professores da UAB.

Eu procurei conversar com aqueles que foram convidados por causa de seu interesse no trabalho de Stevenson. Dentre eles estava Elie Karam, um psiquiatra cristão que manifestou com veemência sua opinião de que as pesquisas de Stevenson no Líbano não recebiam apoio suficiente.

Os convidados participavam da mesma discussão. Perguntaram a Elie por que, sendo cristão, ele se interessava pelos casos drusos.

– A humanidade pode estar perdendo uma valiosa oportunidade de encontrar as provas da reencarnação – explicou. – Os drusos estão se ocidentalizando com muita rapidez, assimilando costumes. Há tempo de sobra para se provar que a reencarnação é um mito, mas o tempo para se provar sua veracidade pode estar terminando. Se a reencarnação é um fato, a humanidade precisa saber.

Um outro cristão, um ecologista chamado Ricardo Habre, pareceu expressar a opinião da maioria.

– Eu adoraria acreditar na reencarnação – disse ele. – Mas ela desafia a lógica. Se existem tantos casos entre os drusos, por que nunca ouvi falar de pelo menos um caso entre os cristãos?

Mais tarde, durante o jantar, perguntei a Stevenson a que ele atribuía o aparente desequilíbrio na distribuição dos casos.

– Talvez sejamos capazes de, através de nossas crenças, determinar nosso destino – disse ele. – Se você acredita que vai voltar, mas somente como um membro de sua própria crença religiosa, é isso o que vai acontecer. Se você acredita que simplesmente morre e tudo acabou, não volta mais.

Ele bebeu um pouco do vinho e disse, mais para si mesmo do que para mim:

– Todos querem um caso em Iowa. Muito bem, eu vou lhes dar um caso em Iowa. Pode não ser tão persuasivo quanto os libaneses, mas existe.

Após o jantar, vi Ricardo na varanda e fui ao seu encontro.

– Estava pensando a respeito do que você disse sobre relativa falta de casos entre os cristãos. A questão é a seguinte: se você acredita que o poder da crença de uma cultura é forte o suficiente para criar esse delírio coletivo em que crianças se lembram de dados específicos da vida de mortos que desconheciam, não é preciso admitir que isso também funcione de maneira inversa? Que a crença cultural possa reprimir memórias verdadeiras de vidas passadas de tal maneira que elas só apareçam esporadicamente e de maneira fragmentada?

Ricardo rejeitou a idéia:

– A reencarnação simplesmente não faz sentido. Quando participei da conferência da população mundial, no Cairo, perguntei a um druso: “Se todos nós somos reencarnações de outras vidas, como você explica o aumento populacional?” Sabe o que ele me respondeu? “Não existe aumento populacional. O número de pessoas sempre foi o mesmo.”

Ricardo riu com vontade.

Como se pode negar a explosão populacional? Foi nesse momento que eu disse: “Chega.”

6

O AMOR DAS SUAS VIDAS

No dia seguinte, fomos mais uma vez até a área ao sul de Beirute. Diante de nós, a perspectiva de mais de uma hora de tortuosas estradas em meio às montanhas. Enquanto Mahmoud desafiava os caminhões que se aproximavam, perguntei a Majd a respeito do vocabulário árabe relacionado à reencarnação. Pensei ter identificado uma palavra que sempre aparecia em suas traduções: *takamous*.

– Literalmente, significa “trocando sua camisa” – ela explicou. – Os drusos acreditam que o corpo é apenas uma roupa para a alma e que, quando você reencarna, é como se mudasse de roupa. *Takamous* significa “reencarnação” em geral, mas, quando você se refere a uma pessoa que foi reencarnada, deve usar uma palavra diferente: *natiq* para um menino, *nataq* para uma menina. A tradução é: “aquele ou aquela que fala sobre a geração anterior”.

Levei algum tempo para me dar conta da importância dessas palavras. Em inglês o conceito de reencarnação – almas retornando à carne – é de certa forma abstrato. Aqui ele se referia a pessoas que se lembravam de uma vida anterior e afirmavam ter vivido no passado. Não num passado indefinível, mas na geração anterior. Bastante diferente da idéia ocidental de regressão hipnótica em que pessoas se lembram de ter vivido em Waterloo ou na antiga Babilônia (o próprio Brian Weiss afirmou ter visto a si mesmo como um sacerdote da Babilônia, no topo da torre de um templo). Dessa forma é difícil ou impossível obter-se qualquer comprovação.

Esse é o ponto mais extraordinário em relação aos casos do Líbano – todos são passíveis de verificação. Pode-se comparar as memórias às informações dos parentes e do amigo morto.

Apesar de parecer comum que, por várias gerações, as crianças tenham se lembrado de vidas passadas, para muitos libaneses a idéia ainda é novidade. Um artigo de julho de 1977 de uma publicação semanal de Beirute, em língua inglesa, chamada *Monday Morning*, me deu uma idéia da visão que a sociedade secular mais ampla tem desses casos. O título era: A REENCARNAÇÃO DE HANAN MANSOUR e, abaixo dele, estava o seguinte resumo: “Suzy Ghanem, cinco anos, afirma ser a mãe de três filhos adultos, e estes estão convencidos de que ela realmente o é. Uma visão íntima do mais estranho relacionamento familiar no Líbano de hoje.”

Embora não haja pontos de exclamações, eles estão presentes em todo o texto. A história discorre sobre o tema com o mesmo nível de assombro que seria de se esperar num jornal norte-americano:

Suzanne Ghanem tem cinco anos.

Ela insiste em afirmar que não é Suzanne Ghanem.

Ela diz aos pais que se chama Hanan Mansour, que morreu após uma cirurgia nos Estados Unidos e que quer seu marido e filhos de volta.

As famílias Ghanem e Mansour nunca tinham ouvido falar uma da outra. Entretanto, Suzanne (Hanan?) procurou seus filhos e entrou em contato com eles. Agora, os filhos

– todos adultos – estão convencidos de que sua mãe é uma menina de cinco anos que mora em Shwaifat, uma área ao sul de Beirute.

Stevenson estava trabalhando no Líbano há doze meses quando o artigo sobre Suzanne Ghanem foi publicado. Como está sempre atento às notícias locais, viu o artigo e visitou Suzanne em março de 1978, oito meses após a publicação.

Isso foi há vinte anos. Hoje, a menina é uma mulher de vinte e cinco anos.

– Acho que Suzanne foi a pessoa que se lembro do maior número de nomes – disse Stevenson, ao me entregar uma pasta onde, num papel amarelado pelo tempo, li o seguinte:

“Hanan Mansour nasceu nas montanhas Shouf, nos anos trinta. Com apenas dezesseis anos, casou-se com Farouk Mansour, um parente distante. Um ano mais tarde nasceu sua primeira filha, Leila, seguida, dois anos depois, por outra menina, Galareh. Nessa época, Hanan foi diagnosticada com um problema cardíaco e aconselhada a não engravidar outra vez. Mas, em 1962, ela teve um menino. Em 1963, seu irmão, Nabih, que se tornara uma pessoa importante no Líbano, morreu num acidente aéreo. O acidente e a morte de Nabih foram muito comentados por toda a comunidade drusa. Pouco tempo depois, a saúde de Hanan começou a se deteriorar.”

Quando foi entrevistado, há vinte anos, Farouk disse a Stevenson que, dois anos antes de morrer, Hanan conversou sobre a própria morte:

– Ela disse que iria reencarnar e que teria muitas coisas para contar sobre sua vida anterior – falou Stevenson.

Quando tinha trinta e seis anos, Hanan foi a Richmond, na Virgínia, para se submeter a uma cirurgia cardíaca de grande risco. Leila tinha a intenção de ficar com a mãe, mas havia perdido o passaporte e não viajou. Hanan tentou falar com a filha pelo telefone antes da operação, mas não conseguiu. No dia seguinte, ela morreu. Seu corpo foi mandado de volta para Beirute.

Dez dias após a morte de Hanan, nasceu Suzanne Ghanem. Sua mãe, Munira Ghanem, contou a Stevenson, pouco antes do nascimento da filha: “Sonhei que ia ter uma menina. Encontrei uma mulher que abracei e beijei. Ela disse: ‘Eu vou vir para você.’ Devia ter uns quarenta anos. Mais tarde, quando me mostraram o retrato de Hanan, achei que se parecia com a mulher do meu sonho.”

Stevenson releu as anotações.

– Temo que haja uma falha técnica aqui – disse ele, após algum tempo. – Geralmente, pergunto se ela comentou o sonho com alguém para que me seja possível confirmar, mas, nesse caso, não perguntei.

Os pais de Suzanne contaram que ela falou suas primeiras palavras aos dezesseis meses. A menina tirou o telefone do gancho e disse: “Alô, Leila?” Quando, mais tarde, eles ouviram que Hanan tentara se comunicar com a filha antes de morrer, ligaram os fatos. Mas, na época, não faziam idéia de quem seria a pessoa com quem ela estava falando. Quando ficou mais velha, a menina disse que Leila era uma de suas filhas e que ela não era Suzanne, mas Hanan.

Quando lhe perguntaram “Hanan de quê?”, ela respondeu: “Minha cabeça ainda é pequena. Esperem até que ela cresça e talvez eu lhes diga.”

E, segundo seus pais, disse mesmo. Aos dois anos ela já tinha citado o nome de seus outros filhos, de seu marido, Farouk, e de seus pais e irmãos: ao todo, treze pessoas. Ela falava coisas como: “Minha casa é maior e mais bonita do que essa.” Algumas vezes ela dizia para o pai: “Eu te amo. Você é bom para mim, como meu pai, Halim, costumava ser. É por isso que eu aceito você.”

Halim era o nome do pai de Hanan.

Como no caso Jirdi, um amigo que tinha conhecidos na cidade onde a família Mansour morava acabou descobrindo que os fatos ligados à história contada por Suzanne correspondiam à vida de Hanan. Os Mansour ouviram falar da menina de Shwaifat e resolveram visitá-la.

Suzanne tinha cinco anos quando Stevenson a encontrou. Mesmo depois de tudo o que presenciara em suas pesquisas com crianças, ele achou que a ligação da menina às suas memórias de outra vida era excepcional.

– A história acabou criando problemas. Suzanne ligava para Farouk, o marido de Hanan, três vezes por dia. Quando ia visitá-lo, sentava em seu colo e descansava a cabeça em seu peito. Ele se casara de novo, com uma amiga de Hanan, mas estava tão preocupado com a reação de Suzanne que lhe escondeu o fato. Entretanto, a menina acabou descobrindo e cobrou dele: “Mas você me disse que nunca mais amaria outra pessoa.” Farouk não se lembrava de ter dito tal coisa a Hanan. O máximo que admitiu foi: “Bem, pode ser que eu tenha dito algo parecido.”

Chegamos à casa da família Ghanem no final da tarde. Munira e Shaheen, os pais de Suzanne, nos receberam e nos conduziram até uma sala estreita, onde fomos saudados, num inglês perfeito, por Hassam, o irmão mais velho de Suzanne. Alguns minutos mais tarde a moça apareceu.

O artigo do *Monday Morning* dizia que a família da criança “via uma tristeza profunda em Suzy e sentia pena dela”. No final do artigo, o autor relatava que “ao sair, olhei para trás e vi a menina que me observava pela janela. Seus olhos castanhos estavam cheios de lágrimas”.

Agora, em pessoa, os olhos castanhos de Suzanne eram seu traço mais marcante e pareciam mesmo tristes. Vestida com calças *jeans* e um suéter azul, ela ficaria perfeita em qualquer um dos grupos de alunos da Faculdade de Miami, onde dei algumas aulas.

Seu rosto era redondo, sua pele parecia alabastro e sua expressão um tanto fechada. Ela nos olhou diretamente nos olhos, mas como se estivesse bem distante. Disse-nos que completara dois anos de faculdade em Beirute e que agora estava ensinando inglês a crianças de sexta e sétima séries, embora não falasse tão bem quanto o irmão.

Stevenson começou a entrevista da maneira usual, perguntando se ela ainda tinha lembranças de sua vida anterior.

Suzanne hesitou, pareceu não entender bem a pergunta. Porém, antes que Majd pudesse traduzir, Hassam interrompeu, em inglês:

– Ela não admite isso para nós. Talvez admita para vocês.

Suzanne lançou-lhe um olhar incompreensível. Mas Hassam continuou a conversar conosco, parecendo querer explicar:

– Um rapaz que dizia ser a reencarnação do irmão de Hanan quis se encontrar com Suzanne. Ela se recusou porque não queria remexer naquelas emoções. Mais tarde, quando o rapaz morreu, ela ficou muito abalada.

Suzanne levantou-se muito abruptamente e saiu da sala, como se tivesse lembrado de algo que precisasse fazer com urgência. Levei alguns instantes para perceber que ela estava chorando. Hassam prosseguiu, sem demonstrar surpresa pelo comportamento da irmã.

– Suzanne é muito sensível em relação a esse assunto. Houve um caso no qual ela atuou como mediadora entre duas famílias: a anterior, que queria ver a criança reencarnada, e a atual, que não queria permitir o encontro. Ela conseguiu convencê-los a deixar a criança conhecer a primeira família.

Ficamos ali, constrangidos, até que Suzanne voltou, ainda com lágrimas nos olhos.

Stevenson perguntou se ela gostaria de fazer uma pausa.

– Não – disse ela. – Estou bem.

Ele perguntou novamente se ela ainda tinha lembranças.

– Não me recordo de fatos, mas os sentimentos continuam dentro de mim.

– Quando foi a última vez que você viu Farouk?
– Há quatro anos. Ele veio até aqui.
Stevenson dirigiu-se aos pais da moça:
– Quantos anos Suzanne tinha quando parou de telefonar para Farouk todos os dias?
Eles sorriram.
– Não parei – disse Suzanne. – Ainda telefone para ele.
– Com que frequência?
– Sempre que tenho vontade. Talvez mais de uma vez por semana. – Um sorriso irônico se abriu em seu rosto. – Ele tem medo da nova mulher.

Agora ela estava falando em árabe. Majd traduziu a resposta. O que Suzanne sentia em relação a Nadir, a “nova mulher”?

Ela deu uma risada curta e amarga e respondeu em inglês:

– Nada.

– Você a perdoou por ter se casado com Farouk?

– Perdoei – respondeu com um meio sorriso.

Perguntei à mãe de Suzanne, e Majd traduziu, como ela se sentira quando a filha começou a falar sobre uma vida passada, afirmando que pertencia a outra família.

– Não me preocupei – respondeu Muna. – Isso é muito comum. Mas quando Suzanne estava chorando, sofrendo, pegando no telefone e chamando repetidamente pela filha, Leila, sofri com a dor da minha menina.

Alguns minutos mais tarde, Stevenson fez a Suzanne a pergunta com que sempre fechava as entrevistas:

– É bom lembrar-se de vidas passadas?

Depois de tudo o que ouvi, fiquei surpreso quando a moça aprumou o corpo, olhou-o diretamente nos olhos e disse, quase com raiva:

– É bom, sim. Minha família anterior está contente em saber que ainda estou por aqui e eu me sinto aliviada por ter visto de novo meus familiares do passado.

Perguntei a Munira e Shaheen o que eles se lembravam do comportamento de Suzanne, quando criança, que estivesse relacionado às memórias de sua outra vida.

Shaheen disse que quando a filha era pequena, sabia recitar a oração usada no funeral de Nabih.

– Quando ela começava a falar de sua vida passada eu ligava um gravador. Tínhamos uma fita em que ela recitava a oração. Nós a demos para a mãe de Hanan, mas ela morreu e ninguém sabe onde a fita foi parar.

– Aos três ou quatro anos – Hassam acrescentou –, ela deu para a minha mãe uma receita de *namoura* (uma sobremesa típica libanesa), um dos pratos favoritos de Hanan. E antes de aprender a ler e a escrever, ela rabiscou um número de telefone. Tentamos chamá-lo, mas não funcionou. Mais tarde, quando fomos à casa de Hanan, descobrimos que o número estava certo, exceto pelos dois últimos dígitos, que estavam invertidos.

– É muito engraçado. Quando Helene, a irmã de Hanan, vem aqui, fala com Suzanne exatamente como se falasse com Hanan. Ela diz coisas como: “Estive falando com Mira, aquela menina que estudou conosco no primeiro grau.”

De acordo com o artigo do *Monday Morning*, no início a família Mansour ficara cética em relação à história de Suzanne. Eam importantes e ricos e temiam que os Ghanem pudessem estar atrás de algum dinheiro. Mas a menina logo os convenceu quando, entre outras coisas, identificou fotografias num álbum de família. Ela as examinou diante do repórter, que descreveu a cena:

Suzy identificou todos os parentes e disse seus nomes com precisão. “Este é meu irmão Hercule, meu irmão Jason, meu irmão Platô, minha mãe... e essa sou eu. Acho

que estou usando meu vestido preto aqui. Estou reconhecendo o feitio. Olhe como eu estava magra.” Interrompeu-se e a lembrança da dor era visível em seus olhos. “Eu estava muito doente.”

Mas o argumento decisivo, de acordo com o artigo, foi quando Suzanne virou-se para Galareh e perguntou:

– O seu tio Hercule lhe deu as suas jóias? Ele deu para Leila as jóias dela?

Somente a família sabia que Hanan entregara suas jóias para o irmão, na Virgínia, pedindo que ele as dividisse entre as duas filhas.

De acordo com as anotações de Stevenson, Farouk e Galareh haviam confirmado que Suzanne mencionara o desejo de repartir as jóias. Ele também confirmou a história com aqueles que estavam ao lado de Hanan quando ela fez tal pedido

O que eu poderia deduzir de tudo aquilo? O encontro com a família Ghanem me dava a forte impressão de que não se tratava de uma fraude: a emoção era verdadeira demais, a sinceridade da família era visível.

Mas, e o auto-engano?

Seria possível que Nabih Mansour fosse tão famoso a ponto de, nove anos depois de sua morte, uma criança fantasiar ter sido sua irmã? Ou fazer com que os pais da menina interpretassem algumas observações fortuitas como prova da relação de sua filha com a família de um herói morto e as moldassem para que correspondessem a fatos, nomes e relacionamentos que viera a conhecer sobre a família de Nabih?

Mais uma vez, entretanto, como no caso de Daniel e dos Khaddege, nem essas inverossímeis possibilidades explicariam tudo o que Suzanne fora capaz de dizer. Não pude deixar de pensar que poderia haver uma explicação “normal”, apesar de remota, para o conhecimento demonstrado por Suzanne: os Ghanem tinham uma crença tão arraigada na reencarnação que, inconscientemente, manipularam as afirmações da filha. E os Mansour desejavam tão desesperadamente acreditar que Hanan havia retornado que acabaram sendo coniventes, elaborando ainda mais, colocando novas afirmações na boca de Suzanne, através de um eficiente processo de sugestão.

Stevenson havia dito que não entrara em contato com os Mansour nessa viagem, embora os tivesse entrevistado antes. Não sabia se eles concordariam em nos encontrar. Mas eu desejava intensamente estar com eles.

Durante pelo menos meia hora Suzanne permaneceu em silêncio, enquanto a família continuava falando. Então, de repente, sem que ninguém lhe perguntasse, Suzanne contou algo que, segundo ela, jamais havia revelado a ninguém: ela tinha conversado com o rapaz que afirmara ser o irmão de Hanan. Mais do que isso, ela sentira uma profunda ligação com ele. A família ouviu com surpresa:

– Eu estava na vila quando um homem se aproximou de mim – ela começou. – Ele me reconheceu, mas não como Suzanne. Ele me reconheceu como Hanan. Disse que era Nabih renascido. Tinha mais lembranças do que eu. Sua família havia reprimido suas memórias e, talvez por isso, elas ficaram mais frescas em sua mente. Ele me abraçou e me beijou. Eu chorei.

Ao voltar para o hotel, refleti sobre os acontecimentos dos últimos dias e sobre minha reação a eles. Havia uma certeza em minha mente: aquelas pessoas não tinham o propósito de nos enganar. Era difícil imaginar o que alguém lucraria em promover o próprio caso, sobretudo entre os drusos libaneses, onde os casos eram comuns. O relacionamento com a “família anterior” não trouxera qualquer benefício material, e muitas vezes os benefícios emocionais pareciam estar acompanhados por um número equivalente de complicações.

Mas por que eu estava especulando tanto? Por que me recusava a aceitar a explicação mais óbvia: a de que os casos eram verdadeiros?

Naturalmente, fazia parte do meu trabalho ser o mais cético possível em relação ao que estava vendo e ouvindo. As maiores objeções às evidências apresentadas por Stevenson concentravam-se na idéia de que aspectos aparentemente paranormais dos casos poderiam ser explicados através de alguma combinação entre fraude, auto-engano e satisfação inconsciente de um desejo. Mas isso não era tudo. Havia certamente a minha resistência à idéia da “reencarnação”, uma resistência mais emocional do que lógica e racional, manifestada nas perguntas: se existe uma alma, por que ninguém consegue detectá-la? Como ela se move de um corpo para outro? Ela penetra no corpo no momento da concepção? No nascimento? Por que somente um número reduzido de pessoas consegue se lembrar de vidas passadas? Por que essas memórias são tão fragmentadas? Se as almas são recicladas, como se explica a explosão populacional? Evolução?

Não acreditava que nenhuma dessas questões lógicas pudesse destruir sólidas evidências de memórias genuínas de vidas passadas. Meu problema era intuitivo. No mais fundo de mim mesmo, não conseguia sentir um único sinal, por menor que fosse, de uma vida anterior. E meu mais profundo aprendizado em relação à morte das pessoas que amei é a seguinte: elas desapareceram. A força de sua ausência é palpável e assustadora. Mais de dez anos depois da morte de meu pai, eu ainda costumava pegar o telefone e começar a discar o seu número, para, então, me dar conta de uma certeza inelutável – não havia ninguém para quem ligar. Ele não estava lá. E não estava em nenhum outro lugar.

Se a reencarnação é um fato, por que ela não tocou a minha vida? Por que eu não podia pelo menos sentir no meu íntimo a sua possibilidade?



Acompanhei Stevenson à palestra que ele ia proferir na universidade. Eu havia visto o anúncio da palestra, um impresso desconexo de uma página, e por isso surpreendi-me com o público que nos aguardava. Quando chegamos, quinze minutos antes do horário marcado para começar, encontramos o amplo salão de conferências completamente lotado. Stevenson apresentou-se com inteligência, dignidade, descrição e delicadeza. Explicou a origem de seu interesse pelas memórias infantis de vidas passadas e descreveu o âmbito de sua pesquisa, resumindo alguns dos traços em comum e as diferenças entre os casos encontrados por todo o mundo – da Índia e do Sudeste Asiático à América do Sul, Europa e América do Norte, incluindo uma variedade de povos tribais no Canadá.

Quando lhe faziam perguntas, ele refletia antes de responder. Um homem gritou do fundo da sala:

– Alguma vez foi feita alguma tentativa científica para detectar diferenças num corpo, antes e depois da morte, que pudessem ser atribuídas à passagem da alma?

– No início deste século fizeram alguns experimentos, mas nada foi detectado – disse Stevenson. – Deitaram um moribundo numa cama cuidadosamente colocada de forma a ficar em perfeito equilíbrio. A idéia era que, se a cama se desequilibrasse no momento da morte, estaria provado que a alma tem um peso possível de ser detectado. Mas o homem morreu e a cama permaneceu em equilíbrio. Não é inconcebível pensar que, no futuro, em algum momento, possamos detectar cientificamente o que chamaríamos de alma. Mas ela seria constituída de algo além do nosso atual entendimento do universo físico.

Um outro homem levantou-se e disse:

– Doutor Stevenson, o senhor poderia nos dizer qual é a sua mensagem?

Stevenson começou a descrever a forma como coletava informações, conduzia entrevistas e correlacionava os dados obtidos. Quando terminou, o homem explicou:

– Eu disse mensagem e não método.

Houve algumas risadas, mas Stevenson permaneceu calmo e respondeu de uma maneira que me deixou intrigado e, provavelmente, não foi capaz de satisfazer a quem perguntou: disse que gostaria que mais médicos prestassem atenção no seu trabalho, pois a reencarnação poderia trazer luz ao estudo de muitas fobias, marcas e defeitos de nascença para os quais não existe explicação médica. Parecia uma expectativa excessivamente modesta, como se importasse provar a reencarnação para saber, por exemplo, a causa da mancha na testa de Mikhail Gorbachev.

Por outro lado, percebi que Stevenson devia enfrentar isso todos os dias – pessoas que preferiam um profeta a um cientista. Lembrei-me de que, em seu ensaio autobiográfico, ele havia dito: “Minhas crenças não devem influenciar quem quer que seja. Cada um deve examinar as evidências e julgar por si mesmo.”

Após a última pergunta, Stevenson foi rodeado por um grupo de pessoas ansiosas. Uma mulher aproximou-se e chamou-me pelo nome com um sotaque encantador. Levei alguns segundos para identificar quem era: Suzanne. Senti-me alegre ao vê-la, como se fosse uma velha amiga. Ela trazia uma fotografia ampliada do artigo a respeito de seu caso, publicado no *Monday Morning*.

– Imaginei que você gostaria de ter uma cópia – disse ela.

Folheei as páginas. Na primeira, a fotografia de uma menina de cabelos anelados – Suzanne – tendo ao seu lado uma mulher bonita e sorridente. A semelhança entre as duas era visível. Poderia facilmente ser a mãe de Suzanne. Era Galareh Mansour.

– Existe alguma coisa errada no artigo? – perguntei.

– Existe, sim – respondeu. – O nome do meu marido está errado.

Estava se referindo ao marido de Hanan Mansour, Farouk, a quem o artigo chamara de Fayed.

Suzanne parecia muito emocionada com a palestra de Stevenson.

– Foi maravilhosa, não acha? – disse ela. Seus olhos, geralmente sombrios, brilhavam.

Talvez ela se sentisse menos sozinha ao ouvir Stevenson falar da existência de centenas de crianças por todo o mundo que também haviam crescido sentindo-se estranhamente deslocadas. Ou talvez ela estivesse em busca de ratificação.

– Você faria a gentileza de posar para uma foto comigo e o doutor Stevenson? – perguntou timidamente, enquanto tirava uma máquina fotográfica da bolsa. Hassam, seu irmão, tirou uma foto com a câmera dela e outra com a minha. No retrato, Suzanne está no meio, exposta e vulnerável, seus olhos negros e carregados de mistério.

Seis meses mais tarde, no escritório de Stevenson em Charlottesville, ao folhear o grosso arquivo de Suzanne, deparei-me com uma foto do casamento de Hanan Mansour, quando ela era apenas alguns anos mais jovem do que Suzanne é hoje. Ali estavam eles: os mesmos olhos, o mesmo ar grave e misterioso.



Quando saímos do auditório, um homem jovem se aproximou, entregou seu cartão a Stevenson e disse:

– Precisamos conversar. Estou trabalhando em alguns casos muito intrigantes.

Ele explicou que estava associado ao departamento de psicologia da universidade e que queria relatar um caso bastante incomum de reencarnação. Uma mulher que tivera uma experiência de proximidade com a morte, depois de quase morrer e conseguir voltar, declarou que se lembrava de sentir-se abandonar o corpo e renascer no quarto de uma casa que reconheceu pertencer a uma determinada família. Mas, imediatamente, sentiu-se puxada de volta para o próprio corpo. Quando acordou, contou a todos sua experiência. Mais tarde,

descobriram que, enquanto ela passava por aquele problema, na casa da família que ela havia reconhecido em sua visão uma criança havia morrido ao nascer.

Stevenson não demonstrou grande interesse. Sabia melhor do que qualquer um que as histórias ouvidas em segunda mão, na maioria, não conseguiam se sustentar.

– Você tem os nomes e os números de telefone dos sujeitos envolvidos? – perguntou ele. O homem deu um passo para trás.

– Eu lhes telefono – disse ele.

Enquanto tomávamos um uísque antes do jantar, perguntei:

– Acha que aquele homem vai ligar?

– Ele parecia um tanto possessivo em relação ao caso – disse Stevenson tranquilamente. – Eu mesmo tenho alguns casos que chamo de “quase-morte, quase vida”. Um deles era bastante parecido com o que ele descreveu. Havia uma mulher inconsciente que, segundo os médicos, estava próxima da morte. Quando voltou a si, ela disse que tinha se visto diante de uma mulher que acabara de dar à luz e contou que se sentiu compelida a empurrar-se para dentro do corpo do recém-nascido. Mas, quando ia fazê-lo, pensou no amor que sentia por sua família e afastou-se.

– Interessante – comentei – que em ambos os casos elas tenham dito que iriam entrar na hora do nascimento e não da concepção.

– Não é mesmo? – disse ele, sorrindo.

– Tenho pensado numa coisa – eu prossegui. – Quando as pessoas afirmam que, no passado, foram uma outra pessoa, mesmo que a reconheçam, acho que elas também poderiam concluir que sintonizaram mentalmente uma outra vida. Seria um caso mais de percepção extra-sensorial do que de vidas passadas.

Stevenson pensou um instante.

– Não é só a memória que está envolvida – respondeu. – Quando as pessoas ainda são crianças, elas dizem: “Eu *tenho* uma esposa”, ou “Eu *sou* médico”, ou “Eu *tenho* três búfalos e uma vaca.” Elas são a personalidade anterior e resistem à imposição de uma nova identidade. Daniel disse a Latifeh: “Você não é minha mãe. Minha mãe é uma *sheikka*.” Tive um caso na Tailândia de um homem que, quando criança, recordava-se de ter vivido a vida do irmão de sua mãe. Ele afirmava que, quando estava deitado de costas no berço, sentia que era um homem adulto e tinha todas as memórias de sua vida passada. Mas, com frequência, algum adulto intrometido virava-o de bruços e, então, ele se tornava apenas um bebê indefeso em seu berço. Como uma tartaruga, ele lutava para conseguir virar o corpo para o outro lado.

– Entretanto – disse eu –, de um modo geral, se a reencarnação é a explicação para esses casos, ela é um processo que produz memórias muito imperfeitas e incompletas. O que eu quero dizer é que não houve nenhum caso de alguém que tivesse lembranças perfeitas e completas de uma outra vida.

– É verdade, nossos casos no Líbano apresentam uma média de trinta lembranças. De fato, não é muito. Mas, como você constatou com Suzanne, podem existir também algumas lembranças emocionais muito fortes.

– Eu queria lhe perguntar uma coisa – eu retornei. – Na palestra, quando você respondeu à pergunta sobre sua “mensagem”, dizendo que desejaria que os médicos considerassem a reencarnação como uma das explicações para defeitos de nascença, achei tão... sei lá... tão pouco. Afinal, estamos falando de *reencarnação*. Comparado a isso, o diagnóstico de defeitos de nascença é um ponto sem importância, não é?

Surpreendi-me quando ele defendeu sua resposta com fervor:

– Os pais das crianças que nascem com alguma deformidade sentem-se muito aflitos por não saberem a causa. Talvez até acreditem que, de alguma forma, são culpados. Saber que a falha está em algo totalmente fora de seu controle pode lhes trazer um alívio imenso.

Então, ele fez uma pausa, recostou-se na cadeira e olhou para mim.

– Em geral, eu tenho uma tendência a não dar muita ênfase aos benefícios espirituais que viriam com a prova definitiva da reencarnação. Na primeira vez que fui à Índia, conheci um *swami*, um membro de uma ordem monástica. Falei a ele sobre o meu trabalho e o quanto eu acreditava que seria importante provar a existência da reencarnação, porque as pessoas procurariam levar uma vida mais honrada se soubessem que voltariam após a morte. Houve um longo e terrível silêncio e ele, finalmente, disse: “Bem, isso é ótimo, mas aqui na Índia a reencarnação é um fato e temos tantos patifes e ladrões quanto vocês, no Ocidente.” Acho que aquelas palavras apagaram o meu entusiasmo missionário.

Achei graça. Tinha consciência de que estava ali a trabalho e que, como jornalista, tentava extrair de Stevenson tudo o que ele tivesse a dizer. Mas também estava cada vez mais consciente de que apreciava sua companhia, sua moderação e a maneira precisa com que ele expressava suas idéias.

Decidi falar-lhe francamente sobre minhas dúvidas, meu temor de que algumas famílias, levadas por motivações inconscientes, pudessem estar passando informações às crianças ou enfeitando as suas lembranças.

– O fato – disse eu – é que dificilmente se pode deixar de considerar essa hipótese.

Stevenson dobrou o corpo em minha direção. Suavemente, ele confessou:

– Essa idéia nunca deixa de assombrar meus pensamentos.



Antes do jantar, subi para o quarto e liguei a televisão, sintonizando na CNN, em busca da reconfortante monotonia de notícias mais genéricas. Mas o que vi foi um correspondente de expressão sombria em frente a ambulâncias com luzes piscando. Naquela manhã, enquanto estávamos nas montanhas drusas que contornam Beirute, militantes islâmicos atacaram um grupo de turistas no Vale dos Reis, em Luxor, no Egito, cerca de 400 quilômetros a oeste. Os terroristas atiraram com fuzis automáticos. Terminaram de matar os feridos a facadas. Um total de cinquenta e seis europeus foram massacrados.

O HEREGE

Stevenson estava me esperando numa mesa próxima à parede no efervescente salão do segundo andar. Eu esperava tornar aquela noite produtiva, fazendo com que Stevenson falasse sobre sua vida. As informações que eu tinha a esse respeito vinham da leitura da reedição de uma palestra dada por ele, em 1989, na Southeastern Louisiana University, na qual explicara como havia trocado o estudo do fígado de ratos, num laboratório médico, pelas entrevistas com crianças que afirmavam lembrar-se de vidas passadas.

Eu havia lido a palestra muito tempo atrás, logo após nosso primeiro encontro em Charlottesville, e sua leitura havia dissipado qualquer preocupação que eu ainda pudesse ter em relação à sua seriedade intelectual. Independente de concordar ou não com as idéias contidas na palestra, não havia dúvidas de que eram bem pensadas e expressadas de forma eloqüente. Lembrava os escritos do século dezenove, quando os cientistas também podiam ser escritores, historiadores e filósofos, quando não tinham medo de expor seus pensamentos e discutir em público assuntos imponderáveis. Até a linguagem parecia relíquia do passado. A escolha de palavras formais e respeitáveis e as citações provenientes de uma variedade de fontes fidedignas me faziam tomar consciência de como minha perspectiva era limitada.

Mas eu também estava intrigado pelo tom sutil de amargor, ou pelo menos de mágoa e perplexidade aparente no texto. Stevenson sentia claramente que o trabalho ao qual dedicara toda a sua vida era objeto de escárnio ou simplesmente ignorado por seus pares, os cientistas mais importantes.

Este sentimento estava presente desde o segundo parágrafo. “Para mim”, escreveu, “tudo em que os cientistas acreditam agora está aberto a mudanças, e eu fico consternado ao perceber que muitos cientistas aceitam o conhecimento atual como algo imutável.”

Num outro parágrafo, ele acrescenta, num tom meio jocoso: “Se os hereges pudessem ser queimados vivos nos dias de hoje, os cientistas – sucessores dos teólogos, que queimavam qualquer um que negasse a existência de almas no século dezesseis – hoje queimariam aqueles que afirmam que elas existem.”

Na maior parte do texto, entretanto, Stevenson fala com surpreendente franqueza sobre sua própria evolução. Ele atribui à sua mãe o início de seu interesse pela relação entre o espiritual e o material. Ela fazia parte da teosofia, um movimento místico do fim do século dezenove, que Stevenson descreve como “um tipo de budismo simplificado” para os ocidentais.

Mas houve um momento em que o texto chamou a minha atenção. Lembro-me de estar na sala de minha casa, tarde da noite. Não estava bem certo do que procurava naquela fotocópia da reedição de uma palestra e meus olhos começavam a ficar embaçados quando li o seguinte:

Enquanto ainda estava envolvido com a psicanálise, comecei a fazer experiências com drogas alucinógenas (talvez melhor denominadas psicodélicas). Experimentei várias delas, na tentativa de encontrar alguma que pudesse auxiliar os psiquiatras em suas entrevistas e sessões de psicoterapia.

Numa de minhas experiências com LSD, tive também uma vivência mística: uma sensação de unicidade com todos os seres, todas as coisas. Depois disso, passei três dias em perfeita serenidade. Acredito que, como eu, muitas pessoas poderiam beneficiar-se da utilização de drogas psicodélicas, sob supervisão médica – a única maneira sensata de usá-las.

Opa!

Logo imaginei o que os críticos poderiam fazer com isso. *O cara tem a cabeça cheia de ácido! Seus casos de reencarnação fazem parte das suas alucinações.*

Eu poderia ter levado o mesmo susto se não conhecesse Stevenson e seus trabalhos, que demonstravam sobriedade e clareza de pensamento. Por outro lado, muitos pensadores respeitáveis – como Aldous Huxley nos anos cinquenta e Robert Stone nos anos noventa – tiveram algo positivo a dizer sobre a experiência psicodélica. Além disso, julgar Stevenson de maneira impiedosa seria, antes de tudo, hipocrisia. Nos meus tempos de faculdade, vinte e cinco anos antes, é claro que testemunhei o dano que a droga podia causar a usuários compulsivos. Mas descobri também, por mim mesmo, que os efeitos da iluminação que advém do uso pesado de drogas psicodélicas podem ir, e com frequência vão, muito além de uma euforia temporária. Na verdade, minha experiência com essas drogas nunca foi de euforia, mas de um trabalho árduo que culminava em momentos onde eu alcançava um discernimento verdadeiro e duradouro. Não se pode negar a imensa força destrutiva que induz ao abuso dessas poderosas substâncias. O risco de danos físicos e psicológicos é provavelmente grande demais para que valha a pena usá-las. Mas também não posso negar, no meu caso e no de muitas pessoas que conheci naquela época e cujas vidas tenho acompanhado, que tais experiências foram úteis, exatamente da mesma maneira descrita por Stevenson.

Ele não afirma com todas as letras, mas sugere que a experiência com o LSD reforçou seu senso de que há algo além do material na consciência humana, algo que deixou, por entre as descargas dos neurônios e as cordas retorcidas do DNA, um lugar para uma entidade como a alma, capaz de sobreviver à decadência física da matéria cerebral. Mas o interessante é que tal experiência não diminuiu em nada sua fé na ciência como a única maneira de se comprovar ou não a veracidade dessa idéia.

“Por mais impressão que nos causem, as experiências místicas são incomunicáveis, ao passo que as observações científicas são e devem ser comunicáveis: não existe ciência sem demonstrabilidade pública. Isso significa verificação independente.”

Foi exatamente o que primeiro me atraiu no trabalho de Stevenson. O que ele sempre diz é: “Veja o que encontrei. Examine do jeito que quiser. Faça suas próprias perguntas, elabore testes de verificação que eu tenha deixado de fazer e, se conseguir uma explicação mais racional para esse fenômeno, por favor, conte-me.”

Isso é ciência – mesmo que envolva questões que muitos cientistas não levam a sério.

Naquela noite, durante o jantar, com o gravador ligado, tentei completar os vazios da história de Stevenson e entender melhor como ele foi parar ali, em Beirute, aos quase setenta e nove anos, aprumado como uma vareta, sentado diante de uma mesa coberta com uma toalha branca, ao fim de um longo dia de visitas a pessoas que renasceram. Às vezes eu fazia algumas perguntas, mas, na maior parte do tempo, ele falou por si mesmo, começando do início.

Stevenson nasceu em Montreal, em 1918. Seu pai estudou em Oxford e era correspondente-chefe do *The Times of London*.

– Esse posto era quase semi-oficial – disse ele, parecendo refletir bem sobre cada palavra antes de proferi-la. – O *Times* tinha correspondentes por todo o mundo.

Ele se interrompeu por uns segundos, olhando fixamente pela janela, como se tentasse ver algo muito distante. Depois, voltou-se para mim.

– É difícil descrever agora o período entre as duas guerras. Talvez seja mais fácil você ter uma idéia se eu lhe contar que o predecessor de meu pai recebeu o título de cavaleiro, tamanha era a importância do posto de correspondente-chefe do *Times* numa capital importante como Washington ou Ottawa. Ele costumava voltar para a Inglaterra a cada dois anos. Muitas vezes levava um de nós. Eu era o segundo filho e tinha dois irmãos e uma irmã.

O pai de Stevenson era um homem distante, envolvido mais com a carreira do que com a família e, embora tivesse por ele um imenso respeito, Stevenson era mais ligado emocionalmente à mãe.

– Minha mãe era uma esposa extraordinária. Ela encorajava as minhas leituras. Devo a elas, também, meu primeiro contato com o que hoje é chamado de fenômeno paranormal. Ela possuía uma enorme quantidade de livros sobre teosofia, religiões orientais e a Nova Era, chamada então de Novo pensamento. O poder da mente sobre a matéria, da mente sobre o corpo. Ela passou por uma curta fase de interesse em Ciência Cristã, mas minha mãe era independente demais para ligar-se a uma determinada religião.

Stevenson terminou o segundo grau aos dezesseis anos e foi mandado para uma escola na Inglaterra. Ganhou uma bolsa de estudos da Universidade de St. Andrews, na Escócia, onde estudou durante dois anos.

– Comecei a estudar história – recordou-se. – Sempre fui fascinado pelo assunto. Ainda leio história por prazer, mas achei que não me serviria como profissão. O jornalismo também não me atraía. Muito do que meu pai escrevia me parecia crítico e destrutivo, sem oferecer muita contribuição para o bem-estar da humanidade. Então, decidi estudar medicina.

Em 1939, ele se transferiu para a Universidade McGill, em Montreal, onde terminou seus estudos e começou sua especialização.

– Eu tinha sido doente toda a minha vida. Primeiro, bronquite. Depois, ela se tornou algo mais complexo de que sofro até hoje. Tive pneumonia três vezes. Um dos meus professores me disse que eu não deveria ficar num lugar com um clima tão frio como Montreal. Segundo ele, eu poderia morrer se continuasse ali.

– Meus professores – prosseguiu – tinham alguns amigos no Arizona e conseguiram que eu fosse para lá. Naqueles dias não havia tratamento eficaz para o meu problema de pulmão e eu não sabia o que poderia me acontecer. Trabalhei durante um ano no Arizona e comecei a me sentir melhor. Depois, fui trabalhar em Nova Orleans, na Clínica Ochsner e na Universidade Tulane, onde consegui fazer minha especialização. Como era um dos melhores alunos da McGill, não tive dificuldades para conseguir uma vaga. Passei por uma fase de interesse em bioquímica. Gostava daquilo. Sempre gostei de tudo o que fiz. Mas depois achei que ainda não era o trabalho ao qual gostaria de me dedicar. Senti que precisava estar mais perto das pessoas. Então, fui para o New York Hospital, da Escola de Medicina de Cornell, onde fiquei dois anos pesquisando medicina psicossomática, principalmente as arritmias cardíacas resultantes de distúrbios emocionais. Costumava entrevistar pacientes ligados a eletrocardiógrafos, conversando com eles sobre suas tensões do dia-a-dia, para, então, observar as mudanças em suas funções cardíacas. Estávamos interessados em discutir por que, quando estressada, uma pessoa pode desenvolver asma, uma outra, pressão alta, e uma terceira, problemas cardíacos. Na verdade, jamais chegamos a uma conclusão que me deixasse satisfeito e embora hoje muitos possam pensar que toda essa questão é absurda, ela ainda me fascina.

– Fui então convidado para trabalhar na Universidade do Estado de Louisiana. Fui para lá em 1949 e fiquei sete anos fazendo pesquisas. Interessei-me pelas drogas alucinógenas. Tomei e receitei algumas e publiquei estudos sobre o assunto. Isso deve ter sido no início dos anos cinquenta.

– De certa forma, esse foi o começo das modernas idéias bioquímicas sobre os mecanismos das doenças mentais. Fiquei interessado em saber que efeito essas drogas

poderiam ter no tratamento de pacientes e na compreensão de várias doenças mentais. Eu as tomei e arregimentei residentes e pacientes para experimentá-las.

– Estávamos interessados no LSD como uma ferramenta terapêutica para despertar memórias. Eu mesmo recobrei algumas memórias. Lembre-me de ter sido circuncidado, não quando criança, mas mais tarde. Minha mãe me levou sem dizer aonde íamos. Ao chegar, quatro homens corpulentos me seguraram. Meu rosto foi coberto por uma máscara com éter e acordei com o pênis inchado. Eu não tinha esquecido disso, mas com o LSD tudo me voltou a mente com uma força extraordinária.

– Em geral, minha experiência com as drogas psicodélicas foi muito boa. Por exemplo, elas mudaram minha perspectiva em relação à beleza física. Minha primeira mulher era uma artista com uma extraordinária percepção sensorial. Eu era míope e nunca prestei muita atenção às cores e formas. A mescalina abriu um mundo novo diante de meus olhos. Não a estou recomendando a todos e certamente ela não deve ser usada sem uma rigorosa supervisão médica, mas eu a considero benéfica.

– Essa experiência é realmente indescritível, muito difícil de exprimir em simples palavras. Entretanto, meu interesse pelo paranormal vem da influência de minha mãe e é anterior às minhas experiências com o LSD. Mas talvez elas tenham reforçado o interesse.

– Durante os anos que passei em Nova Orleans li muito sobre o que seria chamado de literatura paranormal. Nos meus últimos tempos lá, a título de experiência, comecei a escrever uns poucos artigos e críticas de livros, além dos relatórios das minhas pesquisas convencionais que estavam sendo publicados em revistas médicas.

– Em 1957, aos trinta e nove anos, fui para Charlottesville como chefe do departamento de psiquiatria. Naquela época, eu já tinha um certo nome como pesquisador tradicional, mas sabia que queria fazer alguma coisa ligada aos fenômenos paranormais. Quando fui entrevistado na Universidade de Virgínia, falei sobre meu interesse. Não pareceram assustados. Eu tinha outros objetivos também.

– Acho que meu interesse especial pela reencarnação vem desde a infância, pois era a parte central do estudo da teosofia. O que houve é que, como eu era muito interessado, comecei a encontrar, em livros, jornais e revistas, relatórios de casos individuais de memórias de reencarnação. No final, reuni ao todo quarenta e quatro casos. Ao compará-los, vi que tinham em comum o fato de, em sua maioria, envolverem crianças pequenas, entre dois e quatro anos, que falavam de lembranças de vidas passadas por um breve tempo, até atingirem oito anos. Mas era preciso juntar os casos para que isso se tornasse óbvio. Alguns não passavam de histórias jornalísticas triviais, mas outros eram consideravelmente mais sérios. Em vários casos, alguns adultos cautelosos haviam feito uma séria pesquisa a respeito do que as crianças disseram. E em três casos alguém havia feito um relatório das palavras da criança antes que as afirmações fossem verificadas.

– Na ciência os números são importantes e, para mim, os quarenta e quatro casos indicavam claramente que ali havia algo que merecia um exame mais atento. Os casos eram de diferentes países e vinham de fontes de diversos tipos. Eu não conseguia imaginar que todos pudessem ser uma fraude ou ilusão.

– Concluí que, se outros casos pudessem ser encontrados e estudados mais cedo e com mais cuidado, aquela poderia ser uma linha de investigação bastante promissora. Não imaginei que eu mesmo iria colocar a pesquisa em prática. Mas apresentei um ensaio sobre o assunto para concorrer a um prêmio oferecido pela Sociedade Americana de Pesquisas Medicas e venci. Isso foi em 1960.

– Algum tempo depois, a chefe da Fundação de Parapsicologia em Nova York me telefonou dizendo que tinha um relatório sobre um caso na Índia similar àqueles descritos no meu ensaio e perguntando se eu tinha interesse em vê-lo de perto. Recebi uma pequena subvenção e saí de férias.

– Estava muito curioso e entusiasmado, disposto apenas a verificar as declarações das crianças que afirmavam lembrar-se de uma existência anterior. Logo criei o hábito de ter vários informantes e não depender de um, dois ou três. Em alguns casos cheguei a trabalhar com dez, somente para investigar um dos lados.

– Quando cheguei à Índia, tinha indicações de mais outros cinco casos. Para minha surpresa, em quatro semanas já havia encontrado vinte e cinco. O mesmo aconteceu no Sri Lanka: comecei com indícios de dois ou três casos e acabei com sete.

– Tive uma imensa falta de sorte no meio de tudo isso. Escrevi meu primeiro livro, *Twenty Suggestive Cases of Reincarnation* (Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação), em 1964, três anos após minha primeira visita. Quando o livro estava para ser impresso pela Sociedade Americana para Pesquisas Médicas descobriram que o homem que havia sido meu intérprete em dois ou três casos era um impostor. Ele fingira ser um doutor, mas era, na verdade, um sociopata. Chegou a publicar casos inventados e talvez tenha contaminado três dos meus. Felizmente, depois de trabalhar comigo nesses três, ele se cansou do meu ritmo e eu acabei encontrando outros intérpretes. Além disso, em Pondicherry ainda se fala francês e então eu mesmo pude conversar com as pessoas. Esse homem, na verdade, só contaminou dois ou três casos da Índia, mas o comitê de publicações da Sociedade decidiu interromper a publicação do meu livro naquele instante.

– Nessa época, eu tinha o apoio moral e financeiro de Chester Carlson, o inventor da xerografia. Era uma pessoa maravilhosa e um grande inventor. Ele e a esposa haviam lido meu artigo sobre os quarenta e quatro casos. Carlson veio ao meu encontro em Charlottesville e me ofereceu algum dinheiro. Estava determinado a colaborar com alguma coisa que pudesse beneficiar a humanidade depois de sua morte. Sua esposa acreditava possuir habilidades psíquicas, e ele costumava ser cético e materialista. Mas, gradualmente, ela o convenceu de que havia algo a ser aprendido através do estudo dos fenômenos paranormais. Então, ele doou dinheiro para a universidade e, assim o fez, fui ficando mais livre para deixar alguns pacientes e dedicar mais tempo à pesquisa.

– Chester Carlson apoiou minha ida à Índia em 1964 e eu lhe mandei uma carta dizendo que, se pudesse voltar e rever os casos, talvez conseguisse salvá-los. Carlson me disse para ir em frente. Voltei à Índia em agosto daquele ano e todos os casos se sustentaram. Com isso, aprendi também o valor das entrevistas de seguimento dos casos. Isso aconteceu três anos depois das entrevistas iniciais.

– Atualizei o manuscrito. Enquanto isso, como eu também havia estado no Brasil para estudar dois casos, coloquei-os no livro. Recomeçaram a impressão e a obra saiu em 1966.



Nossa mesa no restaurante já estava limpa há tempos. Fiquei imaginando o sofrimento de todo aquele processo – a dúvida pessoal, as noites insones, a aflição de enfrentar cada nova manhã.

– Qual foi a aceitação do livro após a publicação?

Stevenson não disse nada por algum tempo e cheguei a pensar que ele não tivesse ouvido a pergunta. Quando estava prestes a repeti-la, ele falou:

– A resposta mais resumida é: nenhuma, porque o livro foi simplesmente ignorado. Saíram algumas críticas em revistas especializadas e só. Fiquei decepcionado, mas não surpreso. Tinha consciência do isolamento do meu trabalho.

– Houve alguma resposta negativa por parte da universidade?

– Não que eu saiba. Entretanto, mais tarde fiquei sabendo que o reitor da universidade havia recebido cartas e telefonemas de ex-alunos protestando contra o meu trabalho. Minha mulher ficou aflita. Ela dizia: “Você está arruinando uma carreira promissora. Tudo vai indo

tão bem. Por que quer fazer uma coisa dessas?” Ela era materialista e, como via na bioquímica a resposta para todas as doenças, não apreciava o que eu estava fazendo. Mas esse não era o pior problema. O que a aborrecia ainda mais era que as pessoas, em vez de me dizerem diretamente “gostaria de examinar mais profundamente o seu trabalho”, costumavam provocá-la fazendo piadas, quando eu não estava por perto. Achei tudo isso lamentável. Eles estavam mirando o alvo errado, porque ela não acreditava mesmo na pesquisa.

– Naquela época – prosseguiu – já estava convencido de que havia algo substancial em tudo o que eu estava observando, algo a que valia a pena eu me entregar, não importava a que preço. Dediquei cada vez mais tempo aos casos. E, então, Chester Carlson me atribuiu uma cátedra na universidade dizendo que dobraria qualquer quantia que eu conseguisse. Consegui cem mil dólares privados, ele dobrou essa quantia e o estado a redobrou. Grande parte dessa receita era para o meu salário e, assim, pude deixar de atender pacientes e de lecionar, tornando-me um pesquisador em tempo integral. Carlson continuou doando boas quantias ano após ano. Até que morreu subitamente, de um problema cardíaco.

– Pensei logo: “É o fim de tudo.” Porém, durante a leitura do testamento, descobriram que ele havia deixado um milhão de dólares para a universidade e um pouquinho mais para a minha pesquisa.

Não me preocupei em olhar para o relógio. Sabia que era bem tarde e que minha esperança de digitar algumas anotações no computador daria lugar a uma desesperada necessidade de sono.

A aparência de Stevenson, porém, era a mesma que ele apresentara às oito e meia daquela manhã.

– Essas viagens não o cansam? – perguntei.

– Bem – respondeu ele –, sempre acho o trabalho muito absorvente. Mas está mesmo chegando num ponto em que fico longe com tanta frequência que não é justo para com minha mulher, Margaret.

– Ela conseguiu aceitar melhor o seu trabalho com o passar dos anos?

– Não, era a minha primeira esposa, Octavia, quem tinha essa dificuldade. Ela morreu em 1983, de diabetes. Casei-me com Margaret dois anos depois. Ela também é muito cética em relação à minha pesquisa. Acho que atualmente ela acredita que não há mais nada após a morte. Mas, ao contrário da minha primeira mulher, ela não se incomoda com o meu trabalho e é um anjo que procura me encorajar.

– Vocês têm filhos?

– Minha primeira mulher e eu tivemos uma criança que morreu ao nascer, um bebê grande, como acontece com os filhos de diabéticos. Pensamos em adotar, mas nunca levamos a idéia adiante. Então, nunca tive filhos, um dos poucos prazeres da vida que não experimentei.

Subi a pé os cinco andares até meu quarto – apesar da exaustão, eu não havia feito mais nada senão sentar o dia inteiro. Stevenson me desejou boa noite na porta do elevador e disse que talvez subisse as escadas comigo no dia seguinte.

– Essas viagens são mesmo terríveis para a minha saúde – disse ele. – Estou precisando de exercício.



Fiquei acordado por algum tempo pensando em Stevenson. Ele havia relatado eventos tristes de sua vida com uma humildade tão natural. A súbita ordem de interromper a publicação do livro, a fria recepção ao seu trabalho, o nascimento seguido da morte de seu único filho, a doença e a morte de sua mulher. Agora que se aproximava dos oitenta anos, imaginei se ele acreditava que tivesse vivido outras vidas no passado e que viveria outras mais

no futuro. Eu havia lhe perguntado isso em uma de nossas conversas anteriores – se ele tinha “alguma experiência pessoal que reforçasse a idéia de que existe a reencarnação”.

Ele apenas se sentou ainda mais ereto, com uma expressão fechada no olhar, e disse:
– Nenhuma que mereça ser discutida.

EM NOME DA FAMÍLIA

Stevenson acreditava na sorte. Ele costuma andar de carro durante várias horas na esperança de entrevistar alguém, sem sequer marcar um encontro e até sem saber exatamente como chegar ao local. Quase sempre consegue: encontra a casa, a pessoa está lá e o recebe bem.

Ele esperava um pouco mais do que isso, enquanto o automóvel seguia por estradas estreitas e cheias de curvas em direção à casa da família Mansour, na área mais remota em que eu já havia estado, trinta e dois quilômetros a leste de Beirute.

Era uma casa de pedra, imponente, de três andares, construída numa encosta íngreme, com varandas voltadas para o vale. Majd não contactara a família previamente porque já imaginava que eles não deveriam estar muito ansiosos em cooperar. Acho que ela esperava que, se aparecêssemos de repente, a compulsão drusa de reverenciar os visitantes iria prevalecer.

A sorte de Stevenson, no entanto, parecia ter esmorecido: não havia ninguém em casa. Decidimos telefonar para a irmã de Hanan em Beirute. Helene atendeu. Majd falou por uns instantes, tampou o fone com a mão e traduziu: Helene pedia muitas desculpas, mas não poderia nos receber. Na verdade, ela teve que ir falar num outro quarto porque não queria que a família soubesse que estava conversando com Majd. Não acreditavam na história. Eram profissionais ilustres que agora moravam em outra parte do Oriente Médio, um lugar onde a crença na reencarnação era um sacrilégio, e temiam que sua ligação com um caso como o de Suzanne pudesse ter sérias repercussões. A família tinha ficado muito abalada com o artigo do *Monday Morning* e não queria ter mais nada com Suzanne e nem discutir o assunto.

Stevenson permaneceu sentado no banco de trás do automóvel, as mãos cruzadas sobre os arquivos que descansavam nos joelhos.

– Você pode, pelo menos, perguntar se ela confirma que as últimas palavras de Hanan foram “Leila, Leila”?

Majd traduziu a pergunta.

– Ela confirma, sim – disse Majd após desligar. – Mas lembra que não estava lá pessoalmente. Isso foi o que os irmãos lhe falaram.

Stevenson enfiou os arquivos na maleta.

– Muito bem – disse ele. – Vamos pedir a Mahmoud que nos leve de volta a Beirute. Talvez possamos tentar a sorte com Farouk.



Farouk Mansour, agora com sessenta e poucos anos, vivia num apartamento grande e luxuoso, numa esquina calma de Beirute. Em entrevistas realizadas no final dos anos setenta e início dos oitenta ele tinha declarado que acreditava em Suzanne, que ela era Hanan renascida, embora as lembranças não fossem perfeitas: Suzanne afirmava que o marido havia sido um militar, mas ele fizera carreira na polícia. Disse que ele possuía duas armas, e Farouk tinha apenas uma.

Mas em sua última conversa com Stevenson, em 1981, Farouk tinha dito que quase todas as afirmações de Suzanne eram precisas o suficiente para confirmar a reencarnação. Por exemplo, ele havia lhe mostrado uma fotografia com uma centena de policiais, tirada quando ele era ainda bem jovem, e ela o identificara sem hesitar. Disse que ela havia citado um grande número de nomes associados à sua vida com Hanan e que sabia muitos outros detalhes que, em sua opinião, somente a mulher poderia conhecer.

Algum tempo depois da morte de Hanan, Farouk havia se casado novamente com uma amiga dela. Acreditava tanto nas palavras de Suzanne, estava tão impressionado pela clara afeição que a menina demonstrava sentir por ele, que evitou mencionar o fato com medo de aborrecê-la e mentiu quando ela lhe perguntou a respeito.

Quando descobriu, Suzanne reagiu como qualquer mulher desprezada o faria, com lágrimas e raiva. Mas continuou a telefonar para Farouk quase que obsessivamente. Farouk foi carinhoso ao lidar com ela. Eu não tinha conhecimento de nenhuma entrevista de Stevenson com a atual mulher de Farouk, mas imagino que ela não tenha gostado muito daquela situação.

Entretanto, tudo isso acontecera há dezesseis anos e, desde então, Stevenson nunca mais tinha ouvido falar de Farouk.



Mahmoud nos deixou na frente do edifício onde morava Farouk. Ele mesmo abriu a porta. Fiquei surpreso com sua aparência, pois ele parecia muito mais velho do que os seus sessenta anos. Antes que Majd nos apresentasse, o rosto de Farouk se iluminou e ele estendeu a mão para Stevenson. “O senhor não mudou nada nesses anos todos”, disse sorrindo. Entramos numa ampla sala. O apartamento era muito refinado, repleto de obras de arte, antiguidades e deslumbrantes tapetes de fio de seda. Depois de uma troca inicial, Stevenson perguntou a Farouk se ele ainda conversava com Suzanne.

Ele respondeu que tinha pouco contato com ela. Sentia que a moça estava vivendo em duas gerações distintas e que ele devia se afastar. Antes que Majd pudesse terminar a tradução, uma mulher alta e exuberante surgiu. A maneira decidida com que ela entrou na sala, no meio da conversa, em a mínima preocupação com a possibilidade de interrompê-la, demonstrava pouca cordialidade. Quando ela se virou bruscamente para nós, a expressão de seu rosto dissipou qualquer dúvida. Seu cumprimento foi lacônico: um aceno com a cabeça.

– Meu nome é Galareh Mansour – disse a segunda filha de Hanan, num inglês perfeito. Logo reconheci a fascinante e jovem mulher do artigo do *Monday Morning* de vinte anos atrás. Aos quarenta e pouco anos, Galareh ainda era bonita e, sem dúvida, muito mais segura do que aos vinte.

– Não queremos mais falar sobre isso – disse ela, olhando fixamente para cada um de nós. – Essa história trouxe muitos problemas para minha família. – Abaixou o tom de voz, como se estivesse falando consigo mesma. – É uma história verdadeira – continuou, quase se arrependendo. – Eu a vivi e acredito cem por cento nela, mas existem algumas questões delicadas, principalmente no Líbano. Os efeitos daquele artigo continuam até hoje. Ele fez a minha vida muito infeliz e minha família não vai aceitar nenhum outro artigo.

Nós três ficamos ali, sentados no sofá, constrangidos, sem saber o que dizer. Nesse momento um homem grande e imenso mergulhou direto na sala, sorrindo com segurança, como se fosse o apresentador de um programa de entrevistas entrando no estúdio. Era o marido de Galareh. Por mais que a chegada dela nos tivesse impressionado, tornou-se insignificante perto da entrada dele.

– Eu já fiz regressão para descobrir minhas vidas passadas – foram suas primeiras palavras. – Descobri que fui um sacerdote em Alexandria, há seiscentos anos.

Olhei para Galareh, que havia se acomodado numa cadeira do outro lado da sala, o rosto ainda sombrio, mas aparentemente conformada com a força da presença do marido.

– Somos da Virgínia. Só estamos de visitas no Líbano – continuou ele. – Li um artigo no *Washington Post* no outro dia que dizia que vinte e nove por cento dos norte-americanos atualmente acreditam na reencarnação.

Como um professor que desfilava os pontos mais importantes de seu currículo, ele se virou para Stevenson:

– Basicamente, as pessoas que se lembram de vidas passadas morreram de forma abrupta: acidentes, violência, um choque. A maioria não se lembra. Mas como o senhor e eu sabemos, todas as vidas ficam guardadas no subconsciente.

Olhei para Stevenson procurando ver sua reação. Ele permanecia sentado, os braços cruzados sobre os joelhos, sem esboçar seu meio sorriso.

Virei-me outra vez para Galareh, com visível desconforto.

– Você fez alguma regressão? – perguntei.

A expressão de seu rosto respondeu minha pergunta com mais força do que mil palavras.

– Oh, não... *Não* – disse ela.

– Nós estivemos juntos há seiscentos anos – disse o marido, como se Galareh tivesse se esquecido do fato. E, então, emendou: – Acredito que o século vinte e um vai ser o centro espiritual.

Ele continuou a falar, caminhando de um lado para o outro no tapete persa.

– Tive câncer há dois anos – disse ele. – Leucemia. Recusei todos os remédios. Um dos médicos disse que eu só teria três anos de vida, mas recusei o tratamento. Isso foi há treze meses. Encontrei um curandeiro espiritual aqui, no Líbano, que me dá água benta e faz operações espirituais. Posso lhe garantir que melhorei de oitenta a noventa por cento. Os médicos estão impressionados.

Ele parou, girou o corpo e virou-se de costas para nós.

– Eu estava com Galareh quando ela viu a menina pela primeira vez – disse ele, baixando a voz. – Foi mesmo impressionante. Minha sogra perguntou algo muito íntimo sobre ela, que só Hanan poderia saber. E ela sabia. Meu sogro perguntou uma coisa muito íntima e ela sabia também. Eu testemunhei.

Os olhos de Galareh perderam o ar distante. Ela movimentou o corpo para a frente e disse:

– Isso me abalou muito.

Parou de falar, a voz embargada. Depois de se recompor, prosseguiu:

– Fiquei muito abalada ao ver aquela menina. Ela era uma menina, não era mais a minha mãe, e disse aquelas coisas, me tratou como uma filha.

– Foi, de alguma forma, reconfortante? – perguntei. – Pensar que sua mãe não havia partido para sempre?

Galareh parecia sofrer.

– Foi minha primeira experiência com a reencarnação – respondeu, a voz quase sumindo. Desviou o olhar. – Foi um choque. Muito difícil. Já tinha ouvido histórias, mas nunca tinha visto nada pessoalmente. Foi muito perturbador. Durante muito tempo eu não queria mais ouvir falar no assunto.

– Como aconteceu o artigo?

– Eu tinha uma amiga. Uma jornalista. Conteí a ela sobre Suzanne e ela foi até lá comigo... – Parecia prestes a chorar. – Isso dividiu a família – acrescentou. E silenciou, soltando o peso do corpo sobre a cadeira.

Observei que, num canto, Majd e Farouk conversavam em voz baixa. Stevenson estava explicando que pretendia publicar um relato sobre o caso de Suzanne.

– Minha família não vai permitir – disse Galareh enfaticamente. – Não queremos o nosso nome associado a isso.

– Então podemos usar pseudônimos – respondeu Stevenson. – Já fiz isso antes.

– Não queremos ver o nome da família em outros artigos – reiterou ela.

Quando nos despedimos, Galareh pegou minha mão e segurou-a por alguns segundos.

– Isso nos dividiu – repetiu, olhando-me nos olhos.

Na calçada, perguntei a Majd sobre o que ela e Farouk estavam conversando.

– Ele me disse que parou de visitar Suzanne pelo bem dela e não porque não quisesse vê-la – respondeu Majd. – Disse que ela ainda o visita uma ou duas vezes por mês, mas ele está tentando desencorajá-la. Falou várias vezes: “Isso não pode ser bom para ela. Eu ainda quero ir, mas estou me privando pelo bem dela.”



Estou me privando pelo bem dela. As palavras ecoavam durante todo o curto percurso até o hotel. Sentia que havia chegado a algum lugar. Eu já não era apenas um observador que assistia de longe àquelas inacreditáveis histórias. Acabara de ser envolvido por uma delas. O sofrimento de Galareh, sua emoção e ambivalência tinham se espalhado pela sala. *Ela era uma menina, não era mais a minha mãe.*

Eu sabia que em nosso encontro com os Mansour (que é o pseudônimo que Stevenson acabou escolhendo) havíamos tropeçado em algo valioso – a confirmação dos detalhes mais cruciais de um caso por pessoas que tinham todos os motivos para negá-los. Ali estavam indivíduos que possuíam dinheiro, posição social e motivos para negar as evidências de reencarnação, especialmente aquelas trazidas por uma menina de uma classe inferior e menos sofisticada. E Suzanne os fizera acreditar.

É verdade que um dos crentes passara a aceitar também a idéia que borrifar água benta em si mesmo curaria seu câncer. Mas estava claro que essa credulidade não era compartilhada por sua mulher, a principal testemunha. E havia Farouk: ali estava um homem que fora colocado numa posição extremamente delicada com a aceitação da história de Suzanne. Ele superara o trauma da morte da mulher. Casara-se outra vez e estava feliz quando essa “criança” apareceu e passou a perturbá-lo com uma persistência assustadora. E foi mais do que um incômodo em sua vida pessoal, mais do que um espinho em seu casamento. As afirmações de Suzanne o arrastaram para o meio de um amargo conflito com seus filhos e com os antigos sogros – um problema sério o bastante para fazer sua filha mudar-se para os Estados Unidos. Entretanto, ele não podia evitar. Nutria um sentimento profundo pela menina e preocupava-se mais com o bem-estar dela do que com suas próprias dificuldades.

Para todos eles teria sido tão fácil dizer: “Tudo isso não passou de uma mentira.”

Mas não tiveram coragem de fazê-lo.



No início daquela tarde, voltando para Beirute, desviamos para um beco de onde se tinha uma bela vista do vale. Majd chamou nossa atenção para uma linda vila mourisca em pleno processo de reconstrução. Era ali que vivia o doutor Sami Makarem, professor de estudos árabes da Universidade Americana, o homem que a apresentara a Stevenson. A casa havia sido totalmente destruída e pilhada durante a guerra e estava sendo reconstruída aos poucos.

O nome de Makarem é o primeiro da lista de agradecimentos no livro de 384 páginas que Stevenson escreveu sobre os casos encontrados no Líbano e na Turquia. Ele o havia auxiliado nos primeiros anos, atuando como intérprete e guia cultural. Stevenson declarou que

Makarem foi o único druso capaz de escrever um texto competente sobre a religião numa língua ocidental.

Eu havia me encontrado com Makarem na noite anterior, na palestra de Stevenson. Era um homem de grande magnetismo, quase angelical, que falava com precisão, distribuindo as palavras como se cada uma tivesse sido moldada isoladamente, após uma reflexão profunda. Perguntei a ele se achava que os drusos gostariam de ter provas científicas da reencarnação.

– Os drusos aceitam a reencarnação como verdade – explicou ele. – Mas na religião drusa o maior objetivo a se atingir é a unidade com Deus, a realidade fundamental nessa vida.

Makarem havia convidado Stevenson e eu para jantar e foi para sua casa que nos dirigimos quando deixamos Farouk.

O apartamento de Makarem parecia um museu abarrotado de peças de arte e antiguidades. Assim que nos sentamos na sala de visitas, chegou Elie Karam, o psiquiatra cristão que na festa de Majd defendera com veemência a importância das pesquisas dos casos de reencarnação entre os drusos. Estava acompanhado de sua mulher, uma psicóloga de presença marcante.

– Tenho uma história para lhe contar – disse Karam a Stevenson, enquanto tirava o casaco e se sentava. – Minha assistente assistiu à sua palestra ontem à noite. Depois, ela foi para casa e comentou o assunto com seu irmão de vinte e cinco anos. Ambos são cristãos maronitas. Ele disse: “Eu tive uma vida anterior.” Assim, de repente. Ele nunca tinha falado sobre o assunto. E contou: “Só me lembro que eu era um homem alto, que morava nos arredores de Viena e que morri num acidente de automóvel.” Então, ela perguntou: “Por que você nunca falou sobre isso?” E ele respondeu: “Falei quando tinha quatro anos, mas nossos pais nunca me ouviram.”

– Minha assistente chamou a mãe e perguntou a respeito – prosseguiu Karam. – Ela não se lembrava de ter ouvido falar sobre uma outra vida, mas disse que o menino tinha uma fobia terrível. Sempre que entrava num carro começava a gritar desesperadamente, a ponto de, várias vezes, ter sido deixado para trás.

Makarem deu uma boa risada.

– Eu também tenho uma história – disse ele, – Conheço uma família drusa que me contou que, quando o filho era pequeno, falava uma língua estranha que, mais tarde, descobriram ser japonês. Mas só descobriram isso quando saíram com o menino e ele ouviu alguns japoneses conversando na rua. Sem que os pais conseguissem detê-lo, saiu correndo e gritando, afirmando que estava entendendo tudo. Quando o alcançaram, ele conversava com aquelas pessoas, em japonês. Disse que se lembrava de ter sido um imigrante chinês no Japão. Lembrou-se até mesmo de seu antigo endereço e escreveu uma carta para sua irmã de outra vida, que resolveu visitá-lo. Ele falava tanto sobre sua vida passada que sua mãe tinha medo de deixá-lo ir para o Japão, pois temia que ele não quisesse voltar.

Stevenson balançava a cabeça daquele jeito pensativo que lhe era peculiar. Quando Makarem concluiu sua história, ele disse:

– Espero que alguém estude os vinte e cinco casos que tenho na Birmânia, onde crianças se lembram de ter sido soldados japoneses e exibem características daquele povo.

Ele já havia mencionado aqueles casos. Muitos foram encontrados numa área ocupada pelos ingleses em 1945, quando o exército japonês estava prestes a sucumbir. Eram casos interessantes por muitos motivos e certamente contradiziam o argumento dos céticos de que as famílias e as crianças fabricavam essas histórias para sustentar sua crença na reencarnação: os japoneses eram odiados na Birmânia, onde as tropas de ocupação cometeram muitas atrocidades. As famílias birmanesas jamais teriam vontade de insinuar que abrigavam em suas casas a reencarnação de um soldado imperial.

– Uma criança, num caso comovente, foi presa pelos habitantes de uma vila e queimada viva – contou Stevenson. – E essas crianças não apenas nascem em famílias

birmanesas que não querem ter nada a ver com os japoneses, mas, frequentemente, sonham em “voltar para Tóquio”, acham que a comida birmanesa é temperada demais e que o clima é muito quente. Reclamam o tempo todo: “Quero peixe cru e doces, e quero me vestir como um japonês.” Seja lá o que for, isso não pode ser genético.

Achei estranhamente agradável poder ouvir aquelas histórias sem ter que me preocupar em determinar se seriam verdadeiras ou não. O que me fez lembrar do marido de Galareh. contei o que ele havia dito naquela tarde sobre a cura com água benta.

– Vocês conhecem esse homem santo de quem ele falou? – perguntou Stevenson.

Karam riu.

– Há centenas deles – respondeu secamente e, então, prosseguiu.

– Uma noite fui ver um curandeiro que tinha se tornado muito conhecido. Havia dez mil pessoas lá. O sujeito disse: “Um de vocês que está me vendo tem um tumor no cérebro. Mas será curado.” Mais tarde, encontrei um amigo que tinha um tumor cerebral inoperável. contei a ele o que tinha presenciado e ele me disse: “Era de mim que ele estava falando.” Acontece que meu amigo estava vendo o curandeiro pela televisão e ficou convencido de que aquelas palavras haviam sido dirigidas diretamente a ele. Disse que, naquele mesmo instante, começou a se sentir melhor. Estava tão fraco que mal conseguia se mexer e, de repente, sentiu-se bem outra vez. Agora que estava curado pretendia passar duas semanas na Itália com a mulher.

Conheci a mulher dele também. Falei com ela e implorei para que o fizesse confirmar a cura através de um exame de ressonância magnética. “Se não for por causa dele, que seja pelo bem da igreja. Eles precisam desse tipo de prova”, insisti. Ela respondeu: “Ele está bem, mas vou fazer isso porque você está me pedindo, quando voltarmos da Itália.” Viajaram por duas semanas, como planejado, divertiram-se bastante e, então, ele morreu.

Acho que grande parte da fraqueza não era causada pelo tumor, mas pela grave depressão que ele sentia devido àquela situação. A simples esperança de que tivesse sido curado deu-lhe novo ânimo. A euforia de acreditar que havia escapado da morte pode ter trazido uma energia que permitiu que ele se sentisse normal por duas semanas, antes que o tumor o matasse.

“Pelo menos”, pensei, “o pobre homem conseguiu viajar para a Itália e se divertir.”

NEW JERSEY É UM ESTADO DE ESPÍRITO

Pelo menos num aspecto o marido de Galareh estava certo: um incontável número de crianças que afirmavam lembrar-se de vidas passadas contavam que haviam morrido de forma violenta. Em nossa primeira manhã no Líbano, Stevenson havia mencionado um estudo segundo o qual cinquenta a sessenta por cento de seus casos na Índia envolviam mortes violentas, embora a violência estivesse presente em apenas cinco a seis por cento das mortes em geral. Pensei em duas explicações possíveis para esse fato: a violência ficava tão arraigada à alma que interferia no processo natural de esquecimento, ou então as forças que criavam falsas memórias de vidas passadas tinham uma propensão ao dramático.

Qualquer que fosse o motivo, na época, encarei o assunto como uma questão abstrata. Mas, após alguns dias no Líbano, eu já podia ver a outra face do problema. Além de Ulfat, que dizia lembrar-se de ter sido rasgada à faca por saqueadores cristãos, e de Daniel, que acreditava ter morrido num acidente de automóvel, entrevistamos ainda um homem que se lembrava da vida de um menino que morrera estrangulado por um irmão demente e uma mulher que acreditava ter sido uma lavadeira morta pelo marido bêbado.

E ainda era sexta-feira de manhã. Eu não sabia, mas antes do pôr-do-sol ficaríamos a par de muitas outras carnificinas.

Nossa primeira parada foi novamente em Aley, numa das áreas destruídas por onde havíamos passado no outro dia. Seguindo as instruções de mais um dos antigos mapas desenhados à mão por Stevenson, Mahmoud estacionou o Mercedes na frente do que um dia fora uma casa de pedra, mas agora era uma carcaça sem teto e sem janelas, com um enorme buraco no lugar do vestíbulo. Saímos do carro e Stevenson tentou orientar-se pelos pontos de referência que conseguiram sobreviver à destruição. Entramos numa rua e seguimos por um declive íngreme, por entre edifícios ainda mais destroçados e um par de automóveis amassados e abandonados, até chegar à casa.

Trinta e cinco anos antes, a jovem Salma, uma moça pobre, morava no andar térreo de uma construção de dois pavimentos situada numa colina. Ela tomava conta de seus filhos e do marido, um bêbado muitas vezes agressivo, lavando roupa para alunos na universidade nacional de Aley. Agora, as paredes amarelas, desbotadas pelo tempo, pareciam um queijo suíço, cobertas de buracos do tamanho de um prato, resultantes do impacto de granadas ou do persistente tiroteio de metralhadoras.

A arma que matou Salma, porém, foi a espingarda de caça do marido.

A pessoa que afirmara lembrar-se da melancólica vida de Salma era Itidal Abul-Hisn, uma mulher da classe operária que havia nos contado sua história no dia anterior:

– Ainda me lembro de alguns de meus filhos, ainda posso vê-los. Meu marido atirou em mim duas vezes, quando eu estava dependurando a roupa para secar. Só penso nisso quando me perguntam a respeito. Porém, quando estou sozinha, às vezes eu me lembro.

Ela fez um barulho como se estivesse limpando a garganta e vi que estava chorando.

– Desculpe-me. Falar sobre uma vida passada deve ser muito doloroso – disse Stevenson, quando a moça conseguiu se controlar.

– Não é isso – respondeu ela. – Não estou chorando por minha vida passada, estou chorando pela atual.

Então, contou que seu marido havia levado o filho de onze meses quando eles se separaram, embora, normalmente, as crianças pequenas ficassem com a mãe. Essa era uma ferida que nunca cicatrizava.

– Algumas vezes, quando estou sozinha, fico pensando: na minha primeira vida meu marido me matou; na segunda, divorciou-se de mim e levou meu filho.

– Você acha que existe alguma ligação? – perguntou Stevenson.

– Não – disse ela. – É apenas o meu destino.

A irmã de Itidal, Intisar, era muito mais velha e pôde testemunhar as primeiras manifestações de suas memórias de uma vida passada.

– Ela começou a falar nisso aos três anos e parou aos dez – recordou-se Intisar. – Geralmente, mencionava o fato quando via crianças pequenas. Costumava pegar doces e escondê-los, dizendo que eram para “seus filhos”. Também guardava doces para uma criança da vila que, segundo ela, tinha o mesmo nome de um deles. Dizia: “Quero voltar para a minha família. Por favor, me leve para Aley.” Quando finalmente fomos até lá, ela nos mostrou a casa onde morava.

Agora, estávamos refazendo os passos de Itidal. Atravessamos uma montanha de lixo e restos de mobília, passamos por buracos em cercas de arame enferrujado e contornamos as laterais do edifício, subindo uma ladeira até atingir uma área estreita, coberta de ervas daninhas, entre o andar mais alto e o prédio vizinho. Em seu mapa, Stevenson desenhara um círculo indicando uma imensa árvore, o lugar onde Itidal se lembrava de estar dependurando a roupa lavada em sua encarnação passada, como Salma, quando o marido subiu aquela mesma ladeira e atirou. Agora, a árvore era apenas um toco em meio a latas enferrujadas e retalhos de plástico.

Não havia muito o que se ver, nada que corroborasse a história – exceto pelo toco da antiga árvore. Entretanto, ao ficar parado ali, no exato lugar onde um assassinato ocorrera há tantos anos, senti com mais força a obscuridade da vida e da morte de Salma. Mais uma vez, pensei: “Se essas memórias são fabricadas de maneira consciente ou subliminar, por que uma pessoa escolheria exatamente aquela vida para se lembrar?”

Mas nosso verdadeiro objetivo ali não era ver a casa. Subindo a colina, do outro lado da rua, morava um homem chamado Chafic Baz. Era professor de psicologia numa faculdade e, o mais importante para nossos objetivos, morava naquele endereço há muitos anos.

O apartamento de Baz havia sofrido um incêndio, mas agora estava totalmente reconstruído. Ele e a mulher nos convidaram a entrar insistindo em dizer, como era costume no Líbano, que a casa nos pertencia e que deveríamos tratá-la como se morássemos lá. Serviram-nos vinho tinto feito em casa, com as uvas do jardim, e travessas com frutas frescas.

Chafic Baz, que vinha de uma família de classe média alta, disse que conhecera bem Salma e sua família.

– Eram muito pobres – contou. – Ela trabalhava nas casas de outras famílias e lavava a roupa dos estudantes da universidade em sua própria casa.

Ele tinha dezessete anos quando Salma foi morta. Disse que, como todos ali, sabia que ela enfrentava problemas com o marido. Tinham sete ou oito filhos e quase nenhum dinheiro.

– O marido era um homem magro e rude, muito duro com Salma. Brigavam o tempo todo por causa das crianças, do dinheiro, de qualquer coisa. Salma trabalhava muito, como todo mundo.

Rememorei a entrevista com Itidal no minúsculo apartamento em Beirute. Algumas de suas afirmações haviam me deixado confuso. Por exemplo, ela disse que tinha sido morta às três da manhã e que estava dependurando roupas naquele momento. Esse era um horário estranho para secar roupas.

– Você se lembra a que horas ela foi morta? – perguntei.

– Eu ouvi os tiros – respondeu Baz. – Foi antes do amanhecer, talvez às três ou quatro horas. É claro que fui ver o que estava acontecendo. Salma estava caída, de costas. Perto dela, espalhada pelo chão, as roupas que pendurava. Um outro vizinho também foi averiguar o que tinha acontecido. O marido nos vira e apontou a arma para o alto das árvores, fingindo que estava caçando passarinhos. Depois, foi embora. Corri para onde ela se encontrava. Fui o primeiro a chegar, mas Salma já estava morta, com um tiro nas costas.

– Por que ela estaria dependurando roupas às três horas da manhã?

– Bem, ela começava a trabalhar de madrugada. Se quisesse fazer qualquer coisa para a própria família, precisava acordar bem cedo. Não era uma vida fácil.

Itidal também havia afirmado que seu marido atirara duas vezes, embora Stevenson achasse que ela não mencionara esse fato na entrevista anterior.

– Foi apenas um tiro – disse Baz. – Ele estava a uma distância de dois metros. Só ouvi um tiro e só havia uma ferida, tenho quase certeza.

– Há mais ou menos um ano – prosseguiu –, eu estava me vestindo para ir à universidade quando vi algumas pessoas do lado de fora, ao redor de uma menina. Perguntei o que estava acontecendo e eles disseram: “Essa é a criança que diz ter sido Salma.” Ela se apresentou a mim. Pessoalmente, acredito nela. Já vi muitos casos como esse.

– Alguma vez você encontrou um caso em que não acreditou?

– Não – disse ele. – Acho que são verdadeiros. O irmão da minha mulher se lembra de duas vidas, mas ele pode não querer conversar sobre isso com vocês. Minha mãe, de oitenta e oito anos, se lembra de uma vida passada. Mas ela, definitivamente, se nega a discutir o assunto. E sei também de um garoto de dez anos que se lembra da vida de um vizinho meu que morreu num bombardeio. Não falei com ele, mas alguns vizinhos disseram-me que ele esteve aqui e que o viram apontar para mim e dizer meu nome quando eu estava passando pela rua. Não parei, porque tinha um compromisso. Mas a família dele mora aqui em Aley, no distrito industrial. Não é longe. Posso ensinar o caminho a vocês.

Como sempre, Stevenson manteve-se impassível. Na verdade, ele estava em dúvida. Valeria a pena dedicar algum tempo a uma primeira entrevista de um caso que não teríamos tempo de acompanhar, que talvez nunca revíssemos?

Stevenson refletia cada vez mais sobre o futuro de sua pesquisa. Esse futuro, realisticamente falando, não o incluía, mas poderia muito bem incluir Erlendur Haraldsson, o pesquisador que estava aplicando testes psicológicos em algumas das crianças pesquisadas. Haraldsson já havia feito isso em outros lugares, comparando os resultados das crianças com os de colegas de escola, escolhidos ao acaso. A idéia era verificar se os meninos e meninas que afirmavam lembrar-se de vidas passadas demonstravam algum sinal de desordens psicológicas ou tendências acentuadas à fantasia.

Os estudos que Haraldsson havia feito até agora não indicavam nenhuma dessas possibilidades. Na verdade, ele concluía que as crianças dos casos tinham uma tendência a ser menos sugestionáveis do que os colegas escolhidos ao acaso. Além disso, na média, alcançavam também uma pontuação mais alta nos testes de inteligência.

No final, Stevenson decidiu que a possibilidade de encontrar algum material que auxiliasse a pesquisa de Haraldsson fazia com que a visita valesse a pena.

Eu tinha meus próprios motivos para querer ir. Até agora, todas as pessoas que entrevistamos já haviam se tornado adultas. Suas lembranças eram apenas isso – lembranças. Por melhor que suas afirmações da infância tivessem sido testemunhadas, imaginei que seria diferente ouvir tudo diretamente da boca de uma criança.



O “distrito industrial” não passava de uma estrada tortuosa, esburacada e íngreme que contornava pilhas de automóveis velhos, lixo em brasa e vãos de concreto onde funcionavam garagens, marcenarias e depósitos. Não parecia um lugar apropriado para se viver. Após fazer algumas consultas, chegamos a uma oficina. Um rapaz de cerca de vinte anos apareceu para abrir a porta do apartamento do segundo andar.

– Estamos procurando por Bashir Chmeit – disse Majd, em árabe, explicando a razão de nossa visita.

O rapaz, irmão de Bashir, convidou-nos a entrar. O apartamento nos surpreendeu: um oásis todo acarpetado, repleto de plantas, surgindo num desolado fim de rua. Ficamos sentados numa sala aquecida por um fogareiro a óleo. Quinze minutos depois, o menino apareceu. Seu rosto estava corado. Ele atravessou a sala, deixando um cheiro de colônia no ar. Parecia um adulto em miniatura, tanto nas vestimentas quanto na maneira de falar. Sua característica mais marcante, no entanto, era o brilho de madrepérola de sua pele, que parecia ter luz própria. Trocamos apertos de mãos e ele se sentou no sofá, cruzando as pernas e os braços de maneira decidida. Ficou ali, perfeitamente controlado, olhando diretamente para cada um de nós, aguardando as perguntas.

– Você tem dez anos, não é isso? – começou Stevenson.

– Onze – respondeu o menino. – Meu aniversário foi há dois dias.

– Você se lembra de uma vida passada?

– Eu me lembro de ter dito ao meu irmão: “Não sou Bashir. Sou Fadi.”

A porta principal se abriu e os pais de Bashir entraram. O pai nos cumprimentou, sentou-se ao lado do filho e não disse nada. Bashir mal lhe dirigiu o olhar.

– Eu costumava chorar muito até minha mãe anterior chegar. Eu me lembrei, chamei a todos pelo nome. E me lembro de ter sido morto numa casamata.

– Ele usou a palavra *dishmi* – explicou Majd ao traduzir. – Na verdade, é um buraco no chão, com sacos de areia e cimento em volta.

– Isso foi no distrito oeste de Aley – prosseguiu o menino. – Eu estava no topo, na parte de cimento do *dishmi*. Eles tinham acabado de construir o topo de concreto da casamata e eu ia inspecionar. Uma bomba explodiu e uma bala me acertou na garganta.

– Uma bala o atingiu? – perguntou Majd. – Você não disse que uma bomba explodiu?

– Ele disse “bala” porque não conseguiu achar uma palavra para definir um pequeno pedaço de metal oriundo da bomba – explicou Majd.

– Você quis dizer estilhaço? – perguntei.

– Isso.

Educadamente, Bashir esperou que terminássemos e, então, continuou seu relato.

– Eu caí. Estava inconsciente. Mas vi meus amigos removerem os feridos e também vi meu carro parado na calçada, um Toyota bege. Avistei uma pessoa correndo até o meu carro para roubar as jóias que eu tinha escondido. Costumava guardar minhas jóias ali quando estávamos lutando. Vi essa pessoa roubando as minhas jóias e pedi aos meus amigos que levassem primeiro os feridos e depois viessem me buscar.

– Você não falou que estava inconsciente? – indaguei.

– Pensei que estava inconsciente, mas conseguia ver e falar com meus amigos. E, então, não senti mais nada.

– Você se lembra de mais alguma coisa? – perguntou Stevenson.

– Lembro. Costumava sair com meus amigos Mutran e Bassam. Eu era membro do Partido Socialista Progressivo, mas não usava uniforme. Usava roupas civis. Costumava ajudá-los durante as lutas.

Fadi Abdel-Baki, vizinho de Chafic Baz, tinha apenas dezessete anos quando morreu na guerra civil, em 1978, oito anos antes de Bashir nascer.

Stevenson dirigiu-se aos pais do menino:

– Bashir tem alguma marca de nascença?
– Não – disse o pai. – Mas, quando começou a falar, tinha a voz de um rapaz. Se vocês o ouvissem de um outro quarto, achariam que se tratava de um homem.

– Havia alguma coisa diferente nele?

O pai respondeu que sim.

– Quando Bashir era um bebê, chorava todo o tempo. Ficávamos confusos, pois ele era saudável e comia bem. Mas chorava constantemente, até que viu alguém de sua família passada e, de repente, ficou mais feliz. Morávamos com um tio, perto do quartel-general do Partido Socialista Progressivo. Acho que ele viu um de seus amigos, isto é, um dos amigos de Fadi, e um jipe Land Rover que ele, Fadi, havia tomado de uma milícia rival.

Segundo a mãe, Bashir começou a falar aos quinze meses.

– Já começou falando frases completas. Dizia: “Não sou Bashir, sou Fadi.” E deu os nomes de seus pais e irmãos de outra vida.

– Nós não queríamos procurar a outra família tão cedo – prosseguiu. – Entretanto, depois de duas semanas, uma tia do meu marido, amiga da mãe de Fadi, disse-lhe: “Pare de chorar, seu filho pode ter renascido.”

Dois dias mais tarde, a família de Fadi veio nos ver. Bashir não reconheceu a mãe, mas, quando lhe mostraram um álbum de fotografias, ele a identificou. Na visita, ela estava usando um *mandeel*, mas só adquiriu esse hábito depois da morte do filho. Na fotografia estava sem ele. Segundo os pais, Bashir também reconheceu nas fotos os irmãos e irmãs de Fadi, assim como alguns de seus amigos.

– Vocês conheciam bem a família de Fadi? – perguntou Stevenson.

– Quando meu filho disse o nome pela primeira vez, sabia de quem ele estava falando – disse o pai. – Eu conhecia a história do rapaz que havia morrido... já o tinha visto uma vez... Por pouco não tivemos um acidente. Fadi estava em alta velocidade e quase me atirou fora da estrada. Saí do carro e gritei com ele. O rapaz me xingou. Então, segurei-o pelo pescoço... – Ele sorriu e colocou os braços ao redor de Bashir, sentando-se perto dele. – Quando agarrei Fadi, alguém me disse de quem era filho e eu logo o soltei.

Enquanto o pai falava, Bashir permanecia sentado, num silêncio impenetrável.

– Você se lembra disso? – perguntei.

Ele balançou negativamente a cabeça.

– Quem você sente que é agora – indaguei –, Bashir ou Fadi?

– Bashir – foi a resposta.

– Quando ele tinha oito ou nove anos – explicou o pai –, começou a dizer: “Eu era Fadi, agora sou Bashir.”

Ele se virou para o filho e, com voz serena, disse-lhe algo. O menino pulou do sofá e saiu da sala.

– Pedi a ele que saísse – falou, em inglês – porque não quero perturbá-lo outra vez. Seu pai anterior morreu recentemente. Bashir mal conseguia se alimentar. Ficou com sua outra família do início da manhã até as seis da tarde, exatamente como faria se fosse Fadi. Estava muito perturbado. Ficamos preocupados com ele.

Quando Bashir retornou, Stevenson lhe fez uma última pergunta, com o objetivo de determinar se o garoto apresentava alguma fobia que pudesse estar relacionada à sua vida anterior: ele tinha algum medo?

Bashir sorriu e disse que não. Sabia aonde Stevenson queria chegar.

– Quando estão atirando – disse ele –, gosto de atirar junto com eles. Sou um bom guerreiro.



– É um caso meio complicado – comentou Stevenson quando saímos da casa.

O caso de fato apresentava enormes falhas. As famílias moravam na mesma cidade e até se conheciam antes, o que fazia com que qualquer informação correta fornecida pela criança sobre a vida de Fadi pudesse ter sido aprendida através de seus pais. Ou os pais poderiam ter interpretado as palavras desconexas do menino de três anos à luz do que já conheciam a respeito de Fadi.

Mesmo assim eu fiquei satisfeito por termos feito a visita. Aquelas pessoas não estavam nos esperando, não nos tinham convidado. Estavam cuidando de seus negócios quando, gentilmente, aceitaram a nossa intromissão. Ficou claro que não esperavam obter nada de ninguém e nem do resultado das afirmações do filho. Gostei desse detalhe em relação ao caso, como gostei também que Bashir ainda fosse criança. Tinha visto com os meus próprios olhos a precocidade que Stevenson sempre descrevia em seus relatórios – as roupas, o perfume e a serenidade demonstrados pelo garoto eram intrigantes. Assim como o relato da morte de um homem numa linguagem infantil: o estilhaço na garganta, o breve período de consciência antes de morrer, e assistir, como se estivesse distante, seu carro sendo saqueado e seus companheiros removidos. Ele me fez lembrar das descrições feitas por pessoas cujos casos estavam sendo estudados por colegas de Stevenson – elas se lembravam de ter visto de cima o próprio corpo, em salas de cirurgia ou após acidentes de automóvel.

Levei mais uma certeza desse encontro: apesar das diferentes circunstâncias de cada um dos casos observados, uma semelhança estava começando a emergir – a certeza com que a criança, em suas primeiras palavras, insiste em afirmar: “Não sou Bashir, Suzanne ou Daniel. Vocês não são meus pais. Essa não é a minha casa.”



Seguimos na direção leste. A população se tornou mais escassa. Os pinheiros se multiplicaram. A estrada ficou ainda mais íngreme.

Estávamos nos dirigindo para um lugar no meio das montanhas que Stevenson descreveu como “possivelmente o menor vilarejo do Líbano”. Sua última visita ao local fora em 1971. O povoado, um beco sem saída de difícil acesso, consistia em uma meia dúzia de construções e umas poucas dezenas de pessoas.

Stevenson tinha estado lá para entrevistar a família de um pobre lavrador chamado Khattar. Ele apanhava cones e extraía amêndoas de pinheiros, que iam parar em restaurantes finos da Europa e da América, um trabalho que mal dava para alimentar seus seis filhos.

Duas dessas crianças, ambos meninos, afirmavam ter memórias de vidas passadas. Stevenson havia concentrado sua pesquisa no filho mais velho, Tali, que tinha seis anos quando fora entrevistado, em 1971. Esse interesse especial era devido a sinais de nascença no corpo do menino que correspondiam aproximadamente a uma ferida sofrida pelo homem de cuja vida ele afirmava lembrar-se, um próspero negociante chamado Said Abul-Hisn (não tinha parentesco com Itidal Abul-Hisn), assassinado seis semanas antes do nascimento de Tali.

Em 22 de junho de 1965, às seis horas da manhã, Said estava tomando café no pátio de sua casa quando um conhecido veio pela rua, aproximou-se dele e atirou. A bala entrou pelo lado esquerdo do rosto, atravessou a boca, feriu a língua e saiu pelo lado direito. Ele foi levado para o hospital, onde morreu onze horas depois. O atirador foi preso e levado para um manicômio: o crime parecia ter sido causado pelos delírios provocados pela semelhança física entre Said e um homem de quem o assassino guardava ressentimentos.

Tali só começou a falar, com bastante dificuldade, aos três anos de idade. Segundo seus pais, tão logo conseguiu fazer-se entender, ele disse:

– Não me chamem de Tali. Meu nome é Said Abul-Hisn.

Não demorou a começar a falar sobre os tiros. Quando Stevenson o entrevistou, aos seis anos, o menino contou:

– Fui colocado num carro e levado para o hospital. Minha mulher estava ao meu lado. Um dos meus dentes se soltou, minha língua sofreu um corte e minhas roupas estavam cheias de sangue.

A família disse que não havia notado nenhum sinal de nascença no menino. Porém, quando Stevenson o examinou, descobriu um círculo de pigmentação mais intensa, com cerca de um centímetro e meio de diâmetro, no lado direito da face. No lado esquerdo, uma marca similar, menor e mais apagada, podia ser vista.

Stevenson mediu e fotografou os sinais e, mais tarde, comparou-os com o relatório da autópsia feita em Said. Descobriu que as marcas de Tali ficavam ligeiramente mais direcionadas para a parte de trás da cabeça do que as feridas causadas pela entrada e saída das balas, mas chegou à conclusão de que isso poderia facilmente ser explicado pela migração que as marcas de nascença costumam sofrer com o crescimento da criança. Observou também que o desenvolvimento tardio e as dificuldades apresentadas na fala – embora difíceis de serem medidos com objetividade – poderiam ser analisados como um tipo de marca de nascença “funcional”, correspondente à lesão na língua de Said.

Uma questão feita por Stevenson em 1971 obteve uma resposta particularmente interessante. A última lembrança que Tali tinha de sua vida passada: cair da cama, no hospital.

As fichas do hospital não faziam menção a esse fato. Um relatório feito após a morte descreve-a com desolador minimalismo:

Submetido à traqueotomia. Dificuldades respiratórias às 5 da manhã. Ataque cardíaco. Morte.

Durante uma entrevista, a mulher de Said afirmara que, embora sem provas, alguém havia lhe dito que seu marido sofrera uma queda e morrera de asfixia antes que pudessem recolocar nele o tubo de respiração. Isso poderia corresponder à tal “dificuldade respiratória”. E não seria a primeira vez que um relatório hospitalar oficial omitia eventos importantes capazes de desacreditar a qualidade de seu atendimento.

Ainda assim, a viúva de Said se mantinha cética quanto às afirmações de Tali de que era seu marido renascido, principalmente porque o menino nunca se referira a uma de suas filhas, cuja doença crônica havia sido uma preocupação constante na vida dos pais.

Embora a cidade onde vivia Said ficasse a menos de cinco quilômetros de distância, os pais de Tali disseram a Stevenson que nunca o haviam levado até lá antes que começasse a falar do morto. Relutaram bastante, pois o menino insistia tanto afirmando ser Said que ficaram com medo de que ele se recusasse a voltar para casa. Quando finalmente o fizeram, Tali foi levado a uma sala onde algumas meninas estavam sentadas ao redor de uma mesa, inclusive Wafa, uma outra filha de Said. Perguntaram a ele:

– Você reconhece sua filha?

Segundo testemunhas, Tali sentou-se ao lado da menina e disse:

– Wafa, por que você não vai me visitar?

Após todo esse tempo, Stevenson havia finalmente publicado uma descrição do caso em seu livro mais recente – dois volumes dedicados a marcas e defeitos de nascença.

Agora, embora quisesse saber o que havia acontecido com as marcas de Tali, Stevenson estava mais interessado em fazer uma nova entrevista com a família a respeito de Mazeed, seu irmão mais novo. O caso de Mazeed – ele se lembrava da vida de um escavador de poços que havia morrido no trabalho, atingido na cabeça por uma cesta de pedras – havia

sido publicado somente de maneira resumida e Stevenson queria preencher algumas lacunas antes de incluí-lo num novo volume.

Estávamos dirigindo há meia hora quando alcançamos uma estrada. A encosta formava um precipício tão íngreme que ali nada podia ser construído. Aquela era a paisagem mais intocada que tínhamos visto no Líbano, mas a admiração foi vencida pela vertigem – no chão do automóvel, vi meus pés apertando um freio imaginário.

Mahmoud parou antes do final da estrada e, ao sairmos do carro, nos deparamos com um frio inesperado. Um homem baixo, vestindo uma túnica cinza e as tradicionais calças curtas e pretas, saiu da última casa e veio ao nosso encontro.

– Esse é Khattar – apresentou Stevenson. Majd disse algumas palavras, o homem concordou sorrindo e nos levou até sua casa de pedra, um pouco mais adiante. Lá dentro, numa sala de estar escura, alinhavam-se sofás e cadeiras desgastadas pelo uso, onde estavam sentados, em cantos opostos, os dois irmãos, agora adultos. Perto da porta, Mazeed nos olhava sem muito interesse. Tali, sentado próximo à parede direita, nos observava através dos olhos semi-abertos, esboçando o que parecia ser um estranho sorriso. Os irmãos usavam calças *jeans*, camisa esporte e botas de trabalho. Ambos traziam telefones celulares presos à cintura. Nenhum dos dois se levantou.

Stevenson não pareceu notar a frieza da acolhida. Sentado no sofá encostado à parede, ele abriu sua maleta. Majd sentou-se ao seu lado, mais perto de Tali. Após um minuto, ela se dirigiu a Stevenson:

– Ele disse que se lembra da sua visita, quando era criança. Você lhe deu um canivete suíço. Mas diz que você prometeu lhe enviar um livro e não o fez.

Tali começou a falar. Em sua conversa, identificamos claramente as palavras “New Jersey”.

Majd curvou-se e traduziu em voz baixa:

– Ele diz que não é mais Tali. Mudou o nome para o de sua vida passada. E não é só. Ele não parece muito disposto a cooperar. As pessoas aqui têm ressentimentos contra os norte-americanos. Um de seus irmãos foi morto no bombardeio lançado pelo *New Jersey*.

– Nós estamos aqui para conversar sobretudo com Mazeed – disse Stevenson.

Da cadeira onde estava sentado, apoiando-se num cotovelo, Mazeed falou pela primeira vez. Majd respondeu e isso se repetiu várias vezes, numa conversa calma, porém intensa.

– Estamos discutindo a religião drusa – disse ela, finalmente.

Mazeed perguntou:

– Nós conhecemos a reencarnação e acreditamos nela. Então, por que precisamos prová-la?

A mãe, usando um *mandeel* enrolado da maneira mais antiga, logo abaixo do nariz, entrou na sala com uma bandeja de café. Aceitei uma xícara, na esperança de que aquela demonstração de hospitalidade contrabalançasse o ressentimento que vi guardado no coração dos dois irmãos. Majd continuou a conversar com eles, sem consultas ou tradução, tentando movê-los daquele comportamento ríspido, tendo a sabedoria de envolver Stevenson e eu o menos possível.

– Mazeed tem um negócio, uma agência de empregos – disse ela, afinal. – Basicamente, isso significa trazer empregadas do Sri Lanka e encontrar emprego para elas. Ele diz que também é corretor de seguros.

– Pergunte se ele gosta de seu trabalho – disse Stevenson. Majd traduziu a pergunta.

– Se não gostasse, não estaria fazendo isso – foi a resposta. O tom dispensava tradução.

Stevenson remexia em seus arquivos sem muita pressa. Ele prosseguiu, aos poucos, com a entrevista. Mazeed ainda se lembrava de sua vida passada?

– Só um pouco. – Ele deu de ombros. – A guerra nos fez esquecer.

Khattar apareceu na minha frente com uma bandeja de doces, insistindo para que eu aceitasse um. Depois de hesitar, peguei um. Ele falou algo para Majd.

– O pai diz que Mazeed parou de falar sobre sua vida passada aos vinte anos.

– Vamos saber como está a saúde dele – disse Stevenson.

Mazeed olhou para cima.

– Fui ferido durante a guerra. Estilhaços de bombas lançadas pelo *New Jersey*. – Dirigiu um olhar de provocação para Stevenson e para mim e levantou a mão, exibindo uma cicatriz irregular que seguia até o pulso. – Fiquei um mês e meio no hospital. – Deixou a mão cair ao lado do corpo. – Nosso irmão foi morto na vila. O *New Jersey*.

No mesmo instante, a mãe apareceu com uma fotografia do irmão morto, um jovem magro que sorria para a câmera.

Um telefone celular tocou com espalhafato. Tali o tirou do bolso e atendeu.

– A maioria das casas nessa área foi destruída e depois reconstruída – disse ela.

Khattar me levou para o lado de fora e apontou para uma seção de pedras novas que formavam a parte sul da casa. Juntou as mãos e, então, separou-as repentinamente, imitando o som de uma explosão. Seus olhos castanhos estavam lacrimejantes, mas não demonstravam amargor.

Quando voltamos, Mazeed continuava a falar – um bom sinal, pensei. Disse que estava noivo de uma moça em Kfarsalwan, a cidade onde havia morado em sua outra vida. Ainda se encontrava com sua família anterior. Havia interrompido as visitas, mas recomeçou a fazê-las há dois anos, quando ficou noivo. A moça era uma conhecida da família passada.

– Qual vida você prefere? – perguntou Stevenson, lendo o questionário.

– Para mim tanto faz – disse Mazeed. – A vida é dura.

Do outro lado da sala, Tali provocou:

– Somos do terceiro mundo – disse, demonstrando revolta.

Majd traduziu e acrescentou:

– Tali me disse antes que está sem trabalho. Às vezes, dirige um táxi. Ele fez alguns cursos de nível universitário na área de negócios, mas não consegue emprego.

Tali inclinou o corpo para a frente e disse algo, de maneira vigorosa. A resposta de Majd foi longa. O rapaz balançou a cabeça. Majd disse mais alguma coisa e Tali a interrompeu.

Majd virou-se para Stevenson:

– Ele disse que não quer aparecer no livro.

Stevenson ajeitou-se no sofá, levantou as sobancelhas e afirmou:

– Já está lá.

Majd traduziu para Tali, que se levantou e deu um passo na direção de Stevenson, levantando a voz, quase gritando.

– Ele disse que, se está no livro, exige uma compensação – explicou ela. – Algum dinheiro ou ajuda para conseguir um emprego.

A sala se tornava cada vez mais fria e a luz, cada vez mais fraca. Eu não estava gostando muito do rumo que as coisas estavam tomando. Khattar disse algumas palavras ríspidas para Tali, que respondeu da mesma maneira. Majd também recomeçou a discutir com ele. Aproximei-me de Stevenson e falei em voz baixa, mas com convicção:

– Acredito que esse é o momento exato de sairmos daqui o mais rápido possível.

Tali havia dado mais um passo na direção de Stevenson e estava quase aos gritos. Majd falava baixo.

– Já que ele dirige um táxi, talvez pudesse transportar Haraldsson – sugeriu ela, mantendo os olhos em Tali.

Stevenson hesitou. Cada célula do meu corpo implorava para que ele fizesse aquela oferta. Ele se ajeitou novamente no sofá.

– Talvez Erlendur nem venha ao Líbano – disse ele, finalmente. – Mas acho que não faria mal se ele nos deixasse um cartão.

Majd traduziu o pedido. Tali permaneceu imóvel. Ela pegou uma caneta, Tali hesitou, mas, finalmente, pegou a caneta e escreveu um número numa página das anotações de Majd. Depois, sem dizer uma única palavra, virou-se e foi ao encontro do frio e da escuridão, do lado de fora da casa.

Algo me dizia que ele ia voltar. Não gostaria de estar lá quando o fizesse.



O Mercedes subiu as montanhas em meio ao silêncio. Nossa visita tinha durado pouco mais de duas horas, mas parecia um século.

– Khattar e a mulher estavam muito zangados com Tali – disse Majd. – Houve muitas discussões entre eles que eu não traduzi. Ele se comportou muito mal.

Pode ser. Mas fiquei pesaroso por termos imposto a nossa presença. E mais pesaroso ainda por causa do *New Jersey*.

10

PARA DETER UM TREM

No dia seguinte, o último de viagens e entrevistas, Tali e Mazeed permaneciam em nossas mentes. Stevenson estava pensando na pergunta de Mazeed: por que, sendo druso e crente, deveria ele preocupar-se em comprovar a reencarnação para os que não acreditam?

– É esse o paradoxo – disse Stevenson. – No Ocidente, as pessoas dizem: “Por que você está gastando dinheiro para estudar a reencarnação quando sabemos que ela é impossível?” E no Oriente questionam: “Por que está gastando dinheiro no estudo da reencarnação quando sabemos que ela é um fato?”

Eu estava pensando em algo diferente: desde a nossa chegada ao Líbano, para onde quer que fôssemos, nós nos deparávamos com casos de reencarnação. Desde o primeiro dia, quando Ulfat aparecera com suas memórias de ter sido esfaqueada por cristãos, até a noite passada, quando tínhamos ido entrevistar dois irmãos que se lembravam de outras vidas.

A minha sensação era de que, apesar de alguns casos individuais serem extremamente convincentes, havia uma proliferação desenfreada de casos difíceis de aceitar.



Despedi-me de Stevenson no aeroporto Charles de Gaulle. Ele voaria direto para os Estados Unidos e eu, para Londres, onde passaria a noite antes de ir para casa.

No trem que saía do aeroporto de Heathrow em direção à cidade, observei os bairros mais modestos passarem pela janela, fileiras e mais fileiras de casas de tijolos com pequenas sacadas e telhados pontudos. À última luz do dia, logo antes de o trem avançar pela cidade propriamente dita, passamos por um cemitério deserto ao fim de um dia cinzento, repleto de pedras e flores. Uma figura solitária, um homem num casaco marrom, estava em pé ao lado de um túmulo novo, a terra revolvida a seus pés, flores ainda frescas sobre a pedra fria, outras mais em suas mãos. Observei-o pela janela, de costas, de perfil, até ver sua expressão devastada, olhando fixamente para a cicatriz rasgada no chão de terra. Em seu rosto, marcas desenhadas por uma dor profunda, de uma intensidade capaz de envolver um estranho que ia se afastando cada vez mais. Mas sem o poder de trazer de volta o que ele havia perdido.

A ÚLTIMA RESPOSTA FÁCIL

À medida que a costa ia deslizando sob o ofuscante prateado da asa do avião, senti como se estivesse acordando aos poucos de um sonho. A dez mil e quinhentos metros de altura e um oceano e meio de distância, o Líbano estava reduzido à pasta preta e maltratada que descansava junto aos meus pés. Essa pasta nunca saiu do meu lado. Dentro dela, cinco cadernos de anotações que eu havia completado, da primeira à última página, com simples descrições de nossos encontros, o ir e vir de perguntas ao mesmo tempo corriqueiras e extraordinárias. Eu havia relatado tudo minuciosamente, refletindo sobre cada detalhe, procurando observar os acontecimentos sob vários ângulos. Mas eu não os tinha realmente visto. Estava perto demais, envolvido demais.

Agora, pela primeira vez, podia perceber os fatos em sua totalidade. O que tinha visto e ouvido nas três últimas semanas fora algum tipo de gigantesca ilusão – ou algo muitíssimo maior. Eu ainda não sabia em que acreditar e também não entendia por que não conseguia chegar a uma conclusão final. Seriam as provas ainda insuficientes? Ou estaria eu relutando em enfrentar as conclusões?

Na mesma pasta estavam inúmeras pesquisas que planejava examinar no Líbano. Iniciei a leitura de uma enfadonha discussão, com inúmeras notas de pé de página, entre céticos e defensores da pesquisa e das conclusões de Stevenson. A maioria dos argumentos usados pelos céticos podia resumir-se ao seguinte: as crianças estavam fantasiando, eram os pais que forneciam as informações para que as crianças as repetissem, a necessidade psicocultural de acreditar na reencarnação criara os casos, numa conspiração inconsciente entre pais e filhos, vizinhos e desconhecidos.

Para comprovar seus pontos de vista, os céticos mencionavam tudo aquilo sobre o que eu já havia refletido bastante: as inconsistências que apareciam até mesmo nos casos mais convincentes, a possibilidade de ligações entre as famílias passadas e presentes, as várias motivações que levavam ao desejo de ser visto como alguém que renasceu.

Quando terminei a leitura, tive certeza de que nada daquilo conseguiria explicar os acontecimentos que eu havia testemunhado no Líbano.

Mas um dos céticos, E. B. Brody, usava um argumento diferente: “O problema”, escreveu, “não está na qualidade dos dados apresentados por Stevenson para provar sua teoria, mas no corpo de conhecimentos e teorias que devem ser abandonados, ou radicalmente modificados, se quisermos aceitá-la.”

Em outras palavras, afirmativas extraordinárias exigem provas extraordinárias. Do ponto de vista de muitos cientistas ocidentais, a idéia de uma criança incorporar pelo menos uma parte de uma personalidade já morta é, sem dúvida, uma afirmativa extraordinária. Mas quem poderia dizer que as provas colhidas por Stevenson durante trinta anos também não o fossem? Mas seriam elas extraordinárias o bastante? Era essa talvez a pergunta que vinha me atormentando.

Outros autores que desafiavam Stevenson não tinham problemas em relação aos seus dados e nem em considerá-los suficientes para sustentar uma afirmativa extraordinária. Sua argumentação era quanto à própria afirmativa. Preferiam dizer que os casos seriam melhor

explicados através do fato de uma criança ser especialmente sugestionável, combinada com a percepção extra-sensorial – a habilidade de receber telepaticamente detalhes sobre a vida de uma pessoa morta.

Os argumentos referentes à percepção extra-sensorial não se sustentavam: as crianças não diziam “a personalidade anterior tinha três vacas”, como seria de se esperar de alguém que estivesse recebendo, por telepatia, informações sobre um desconhecido. Diziam “eu tinha três vacas” e agiam como se acreditassem ser aquela outra pessoa. Além disso, dificilmente elas exibiam qualquer outro sinal de habilidade psíquica, o que levantava a seguinte questão: por que uma criança demonstraria habilidade psíquica tão intensa somente em relação a um determinado indivíduo morto?

No fundo da pilha de papéis eu havia agrupado uma outra categoria: investigações de casos – “estudos de réplica”, como eram chamados – feitas por três cientistas independentes, a convite de Stevenson.

Essa conclusão de uma antropóloga, Antonia Mills, que estudara dez casos na Índia em 1987, era um exemplo típico:

Antes de realizar essa pesquisa, eu estava preparada para concluir que alguns ou, talvez, todos os casos que eu investigaria seriam logros praticados por uma série de razões, como o desejo de uma criança e/ou de sua família de se identificar com uma casta superior. As investigações não confirmaram essas suposições...

Meus estudos indicam que um pesquisador independente, usando os métodos de investigação de Stevenson, encontrará resultados similares. Há aspectos de alguns casos que não podem ser explicados através dos meios normais. Não encontrei nenhuma evidência de que os casos que estudei fossem fruto de fraude ou fantasia...

Assim como Stevenson, concluí que, embora não ofereçam provas incontroversas da reencarnação ou de qualquer processo paranormal ligado a esse fenômeno, os casos por mim estudados fazem parte de um corpo crescente para os quais as explicações normais não parecem ser suficientes.

Um forte endosso. Antonia Mills, entretanto, fazia parte daquele grupo de pesquisadores acusados pelos céticos de não serem de fato independentes e de trabalharem para Stevenson. Isso era de certa forma verdadeiro. Tais pessoas não trabalhavam para Stevenson, mas recebiam dele alguma ajuda financeira. Além disso, mantinham um relacionamento pessoal com ele.

Um dos pesquisadores, um psicólogo australiano chamado Jünger Keil, referiu-se diretamente ao problema:

Minha consideração por Ian Stevenson pode ser melhor resumida por expressões como admiração profissional e amizade pessoal. Alguns leitores talvez questionem se essa é uma boa base para um estudo independente. Entretanto, meu grande apreço por Stevenson não me deixa dúvidas de que ele é capaz de acolher bem quaisquer resultados em seu campo de interesse que sejam baseados em pesquisa sólida, quer favoreçam ou não o seu ponto de vista.

Apesar desse tom sincero, pude entender os motivos que levariam uma pessoa a rejeitar essa certeza. Por outro lado, não precisava me preocupar com a imparcialidade de Keil ou com a falta dela: eu tinha visto os casos com meus próprios olhos.



Alguns dias depois, ainda estava tentando digerir tudo aquilo quando recebi uma mensagem eletrônica de Stevenson: ele havia marcado a data de sua viagem à Índia, certamente a última vez que iria até lá, e queria saber se eu pretendia acompanhá-lo. Em muitas ocasiões, e de muitas maneiras, ele já havia dito que as pesquisas na Ásia eram mais penosas, mais perigosas e, geralmente, exigiam mais do que as feitas no Líbano. Isso me fez hesitar, assim como o tempo e o dinheiro que precisaria investir, mas não cheguei a pensar seriamente numa recusa.

Um dos argumentos mais convincentes contra a aceitação dos casos de Stevenson como prova da reencarnação era a idéia de que eles não passavam de fantasias coletivas, reforçadas pela própria comunidade que as criava e, assim sendo, não poderiam provar nada além da vontade que essa sociedade tinha de acreditar. Eu havia pensado nisso no Líbano e agora colocava essa questão no contexto da Índia.

Não conhecia quase nada a respeito da cultura indiana tradicional e da crença hindu na reencarnação. Entretanto, sabia que eram tão diferentes das crenças e da cultura drusa quanto estas das crenças predominantes em Miami Beach. E também sabia que, se o fenômeno de crianças que se lembram de outras vidas fosse uma criação cultural, as semelhanças entre os casos do Líbano e da Índia seriam apenas superficiais.

E se ao fossem? E se os casos tivessem as mesmas características daquelas que tínhamos visto em Beirute? Se fosse assim, eu saberia algo mais: teríamos que descartar todas as respostas fáceis.

TERCEIRA PARTE

Índia

Crianças da miséria

12

O LEITERO

À meia-noite, quando pousamos em Déli, um irritante e intenso cheiro de fumaça invadiu a cabine do avião. Senti um grande alívio ao notar que ela não estava em chamas, mas estranhei quando o cheiro nos seguiu por todo o feioso terminal. Mergulhamos na noite e descobrimos que o aeroporto inteiro estava envolto numa nuvem de fumaça semelhante a um nevoeiro. Quando Stevenson e eu saímos, um homem apoderou-se de nosso carrinho de bagagens e, sem dizer uma única palavra, empurrou-o até um local escuro, a uns cem metros de distância, e começou a colocar as malas numa pequena caminhonete. Rezei para que fosse um motorista de táxi e não um ladrão. A saída do automóvel estava bloqueada. Furioso, ele gesticulou para que eu o ajudasse a empurrar os dois veículos que o enclausuravam.

Logo nos vimos na rua principal de Déli. Passava de uma da manhã e o lugar estava quase deserto. A fumaça pairava em frente aos faróis. Fiquei aguardando o momento de emergir daquela nuvem, mas ela se tornava cada vez mais densa, a ponto de dificultar a respiração.

– De noite é muito pior – disse Stevenson.

– Quer dizer que *toda* noite é assim? – perguntei.

– Isso vem de todas essas fogueiras de dejetos – explicou, olhando calmamente para a escuridão, aparentemente despreocupado, apesar de seus problemas respiratórios crônicos. – Talvez hoje esteja um pouco pior do que de costume.

A Índia, assustadora para a maioria dos visitantes ocidentais, era velha conhecida de Stevenson. Ali ele empreendera sua primeira pesquisa de campo. Agora, trinta e sete anos mais tarde, essa era provavelmente a última delas.

Nosso hotel era um edifício escuro e mal cuidado, com acomodações extremamente precárias. Tive um sono irrequieto e acordei com o grasnar estridente de um corvo pousado no beiral da janela. Um tênue cheiro de fumaça permanecia no ar. Passamos a manhã esperando pela Dra. Satwant Pasricha, a psicóloga indiana que auxiliara Stevenson em muitas de suas viagens à Índia e que vinha aplicando os métodos dele na realização de pesquisas. Às onze e cinquenta da manhã, ela apareceu no saguão do hotel – uma mulher baixa, vestindo um sári roxo, com duas sacolas grandes penduradas no ombro direito, um colar de pérolas no pescoço e a marca vermelha de sua casta logo acima do nariz. Assim que terminamos de nos instalar, fomos almoçar juntos. Satwant folheou algumas anotações onde havia delineado um possível itinerário dos casos. Suas maneiras eram gentis e seu sorriso, franco. Era interessante ver a imagem em carne e osso da Dra. Satwant Pasricha, que aparecia com destaque nas páginas de agradecimento dos livros de Stevenson e que fora responsável por algumas críticas feitas ao trabalho dele.

Satwant era sique, uma das religiões da Índia fundada há mais de quatrocentos anos, que combina elementos do hinduísmo e do islã, numa tentativa de amalgamar as duas doutrinas dominantes do país. Um dos elementos que os siques adotaram do hinduísmo é a crença de que as almas renascem de acordo com as ações praticadas na vida anterior. Os honrados eram bem-nascidos e os perversos retornavam para uma vida de sofrimentos – ou

até mesmo como animais. Por causa disso, muitos céticos se recusaram a levar a sério o trabalho de Satwant.

Eu não me deixei impressionar por essa crítica. Se Satwant não pode ser considerada apta a estudar esses casos por crer na reencarnação, o mesmo deve acontecer com qualquer pessoa que veja na morte o fim de tudo.

Quando conversamos a esse respeito, Satwant me disse:

– Seja qual for a nossa crença ou nacionalidade, somos cientistas. Além disso, o que estou observando nesses casos é completamente diferente da maneira com que os hindus vêem a reencarnação.

De fato, Satwant me contou que quando um colega lhe disse que Stevenson estava procurando um psicólogo indiano interessado em conduzir aquele tipo de pesquisa, ela expressou um forte ceticismo.

– Não pensava que casos assim existissem – acrescentou. – Quando disse isso a ele, Stevenson me falou: “Espere para ver.” Então, concordei em examinar um caso. Primeiro fomos até a vila da personalidade anterior e o irmão nos levou a uma outra vila, onde morava o sujeito da pesquisa: uma menina. Tivemos que fazer um longo percurso a pé, pelos campos. Quando finalmente chegamos, a criança se jogou nos braços do irmão e ficou abraçada a ele. Foi muito comovente. Ela se lembrava da vida de uma menina que saiu para buscar água, caiu no poço e morreu. Ao falar das lembranças daquele momento, pude ver que ela estava revivendo todo o terror por que passara. Não se pode quantificar algo assim, mas foram experiências como essa que me fizeram acreditar que tais histórias poderiam ser reais.

O almoço foi se estendendo devagar e eu já planejava uma sesta prolongada quando ouvi Stevenson dizer:

– Estamos pensando em ver o caso sobre o qual Satwant leu no jornal. Não é longe daqui.

Dez minutos mais tarde, estávamos num automóvel alugado, mergulhando no caos urbano. Por toda parte, pessoas, animais, carros, bicicletas e lixo coexistiam numa atordoante profusão, como se inúmeras gerações lutassem para acontecer ao mesmo tempo. Bois e búfalos, castigados por cangas de madeira, puxavam carroças que balançavam sobre rodas em desalinho. Mulas e cavalos resfolegavam sob imensas cargas. Riquixás de dois lugares, puxados por bicicletas, oscilavam com o peso de famílias inteiras. Pessoas perambulavam por entre imensos depósitos de lixo e choupanas em ruínas, feitas de tijolos sem argamassa, forradas de plástico. Um fétido canal os separava de jardins lindamente cuidados, repletos de flores e verduras. Homens acocoravam-se atrás das plantas mais altas para defecar – uma necessidade num país onde 700 milhões, entre quase um bilhão de pessoas, não têm acesso à rede de esgotos. De repente, imensos flancos de cor parda arrastaram-se pela minha janela, tão próximos que poderia tocá-los com a mão. Espichei o pescoço e dei de cara com as mandíbulas salpicadas de espuma de um camelo, preso por arreios a uma carroça.

À medida que avançávamos em direção ao norte, as aglomerações deram lugar a campos verdes, repletos de ervilhas e trigo. De um lado da estrada, trabalhadores – homens, mulheres e crianças – agachavam-se para colher ervilhas. Do outro lado, de pé, homens urinavam. Mais adiante, um trator abarrotado de cana-de-açúcar havia caído numa vala, espalhando a carga pelo chão.

Algumas mulheres, equilibrando potes de barro e de latão na cabeça, surgiram á nossa frente. Caminhavam em direção a uma vila formada por casebres e tijolos. À medida que nos aproximávamos, a estrada de pedras ia se transformando em lama. O motorista diminuiu a marcha. O carro trepidou de forma ameaçadora.

– Não será a primeira vez que eu teria que sair e empurrar – observou Stevenson, sem nos trazer maior tranquilidade.

A família que queríamos entrevistar morava na parte mais alta, no final de uma ruela suja e estreita. A casa era uma estrutura de tijolos com dois cômodos. Ficava situada no canto mais afastado de um pátio imundo, em frente a um poço do qual se retirava água manualmente. Três búfalos negros, acorrentados a uma estaca, espantavam as moscas que os rodeavam.

O sujeito do caso, uma menina de sete anos chamada Preeti, pequena para a idade, de rosto redondo, cabelos curtos e pretos cortados como um menino, estava em pé, timidamente, num canto. Usava uma blusa de algodão grosso com o desenho de dois jogadores de futebol americano e os dizeres: THE BEST OF THE WEST. Os pais trouxeram dois bancos de madeira para o pátio e começamos a entrevista.

O pai, Tek Ram, trabalhava na companhia telefônica em Nova Déli. Ele nos contou que, tão logo aprendera a falar com clareza, Preeti tinha afirmado para o irmão e a irmã:

– Essa casa é sua, não é minha. Esses são os seus pais, não os meus.

A menina dissera para a irmã:

– Você só tem um irmão, eu tenho quatro.

Contou que não se chamava Preeti, mas Sheila. E deu os nomes de seus “verdadeiros” pais. Implorou para ser levada para “casa”, na cidade de Loa-Majra, distante cerca de dezoito quilômetros dali.

Naquele fim de mundo, tão distante geográfica e culturalmente de qualquer outro lugar onde eu já estivera, estávamos recomeçando exatamente de onde havíamos parado em Beirute.

Entretanto, a história ali tomou um caminho curioso. Os pais de Preeti nunca haviam estado em Loa-Majra e não conheciam ninguém lá. Por isso, não investigaram a história da filha. Disseram-lhe que parasse de falar bobagens e ignoraram seus apelos.

O desinteresse inicial da família tornava o caso mais consistente. Se isso fosse verdade, ninguém poderia dizer que os pais direcionaram a criança ou lhe passaram informações que serviriam de base para suas afirmativas.

A mãe de Preeti trouxe uma bandeja com chá quente, amêndoas salgadas e doces feitos de açúcar e leite. Isso nos colocou num dilema para o qual já me haviam alertado: se recusasse, ofenderia meus anfitriões, mas se bebesse ou ingerisse comida preparada na área rural da Índia, correria o risco de contrair alguma doença grave. Stevenson havia me aconselhado a comer e beber minúsculas quantidades, torcendo para nada acontecer. Foi o que fiz, com certa apreensão, enquanto o pai prosseguia com a história:

– Quando Preeti tinha quatro anos, disse ao leiteiro: “Essas pessoas não querem me levar para a minha vila. Você me levaria até lá?”

“Existem leiteiros por aqui?”, pensei. Mas logo percebi que ele não estava se referindo ao homem da loja de laticínios que deixa garrafas de leite na porta dos fundos. O leiteiro, ali, era um vizinho, um operário, que ordenhava a búfala da família em troca de leite.

O leiteiro repetiu a história da menina para uma mulher que havia nascido em Loa-Majra, perguntando se ela ouvira falar de um sujeito chamado Karna, cuja esposa se chamava Argoori, que havia perdido uma filha chamada Sheila?

A mulher respondeu que conhecia um homem chamado Karan Singh, apelidado de Karna, cuja filha adolescente fora atropelada e morta por um automóvel quando atravessava a rua. O nome da esposa de Karna era Algoori.

A notícia chegou até a família em Loa-Majra e alguns homens, entre eles o pai da menina morta, foram visitar Preeti. Segundo Tek Ram, ela reconheceu o pai e, mais tarde, quando foi com ele até a vila, reconheceu também outras pessoas.

Stevenson e eu havíamos conversado a respeito desses reconhecimentos que apareciam com tanta frequência nos melhores casos estudados. Pelo menos aparentemente eles constituíam as evidências mais fortes para a comprovação da veracidade das afirmações

sobre vidas passadas. Mas quase sempre eram também problemáticos. Nas comunidades rurais, os encontros entre as crianças e as famílias às quais elas afirmavam ter pertencido anteriormente costumavam acontecer diante de grande número de espectadores. Estes poderiam sugerir algo ou simplesmente dirigir o olhar para a pessoa em questão, orientando a criança para que fizesse a escolha certa.

Tentamos obter detalhes sobre como exatamente a família anterior tinha sido reconhecida. Preeti virou o homem se aproximar?

Tek Ram afirmou que não. Quando os homens de Loa-Majra chegaram, a menina estava na escola com a irmã. Elas voltaram para casa e os encontraram ali, à espera de Preeti.

Pedimos para falar com a irmã de onze anos, que tinha nove quando o encontro apareceu. Como a mãe, ela estava enrolada num xale verde. Sentou-se no banco ao lado de Satwant e respondeu nossas perguntas em voz baixa.

– Quando nos aproximamos da casa, vimos um grupo de pessoas – lembrou-se ela. – Preeti inclinou-se na minha direção e disse: “Meu pai está aqui.”

Mais tarde, segundo Tek Ram, quando lhe perguntaram quem era seu pai, ele foi para perto de Karna Singh e o abraçou. Desde então, Preeti costuma visitar a família em ocasiões especiais.

O pai disse ainda que antes das visitas ela era solitária, não brincava com outras crianças.

– Depois de estar com eles quatro ou cinco vezes, ela ficou muito mais relaxada. Parou de se sentir infeliz todo o tempo – explicou.

– Alguma vez ela se referiu à forma como morreu na vida anterior? – indagou Stevenson.

– Tudo o que ela disse foi: “Caí do alto e morri” – explicou a mãe. – Uma vez perguntei: “Como você veio parar aqui?” Ela respondeu: “Estava sentada à beira do rio. Estava chorando. Não conseguia achar uma mamãe, então vim para você.”

Antes de sairmos, o pai trouxe uma série de recortes de artigos publicados em jornais indianos referentes ao caso de Preeti. Com orgulho, ele me mostrou um texto britânico com a dedicatória de um professor de filosofia que viera para conversar sobre Preeti. Na capa, uma citação de Sócrates: “A vida não perscrutada não vale a pena.”

Enquanto caminhávamos pela estreita viela, de volta para o carro, o motorista aproximou-se furtivamente de mim e disse:

– O senhor deve dar a elas alguma coisa. Algum dinheiro.

Transmiti o comentário a Stevenson.

– Nunca fazemos isso – explicou ele ao motorista. – Contaminaria a informação.

Longe dos ouvidos do rapaz, Satwant observou:

– Ele pode ter dito alguma coisa para a família, prometido conseguir dinheiro. Acho melhor falar com eles.

Ela voltou para perto de Tek Ram e falou com ele em voz baixa.

Ao retornar, explicou:

– Ele disse que não estava esperando por dinheiro. Trabalha numa agência do governo e tem um bom salário. Acho que ficou constrangido porque o motorista tocou no assunto.

O céu estava claro, mas o sol já começava a se esconder. Apesar do esgoto aberto aos nossos pés, a noite tinha o cheiro doce do trigo verde. Enquanto nos afastávamos da vila, mulheres em longos vestidos de seda coloridos e cabeças cobertas por xales amontoavam-se ao redor do poço para encher seus cântaros.

Aquela única entrevista havia tomado quase todo o dia e ainda tínhamos duas horas de viagem de volta a Déli. Pensei nos arquivos de Stevenson, mais de 2,500 casos de todas as partes do mundo, cada um deles envolvendo inúmeras entrevistas. Quando estava folheando

as páginas datilografadas e as anotações escritas à mão, não dei o devido valor ao trabalho e à pura energia física que elas representavam.

À medida que a luz se desvanecia, o automóvel seguia em frente, balançando pela estrada estreita e esburacada, cheia de ônibus e caminhões vindos em sentido contrário. Fiquei pensando que era interessante notar que, apesar da forma violenta com que se dera a morte de Sheila, Preeti não tinha muito a dizer sobre o assunto. E que, apesar da atenção despertada pelo caso, demonstrada pelos recortes de jornais cuidadosamente preservados, os pais da menina resistiram à tentação de contar que ela afirmara ter sido atingida por um automóvel e nem procuraram se convencer de terem ouvido tal afirmação.

“Caí do alto e morri” não tinha nada a ver com um atropelamento. A não ser que...

– Se falarmos com a família de Sheila – disse eu –, devemos perguntar se alguém testemunhou o acidente. Uma vez vi um pedestre ser atingido por um carro. Ele voou mais de quatro metros, o que, na minha opinião, poderia justificar a menina dizer que caiu do alto.



O itinerário de Satwant acabou fazendo com que percorrêssemos todo o Norte da Índia antes de nos dar uma chance de voltar ao assunto do leiteiro. Seguindo o sinuoso percurso, atravessamos centenas de quilômetros. Fizemos inúmeras paradas rápidas em Déli, onde ficávamos o tempo suficiente para pegar um outro avião ou trem.

Numa dessas paradas, fomos a Loa-Majra. No caminho, Satwant mostrou-nos uma descrição do acidente num relatório sobre o caso de Preeti, publicado numa revista indiana chamada *Manohar Kahaniyan*. Li a tradução: Sheila, quinze anos, havia saído com outras mulheres para apanhar capim. Ela esqueceu a foice e correu de volta para buscá-la, atravessando a estrada.

Li o que aconteceu depois e fiquei surpreso, compreendendo plenamente o sentido da expressão “não acreditar nos próprios olhos”. Reli a próxima frase bem devagar: o automóvel atingira Sheila, jogando-a mais de três metros para o alto.

Primeiro fiquei perplexo, depois, desconfiado: talvez o autor, como eu, tivesse feito especulações e resolvido criar esse detalhe para tornar o relato mais convincente.

Mas o artigo não fazia nenhuma menção ao enigmático comentário de Preeti sobre “cair do alto”. Não precisa haver nenhum motivo óbvio para se inventar o tal detalhe.



A vila de Loa-Majra era maior do que o lugar onde Preeti morava. Paramos para pedir informações a um grupo de homens que conversava em frente a uma loja. Um deles, por coincidência, era irmão de Sheila. Ele entrou no carro e nos conduziu pela vila, levando-nos até uma estrada de terra, onde ficamos atolados na lama. Alguns metros adiante se encontrava a entrada do conjunto de casas onde a família morava: meia dúzia de construções de tijolos ao redor de um pátio de terra batida. Ficou claro que, embora pertencessem à mesma casta de Preeti, a família de Sheila tinha mais recursos. Karan Singh possuía uma alfaiataria e era também agricultor.

A notícia de nossa presença logo se espalhou. Em minutos, uma pequena multidão de vizinhos materializou-se no pátio para observar os acontecimentos. Enquanto conversávamos, um rapaz lavava roupas na bomba-d’água.

Sob o sol da tarde, o pai de Sheila sentou-se junto a nós. Seus cabelos eram negros, mas havia fios de barba branca em seu rosto, contrastando com a pele morena. Calculei que tivesse um metro e setenta e cinco centímetros de altura, o que era importante, pois uma das afirmações de Preeti a Tek Ram era: “Meu pai é mais alto do que você.” Entretanto, quando

visitamos Preeti, esquecemos de medir Tek Ram ou de perguntar-lhe sua altura. Stevenson e Satwant perceberam claramente que Karan era mais alto, mas eu só me lembrava de ter visto Tek Ram sentado e não pude ter certeza.

Uma das primeiras afirmações de Preeti aos pais fora: “Minha casa é grande, a sua é pequena.” Era inegável que a casa de Karan Singh era muito maior do que a da família de Preeti.

Karan confirmou o que os pais da menina tinham nos contado: o leiteiro comentara a história de Preeti com uma mulher que ele sabia ter nascido em Loa-Majra. Durante sua visita à sua vila natal, a mulher avistara a esposa de Karan e repetira para ela as afirmações da criança.

No dia seguinte, Karan Singh, um de seus filhos e quatro ou cinco homens da cidade foram ver a menina.

– Estávamos curiosos para verificar se ela estava falando a verdade – explicou.

Pedimos que nos contasse exatamente o que tinha acontecido na ocasião.

Ele nos disse que a mulher que havia contado a história ou levou à casa de Preeti. A menina, a mãe, o pai, o irmão e a irmã estavam lá, além de um vizinho. Mas a notícia se espalhou e uma multidão se reuniu no local.

– Queríamos testar a menina e por isso ninguém lhe disse qual de nós era o pai de Sheila, mas Preeti ficava olhando para mim. Depois de certo tempo, ela recomeçou a brincar. Então, sua mãe perguntou: “Você sempre diz que se lembra de seu pai verdadeiro. Qual deles é seu pai?” Ela apontou para mim, dizendo: “Esse é meu pai.” Um dos vizinhos quis saber: “Como seu pai se chama?” Ela disse o meu nome, o de minha mulher e o de nossa vila. Então, alguém falou: “Não aponte para o seu pai assim, de longe. Venha para perto dele.” Preeti atravessou a multidão e sentou-se no meu colo. Ela agarrou com força o meu pescoço e não largou mais. Depois, disse baixinho: “Por favor, me leve para casa com você.” Fiquei totalmente convencido. Além de tudo, ela se parecia muito com minha filha – concluiu.

Stevenson quis saber se ele tinha algum retrato de Sheila. Um de seus filhos trouxe a fotografia nas mãos. Nela, uma dúzia de crianças, divididas em duas fileiras. Karan indicou uma menina no meio da fila superior: Sheila, aos dez ou onze anos. Era uma garota incrivelmente bonita, num suéter azul de gola em V, olhando fixamente para a câmera. Havia mesmo alguma semelhança física entre as duas meninas, embora a diferença de idade dificultasse a comparação. Naturalmente, presumi que Karan se lembrasse da aparência da filha naquela idade. Entretanto, muitos dos casos que eu tinha visto não apresentavam qualquer semelhança entre o sujeito e a personalidade passada. De qualquer maneira, não vi no fato uma prova importante. Mas talvez o pai estivesse se referindo a algo além da semelhança física, ou talvez fosse apenas o seu próprio desejo: não era difícil imaginar a emoção que ele sentiu quando a menina pulou no seu colo e se agarrou ao seu pescoço, dizendo: “Papai, me leve para casa.”

– Você questionou a menina? Perguntou sobre algum detalhe? – indaguei.

– Havia tanta gente que não foi possível – respondeu ele. – Ficamos até quase meia-noite e Preeti estava muito cansada. Era sexta-feira. Prometi que voltaria no domingo, mas ela apenas se agarrou a mim, dizendo: “Você é meu pai. Quero ir com você.”

Os pais de Preeti tentaram dissuadi-la, mas ela continuava abraçada a Karan.

– Como a mulher que tinha nos levado lá era conhecida da família, eles decidiram deixar Preeti vir comigo.

Tomaram um “tempo” – um táxi de três rodas – para fazer o percurso entre a casa da menina e Loa-Majra. Pararam no mesmo lugar onde descemos e caminhamos pela lama – cerca de cem metros do lugar onde morava a família.

– Preeti nos conduziu até a casa – contou Karan. No caminho, ela viu um dos irmãos de Sheila saindo de uma loja. Sem que lhe pedissem, ela apontou para ele e o chamou pelo

nome. Quando chegaram à casa da família, o lugar estava repleto de amigos e parentes. Preeti reconheceu todos os irmãos e irmãs. Perguntavam a ela onde estava alguma coisa e ela apontava. Depois, Preeti olhou ao redor e perguntou: “Onde está Munni? Ela foi para a casa da família do marido?”

Munni era a irmã de quem Sheila era mais próxima. Ela havia se casado antes da morte da menina e não estava lá quando Preeti apareceu para a visita.

– No dia seguinte, Munni veio ver Preeti, que chorou quando a viu – contou Karan.

Ele disse ainda que, nesse ponto, não tinha mais dúvidas de que Preeti era sua filha reencarnada. Além disso, no acidente, Sheila havia se machucado na coxa e Preeti apresentava uma marca de nascença ali.

Quando esteve com a família, Stevenson examinou várias marcas na pele de Preeti. Ele pediu a Karan que fosse mais específico sobre o ferimento na perna da filha.

– Eu mesmo não vi – disse ele. – Mas minha mulher viu.

A mãe de Sheila estava trabalhando no campo. Mandaram buscá-la. Ela apareceu pouco tempo depois e Stevenson lhe perguntou onde era a marca de Sheila. A mãe apontou para a parte externa da coxa direita. O marido discordou:

– Você disse que era aqui – e apontou para a parte interna da coxa. A mãe fez uma careta. Stevenson repetiu a pergunta e ela apontou para a parte interna da coxa direita. Então, explicou:

– Não me lembro qual era a perna.

– O que a fez acreditar que Preeti era a sua filha renascida? – perguntou Stevenson à mãe.

– Quando ela chegou, eu estava junto com várias outras mulheres e alguém lhe perguntou quem era a sua mãe. Ela apontou para mim. Quando um de meus filhos mostrou o irmão mais novo de Sheila e perguntou a Preeti: “Ele é mais novo ou mais velho do que você?”, ela respondeu: “Ele era mais novo. Agora é mais velho.” No dia seguinte, ela estava brincando dentro de casa e outro de meus filhos disse: “Ela se parece com a minha irmã.” Preeti olhou para ele e respondeu: “Você ainda não acredita que sou sua irmã?” Meus instintos me dizem que ela é minha filha. Uma vez, quando estava com Preeti na rua, ela teve medo e falou: “Pare. Vou ser atropelada outra vez.”

Perguntei-lhe se ela havia presenciado o acidente. Ela disse que não. Somente um dos irmãos de Sheila, que estava trabalhando no campo, vira tudo acontecer.

– Ele ficou transtornado durante muito tempo – contou Algoori.

Duas semanas mais tarde, segundo ela, o menino sonhara que Preeti viera sentar-se perto dele. Ele ficara assustado, pois sabia que não era bom sonhar com os mortos.

– No sonho, Sheila lhe dissera: “Não tenha medo, eu vou voltar.”

Aguardamos algum tempo pela volta do irmão, para entrevistá-lo. Após uns vinte minutos, tivemos que ir embora. Ainda queríamos encontrar o leiteiro, do qual sabíamos somente o nome e a vila onde morava. Voltamos para o carro, acompanhados pelo pai de Sheila. Tentei avaliar o nível de dificuldade enfrentado por Preeti para guiá-los até as casas. Não havia muitas opções. Ela precisaria apenas saber que deveria entrar na primeira rua, em vez de seguir reto, e depois escolher a entrada certa para o complexo de casas onde morava a família. Obviamente, quando tivesse alcançado aquele ponto, ela teria ouvido as vozes das pessoas que se juntaram para vê-la.

Quando cruzamos a área enlameada, um menino que vestia um blusão azul e branco subiu a rua pedalando uma bicicleta com um enorme fardo de capim amarrado na traseira. Ele parou e cumprimentou o pai.

Satwant conseguiu ouvir a conversa e depois nos alcançou no automóvel.

– Aquele é o irmão que presenciou o acidente – explicou.

Voltamos para falar com ele, à beira do lodaçal.

O rapaz era dois anos mais novo do que Sheila. À época do acidente, devia ter doze ou treze anos. Ele nos disse que Sheila não fora jogada para o alto. O carro a atingira e a arrastara pela estrada. Ela caíra de um lado do veículo e seus sapatos foram parar do outro lado.

O irmão descreveu o sonho com Preeti, mas havia uma importante diferença do relato feito pela mãe.

– Ela não disse: “Eu vou voltar” – explicou. – Ela se sentou no meu peito e eu estava apavorado. Ela disse: “Não tenha medo, você não vai mais ver o meu rosto.”



De novo no automóvel, atravessamos uma área relativamente vazia no campo, seguindo por uma estreita faixa asfaltada, com fossos de irrigação em ambos os lados. Nosso plano era chegar a uma vila chamada Kharkhoda. Sabíamos que o leiteiro morava por ali, mas não era um lugar pequeno e só tínhamos o seu nome.

Demoramos uma hora para chegar. Durante a viagem, fui fazendo anotações em meu caderno, da melhor forma que pude, levando-se em conta os buracos na estrada. Estava tentando compreender tudo o que acontecera em Loa-Majra. Fiz uma lista com os pontos que pareciam confirmar as afirmações de Preeti e os que levantavam algumas questões.

Os itens mais importantes do lado a favor envolviam as múltiplas confirmações dos reconhecimentos feitos pela menina. Havia também alguns detalhes adicionais que não podiam ser explicados através de sinais de linguagem corporal – como o fato de Preeti notar a ausência da irmã casada de Sheila e perguntar por ela, chamando-a pelo nome.

No lado contra: embora os pais tivessem tentado fazer uma ligação entre as marcas de nascença de Preeti e as feridas de Sheila, diante das perguntas ficou claro que sua memória estava confusa. Da mesma forma, na versão da mãe para o sonho do filho, Sheila dizia: “Estou voltando.” A versão do rapaz foi totalmente diferente: “Você não vai mais ver meu rosto.” Esses dois pontos poderiam indicar um desejo dos pais de fazer com que o caso parecesse melhor do que era.

Não poderíamos ignorar totalmente o fato de o pai de Sheila ter dito que Preeti estava em casa quando ele chegou para sua primeira visita. A família de Preeti afirmara que ela ainda estava na escola.

Finalmente, havia ainda a torturante possibilidade de uma testemunha contradizer a lembrança de Preeti de ter “caído do alto”, que parecia estar relacionada à maneira com que ela fora jogada pelo automóvel, conforme o relato da revista.

Porém, eu tinha que levar em conta que todas aquelas discrepâncias poderiam ser explicadas. Talvez a mãe se lembrasse do sonho do menino com mais clareza do que ele próprio. Talvez o relato da revista estivesse mais próximo da verdade do que o testemunho do irmão – ele era muito criança na época e as memórias de fatos traumáticos não costumam ser muito claras. Talvez as contradições dos pais indicassem imperfeições normais da memória e não uma atitude tendenciosa – ninguém se lembra de detalhes com perfeição. Cometer alguns erros é normal.

O problema é que a base para a construção desse caso era exatamente a memória.



Chegamos a Kharkhoda e estacionamos na agitada rua principal. Em ambos os lados, lojas com frentes abertas e sem vidros vendiam de tudo, de incenso a programas de acesso à Internet, enquanto gordos porcos e patéticos cães vira-latas disputavam a imundície que corria a seus pés. Eu já havia aprendido a suportar aquele bombardeio sensorial imaginando que estava na Idade Média, quando os pequenos povoados europeus começavam a expandir-se

sem controle, transformando-se em cidades imundas, mas irrefreavelmente vivas – minhas raízes culturais.

Satwant e o motorista saltaram do automóvel e desapareceram numa rua estreita, com calçamento de pedras, que se estendia por entre os contínuos muros de tijolos que cercavam os complexos de casas. No calor da tarde, Stevenson sentou-se no banco de trás e eu, no da frente, com a janela aberta pela metade.

Depois de algum tempo, o motorista voltou sozinho.

– Sigam-me – ordenou. – Encontramos o homem que vocês estavam procurando.

A casa do leiteiro ficava a meio quarteirão dali. Era uma construção de tijolos, sem luxo, nos fundos de um pátio sujo. Seu único toque de opulência era uma casa de banhos, do tamanho de uma cabine telefônica, situada na parte da frente, ao lado da bomba d'água. Uma cortina de plástico vedava a entrada.

O nome do leiteiro era Ranbir Singh. (Descobri que Singh era um sobrenome muito comum entre os hindus e os siques – significa “leão”, denotando a força da fé – e Ranbir não era parente de Karan Singh.) Ele confirmo a história que ouvimos das duas famílias e acrescentou um detalhe importante: além de ignorarem os apelos da menina para ser levada a Loa-Majra, eles a castigaram por negar que era Preeti.

– Quando fui ordenhar as búfalas, eu os ouvi gritar e bater na criança. Ela estava chorando. Quando me viu, veio me abraçar, dizendo: “Por favor, me leve até a minha vila.”

Perturbado, o leiteiro procurou a única pessoa de Loa-Majra que conhecia: a mulher que acabou passando a notícia sobre as afirmações de Preeti para a família de Sheila.

Ele nos contou que, quando a mulher foi falar com Preeti, a menina a reconheceu de imediato, chamando-a pelo nome. Ele não testemunhou esse fato, mas foi o que a mulher lhe contou.

O leiteiro estava presente quando Karan Singh veio encontrar Preeti pela primeira vez. Sua versão dos fatos era um pouco diferente. Karan dissera que a menina o olhou por algum tempo e depois foi brincar, até que a mãe lhe pedisse para indicar seu “pai”. Na versão do leiteiro, assim que viu Karan, Preeti correu e o abraçou.

Ranbir nos levou de volta até o carro. Faltava ainda visitar uma pessoa: a mulher que transmitira as notícias sobre as afirmações de Preeti à família de Karan Singh.

Chegamos ao conjunto onde ela morava no início da noite. Várias famílias se preparavam para o jantar. Acendiam o fogo para cozinhar usando um punhado de gravetos com os quais faziam arder um grande disco de estrume que queimava como carvão. Bebês choravam num canto. A mulher a quem fomos entrevistar era apenas um contorno sob um xale escuro, enrolado duas vezes sobre o rosto. Ela repetiu quase tudo o que já tínhamos ouvido, mas insistiu em afirmar que, quando foi ao encontro de Preeti, Karan Singh passou primeiro por sua casa. Mandaram buscar a menina. E foi naquele momento, e não depois, na casa de Tek Ram, que Preeti identificou Singh como seu “pai”.

– Essa é a terceira versão do reconhecimento. Talvez a quarta, se contarmos o que o leiteiro disse: que Preeti reconheceu Karan imediatamente – observei, quando já estávamos na estrada de volta a Déli. – O único ponto em que todos concordam é que Preeti o reconheceu, em algum momento, em algum lugar.

– Acho que essa mulher só está tentando aumentar o seu papel na história – comentou Satwant.

– É verdade. Isso acontece às vezes nessas pequenas vilas – concordou Stevenson, cruzando os braços. Por um minuto, seguimos em silêncio. – Acho que os cétricos teriam imenso prazer em destruir esse caso – comentou ele.

– O que você está querendo dizer? – perguntou Satwant.

Virei-me para ela:

– Pode deixar que eu respondo. Existe essa menina, que está infeliz com os pais. Está convencida de que eles não a amam. E talvez essa mulher que acabamos de entrevistar não seja a única de Loa-Majra que se casou com alguém da vila. Talvez existam outras três ou quatro que conheçam Karan Singh e sua família. Um dia, Preeti ouve essas mulheres conversando, lembrando-se dos velhos tempos, até que falam de uma menina chamada Sheila, que morreu num acidente. Mencionam o nome do pai, da mãe, comentam o quanto sofreram com a perda. E Preeti pensa: “Será que eu pertenço mesmo a essa família com quem vivo? Será que aqueles pais que sentem tanta falta da filha não são os meus pais? Será que eu sou a menina que morreu?” Porque, mesmo sendo ainda tão pequena, ela já deve ter ouvido falar em reencarnação. Então, Preeti começou a dizer: “Vocês não são os meus pais. O nome do meu pai é Karan Singh.” O leiteiro ouve tudo e passa a história adiante. Os pais da menina morta desejam acreditar que a filha voltou. Então, resolvem ver a criança e encontram uma multidão no local. Quando perguntam à menina quem é “seu pai”, ela se encaminha até a pessoa para quem todos estavam olhando e Karan Singh interpreta isso como uma confirmação. O mesmo acontece quando ele leva a criança para Loa-Majra. Talvez ela se engane no início e corra para a pessoa errada, mas vê outros se afastarem, balançando a cabeça, e encontra a pessoa certa. E quando ela pergunta onde está a irmã casada? Talvez tivesse entre ouvido alguém dizer: “É uma pena que Munni não esteja aqui para ver isso.” Nessa cultura não é difícil concluir que, se a irmã mais velha não está na casa dos pais, só pode estar na casa da família do marido.

Satwant me olhava com um misto de mágoa e admiração. Quando terminei, ela me perguntou:

– É nisso que você realmente acredita?

Refleti por um minuto.

– Não – respondi.

CIDADE DE VIDRO E DE ESPLENDOR

De manhã bem cedo, tomamos o trem expresso para Agra, a cidade do Taj-Mahal, e vimos o sol nascer na planície descampada da área central da Índia.

– Esses vagões com ar-condicionado são recentes – observou Stevenson. – Você não está tendo uma verdadeira noção do que é andar de trem na Índia.

Ao saltar, a experiência foi suficiente. Carregadores e pedintes aglomeraram-se à nossa volta e nos seguiram até um estacionamento, formando uma massa tão densa que não conseguíamos dar um passo sem encontrar milhares de braços estendidos.

Nosso hotel ficava dentro de uma área cercada, com arbustos e flores. Assim, mantinha a aparência impecável, necessária para agradar os turistas que vinham conhecer o Taj-Mahal, que, como a placa na entrada anunciava, podia ser avistado do telhado.

Deixamos as malas e alugamos um minúsculo microônibus Maruti, aparentemente construído com o mesmo material usado na fabricação das latas de Pepsi-Cola. Sentei-me no banco da frente. O pára-brisa era tudo o que me separava da estrada. Levando-se em conta que o lugar estava sempre repleto de animais e de veículos um tanto assustadores, sentei-me como se estivesse assistindo a um filme em três dimensões, sentado na primeira fila.

Agra parecia mais antiga do que as áreas de Déli que visitei. Era um amontoado de ruínas e grandiosidade – as ruínas eram mais constantes – em meio a um labirinto de ruas excessivamente ocupadas. Ao longe, as pontas arredondadas do Taj-Mahal erguiam-se majestosamente.

Após duas horas fora de Agra, nos arredores da cidade industrial de Firozabad, pegamos uma estrada empoeirada e entramos num labirinto de passagens estreitas, com mercadorias transbordando de cada uma das pequenas aberturas e uma massa humana que desafiava a limitação da área. Finalmente, chegamos a um ponto por onde o carro não podia circular. Saímos com dificuldade e pisamos no chão irregular, tentando desviar do esgoto que escorria pelas valas, sob o sol quente.

Seguimos em frente, com Satwant parando a todo instante para pedir informações. O ambiente me oprimia. Para onde nos virássemos havia estrume. Tivemos que abrir caminho contornando os flancos de um camelo deitado num buraco lamacento. Acossadas por moscas, crianças imundas se aproximaram e foram nos seguindo quando percorremos os últimos metros em direção ao nosso destino final. Satwant passou por uma tábua que servia de ponte sobre o esgoto e abaixou-se para atravessar uma abertura no muro de tijolos e entrar num pátio sujo. Ali vivia uma menina que afirmava lembrar-se da vida de uma prima que morrera queimada num casebre, naquele mesmo cortiço.

Satwant descobrira a garota através de uma pesquisa feita por um assistente. Em apenas seis semanas esmiuçando a área, ele conseguiu mais de 150 possíveis casos. Esse, em particular, tinha chamado a atenção de Satwant porque envolvia uma marca de nascença possivelmente relacionada à vida anterior. O sujeito da pesquisa ainda era bem jovem, quatro ou cinco anos de idade. Segundo os pais, desde que começara a falar, a menina afirmava ser a prima que morrera queimada aos quatorze anos, quando montava braceletes usados por toda a Índia. Eram fabricados nos cortiços das cidades indianas. Mulheres e crianças trabalhavam o

dia inteiro recolhendo os anéis de metal não utilizados e fundindo-os sobre candeias mantidas acesas com querosene – o maçarico de soldar do homem pobre. O trabalho era monótono e perigoso. A família contou que a menina estava sentada, trabalhando sobre uma esteira trançada que se incendiou quando uma candeia virou. Não havia ninguém ali para apagar o fogo, que logo a envolveu.

De acordo com Satwant, a família afirmara que a menina tinha nascido com sinais atrás das pernas que correspondiam ao desenho dos fios da esteira, como se esta tivesse ficado marcada a fogo na pele.

Stevenson vinha procurando casos similares a esse há mais de vinte anos. Cansado das frustrações causadas pelos testemunhos verbais, como o que acabáramos de experimentar em Déli, ele viu na prova muda das marcas de nascença – que em muitos casos correspondiam a relatos médicos sobre a personalidade passada – um possível antídoto.

O minúsculo pátio do complexo de moradias logo se encheu de parentes e curiosos. Ficamos sentados em bancos de madeira, sob uma cobertura de folhas secas que se projetava da meia-água de tijolos onde morava a numerosa família. Fora num espaço como aquele, a menos de dez metros dali, que a adolescente queimara até a morte. O mesmo tipo de esteira trançada que pegara fogo no acidente fatal descansava no chão.

As crianças que estavam nos seguindo amontoaram-se no pátio. Pude perceber o número delas aumentar às minhas costas, ouvi-las tossir e fungar, sentir suas mãos tentando tocar-me. A desagradável proximidade fazia o suor escorrer pelo meu pescoço, enquanto cada milímetro do meu corpo se rebelava contra aquela situação. Poderia uma criança nascer para uma existência tão miserável e sem piedade, ter uma morte terrível e depois renascer algumas casas adiante para mais uma prisão perpétua, soldando braceletes no meio do estrume?

Os mesmos motivos que fizeram tal pensamento me entristecer constituíam um poderoso argumento contra aqueles que consideravam os casos de reencarnação como fruto de um desejo de realização por parte de indivíduos e da cultura como um todo. Se a crença hindu na reencarnação causava ilusões de memórias de vidas passadas, por que essas ilusões não aconteciam de acordo com a crença básica daquela cultura: o carma? Em nenhum dos dois casos vistos até agora havia qualquer sinal de que as atitudes da personalidade anterior implicassem uma melhora na situação da pessoa renascida. A relação entre as duas vidas parecia causal e espontânea, da mesma forma como a localização de uma nova planta se relaciona com a árvore centenária de onde a semente caiu – de acordo com a proximidade, a direção do vento e o acaso, e não segundo uma ordem moral.

O mesmo acontecia no Líbano. Se os inúmeros casos drusos eram motivados pelo desejo de reforçar crenças, por que o intervalo entre a morte e o renascimento era de oito meses quando o dogma afirmava que deveria ser zero?

Nós nos acomodamos da melhor maneira possível nos bancos de madeira, nossos joelhos tocando os da mãe, uma mulher de olhos vivos mas extremamente magra, e os do pai, um homem grisalho, atormentado. Um cão sarnento tentou se insinuar por baixo de nosso banco. Uma das crianças o golpeou com uma vara e o animal fugiu soltando um ganido.

Satwant teve uma longa discussão com os pais, sem se importar em traduzir. A mãe estava particularmente agitada. Três homens de pé atrás dela participavam de vez em quando.

A conversa pareceu chegar a uma conclusão. Satwant virou-se para mim e explicou:

– A mãe estava com medo de que levássemos a menina conosco.

Stevenson já havia enfrentado aquela reação anteriormente. Uma vez, ele estava entrevistando a família de uma criança quando uma mulher saiu da inevitável multidão e começou a gritar tão alto que ele não conseguia ouvir as respostas que iam sendo traduzidas. Finalmente, ele perguntou ao intérprete o que ela estava gritando:

– Está dizendo: “Vamos matá-lo antes que leve a criança” – explicou ele, sem demonstrar preocupação. Stevenson conseguiu sair dali sem se machucar.

Dessa vez, Satwant conseguiu evitar a hostilidade.

– Expliquei a ela que o Dr. Stevenson já viu quase trezentos casos por todo o mundo e que seu único interesse é fazer algumas perguntas. Então, aqueles homens atrás dela perguntaram ao pai: “O que você vai ganhar com isso?” Falei com eles que Stevenson é um cientista e que a ciência descobre coisas que, a longo prazo, beneficiam a todos. Os homens fizeram pouco caso e podem vir a ser um problema mais tarde. Vamos ver como as coisas vão se desenrolar.



Começamos a entrevista. Os pais nos contaram que a menina, que ainda não tinha cinco anos, começara a falar com um ano de idade. Uma de suas primeiras frases completas: “Fui queimada.” Ela chamou o tio, pai da menina morta, de “papai” e não se referia ao próprio pai daquela maneira até pouco tempo. Ainda costumava tirar objetos da casa e levá-los para sua outra família. Uma de suas primeiras palavras foi o correspondente a “candeia mantida acesa com querosene”, o que tinha causado a morte da prima. A palavra era sempre pronunciada com temor e acompanhada de um medo intenso do fogo.

Enquanto falávamos com os pais da menina, percebi um movimento do outro lado da porta de entrada, que estava aberta. Ao fundo, num canto escuro, uma mulher mais velha estava sentada, cobrindo o rosto com as mãos. Era a mãe da família anterior.

Satwant pediu para falar com ela a sós, dentro da casa. Quando voltou, dez minutos depois, nos fez um relatório: nos meses anteriores ao nascimento da menina, a mãe da criança morta tinha sonhado várias vezes com a filha. Quando a mãe do sujeito da pesquisa entrou em trabalho de parto, a mãe da menina morta sonhou que a filha finalmente lhe dizia: “Deixe minhas roupas na casa da minha tia.” Surpresa, a mãe perguntou por que deveria fazer aquilo. Ela respondeu: “Porque vou ficar lá.”

Sonhos “premonitórios” eram fascinantes, mas esse não acrescentou muito como prova do caso, que já era fraco, por envolver pessoas da mesma família. Só nos restava agora inspecionar as marcas de nascença. A mãe nos trouxe uma criança de cabelos engordurados e rosto bonito. O pai ergueu a criança, segurando-a sob os braços, e virou-a para que Stevenson pudesse examinar a parte de trás de suas pernas. Stevenson abaixou-se e seguiu com as mãos o curso das longas e finas listras avermelhadas que corriam verticalmente em ambas as pernas. Não havia indicação de um desenho entrelaçado.

Talvez percebendo a nossa falta de entusiasmo, os pais começaram a contar para Satwant que um dos dedos do pé esquerdo da menina morta era maior do que o normal e que sua filha havia nascido com aquela mesma característica. Levantaram os pés da criança. Achei que havia uma ligeira diferença de tamanho, mas não tive certeza. Satwant tirou da bolsa uma régua de plástico e tentou medir cada dedo. A circunferência do esquerdo era ligeiramente maior, mas a falta de flexibilidade da régua poderia justificar a diferença. Além disso, não teríamos a menor chance de encontrar documentos médicos informando o tamanho dos dedos da menina morta.

Stevenson anotou as medidas que conseguiu tirar. Depois, virou a perna da menina para examinar mais uma vez as marcas avermelhadas, tocando-as de leve com o dedo indicador. Então, sentou-se e coçou o queixo:

– É tudo muito vago – disse ele. – Qualquer um poderia ter marcas assim. É exatamente por isso que damos tanto valor a marcas inusitadas que correspondam a algo concreto.

Stevenson já havia estudado alguns desses casos. O mais impressionante era o de um turco que nascera com uma amrca de sangue debaixo do queixo, no lado direito. Desde que começara a falar, o rapaz, Cemil Fahrici, tinha afirmado lembrar-se da vida de um bandido

que atirou em si mesmo, abaixo do queixo, quando se viu encurralado pela polícia. Stevenson não investiu muito tempo verificando as afirmações porque a personalidade passada tinha um parentesco distante com o rapaz e as famílias envolvidas se comunicavam. Mais importante ainda: o bandido era conhecido na região como uma espécie de Robin Hood e todos conheciam detalhes de sua vida. Finalmente, como no caso da menina queimada, na noite anterior ao seu nascimento o pai de Cemil também teve um sonho prevendo que o bandido renasceria como seu filho.

Por todos esses motivos, Stevenson não viu nas lembranças alegadas por Cemil indícios convincentes a favor da reencarnação – a não ser pela marca no corpo.

Na época em que Stevenson examinou e fotografou o sinal, Cemil tinha mais de trinta anos. Parecia uma cicatriz do tamanho de uma moeda, com formato de meia-lua, exatamente no lugar onde a parte interna do queixo se junta ao pescoço.

Quando entrevistados, a irmã do morto, que tinha visto o corpo de perto, e o policial, que chegara na casa logo depois do suicídio, afirmaram que a bala tinha entrado por baixo do queixo e saído pelo alto da cabeça.

Imediatamente Stevenson voltou à casa de Cemil e perguntou se ele também tinha marcas de nascença no alto da cabeça. Sem hesitar, o rapaz mostrou o lado esquerdo da parte superior da cabeça. Stevenson descobriu ali uma linha fina e sem cabelo, com pouco mais de dois centímetros. Mais tarde, ele comparou a fotografia da marca de Cemil e a que foi feita na autópsia, mostrando a saída da bala no mesmo lugar. Eram incrivelmente similares.

Ainda assim, percebi que, por mais que os sinais de nascença possam construir evidências, eles carregam uma dificuldade intrínseca: se uma criança nasce com sinais que fazem lembrar os de uma pessoa morta, esse fato em si já é suficiente para criar um falso sentimento de identificação e gerar falsas afirmativas de memórias de vidas passadas.

Isso não é apenas uma possibilidade hipotética – isso acontece de fato. No caso do turco, tempos depois, um outro homem que dizia ter sido o mesmo bandido chamou a atenção de Stevenson. Ele tinha uma marca no alto da cabeça (mas não sob o queixo) e afirmava ter lembranças precisas sobre a vida do morto.

Levando-se em consideração que uma só alma não pode gerar múltiplos renascimentos, uma daquelas memórias teria que ser fictícia. Uma mentira, ou fantasia, inspirada pela marca no corpo.

Entretanto, eu era capaz de imaginar um caso em que as marcas de nascença fornecessem uma prova segura da reencarnação. Uma criança faria inúmeras afirmações sobre a vida de uma pessoa desconhecida de sua família. A criança apresentaria marcas de nascença que, a princípio, não teriam nenhuma relação com suas pretensas memórias de uma vida anterior. Mas essas afirmações seriam específicas o suficiente para levar um pesquisador a encontrar alguém cuja vida correspondesse exatamente às memórias da criança.

Só então, entrevistando a família da personalidade passada, isso viria à tona: a pessoa morta tinha ferimentos importantes que se relacionavam perfeitamente com as inusitadas marcas do sujeito da pesquisa.

O fato de Stevenson ainda não ter encontrado um caso tão perfeito não significava que não haveria um, em algum lugar. Dos cento e cinquenta casos em potencial da pesquisa de Satwant, mais ou menos vinte por cento envolviam marcas de nascença de algum tipo. Muitos deles estavam incluídos no itinerário que ela havia organizado.

Aquela marca, porém, não teve nenhum significado para Stevenson. Quando estávamos prontos para nos ver livres daquele cortiço indiano e das pessoas que haviam permanecido ali, uma moça, carregando um bebê de oito meses, aproximou-se de Satwant. Era uma vizinha e trazia a irmã para que a víssemos. A criança não tinha a mão esquerda. Imediatamente ficou claro que a menina ainda não havia dito nada que pudesse estar relacionado a uma vida passada, mas algo em seu estado de espírito, segundo a irmã, sugeria

tal possibilidade – embora a deformidade não lhe causasse dor, ela costumava ficar observando o coto da mão com tristeza e se mostrava incomodada quando outras pessoas o notavam.

– Ela apresenta alguma fobia? – perguntou Stevenson.

– Ela tem medo de gatos – respondeu um homem que se identificou como o avô da criança.

Mesmo assim, Stevenson achou conveniente medir e fotografar a mão deformada, para o caso de, mais tarde, surgirem afirmações sobre vidas passadas que chegassem ao conhecimento de Satwant. Ele guardava casos como aquele num arquivo onde havia, por exemplo, o relatório sobre um menino em Agra que tinha nascido com quinze pequenas marcas circulares nas costas e na parte de trás dos braços. As marcas tinham o tamanho e forma de feridas causadas por pequeninos projéteis a algumas delas apresentavam uma massa interna que, quando apalpada, rolava sob a ponta do dedo.

Não encontramos o automóvel no lugar em que o deixamos. Alguns meninos haviam cortado o pneu com um prego amarrado a um pedaço de pau, e o motorista estava no borracheiro. Ficamos sentados na lateral da rua, em frente a uma barraca feita de engradados vazios que servia de oficina para o trabalho do borracheiro. O serviço demorou tanto que tive tempo para refletir sobre os dizeres de um imenso cartaz, a uns cem metros dali:

FIROZABAD, CIDADE DE VIDRO E DE ESPLendor.

MARCADO PARA SEMPRE

Enquanto estávamos em Agra, Stevenson resolveu procurar relatórios médicos referentes ao caso de uma marca de nascença, acontecido numa vila situada a três horas de viagem, na direção leste. O sujeito do caso era um rapaz de dezessete anos. No resumo que Satwant fez do que conseguira descobrir nas entrevistas com a família, um ponto logo me deixou intrigado: pela primeira vez, nos casos que acompanhei, os sinais relacionados à existência de uma vida passada apareceram antes que a criança fosse capaz de falar. Os pais disseram que, tão logo aprendeu a andar, o menino sempre caminhava em direção a uma vila próxima, a menos de dois quilômetros dali. Estavam constantemente correndo atrás do filho para trazê-lo de volta para casa.

Quando nasceu, ele tinha duas pequenas marcas circulares no lado direito do tórax: a maior e mais nítida com cerca de três milímetros de diâmetro. Ambas apresentavam uma ligeira depressão em relação à pele circunvizinha e um fino anel, mais elevado, fazendo o contorno.

Quando aprendeu a falar, segundo o relato dos pais a Satwant, o menino apontou para as marcas e disse:

– Foi aqui que levei os tiros.

Ele também lhes disse o seu “verdadeiro nome” e o nome dos homens que o atacaram de surpresa, após uma noite de bebedeira. Os pais reconheceram aqueles nomes e sabiam da história do rapaz a quem o filho se referiu. O assassinato ocorrera vários anos antes do nascimento do menino, na vila que tanto o atraía. Além disso, o rapaz morto era hindu e os pais do menino, muçulmanos. A criança se negava a acompanhar as preces da família, não aceitava a religião dos pais e pedia para ser levada de volta para sua família hindu. Esse fato certamente desagradou aos pais e parecia diminuir muito as chances de que as afirmações da criança tivessem sido inventadas ou, de alguma forma, exageradas por eles.

Stevenson queria encontrar o relatório da autópsia feita na vítima para comparar o lugar da ferida provocada pela bala com as marcas circulares do menino.

Satwant nos disse que o assassinato ocorrera em 1976. Encontrar um relatório de autópsia feito há vinte anos seria um grande desafio até mesmo em Miami. E nas áreas rurais da Índia?

Quando expressei meu ceticismo a Stevenson, ele admitiu que não seria nada fácil.

– Temos uma chance em cem, talvez uma em cento e cinquenta, se conseguirmos que a polícia forneça o número do caso – disse ele. – O negócio é que um caso com um relatório de autópsia vale por dez sem ele.

Saímos de Agra e fomos para Etawah, onde localizamos o distrito policial. O capitão, usando roupas civis, estava sentado do lado de fora, em frente a uma mesa de madeira colocada na sombra. Ele nos convidou a sentar e nos fez esperar vinte minutos enquanto remexia uns papéis. Depois abriu um grande livro de registros com capa de papelão. Dentro dele, anotações cuidadosamente feitas à mão – todos os crimes registrados no distrito no meio dos anos setenta. Quando, depois de meia hora, todos os relatórios de 1976 já haviam se

esgotado e estávamos prontos para agradecer e ir embora, ele virou uma outra página e soltou o corpo na cadeira.

– Aqui está – disse ele.

A data do assassinato era dezembro de 1975, um ano antes do que Satwant tinha pensado. Agora tínhamos pelo menos o número do caso.

– Ainda vai ser difícil, mas as chances a nosso favor melhoraram um pouco – comentou Stevenson.



Voltamos para a cidade em busca do tribunal de justiça, onde esperávamos localizar alguma pasta com o número que acabáramos de descobrir. O tribunal era um conjunto de prédios amarelos sujos, construídos ao redor de uma praça pública. No centro dela, um poço e uma fila de pessoas esperando a vez de usar a bomba d'água. Numa nesga do que deveria ser um gramado, dezenas de pessoas deitadas no chão dormiam.

Entramos no prédio maior. No saguão e em todos os corredores e escadarias movia-se uma verdadeira multidão, apertando-se no interior mal iluminado, em meio ao barulho constante de vozes e passos. Nós nos juntamos ao fluxo de pessoas que subia as escadas.

A sala de registros ficava no terceiro andar. Na antecâmara, seis funcionários entediados nos observaram com descrença. Um deles dispôs-se a atender os nossos pedidos e nos conduziu até uma outra sala onde pesados livros de registro estavam espalhados por todos os cantos. O funcionário subiu numa cadeira e retirou um volume do fundo de uma prateleira empoeirada. Depois de folheá-lo, fechou o livro e voltou para a primeira sala. Nós o seguimos. Ele foi até sua escrivaninha e folheou um outro livro de registros. Quando entramos, ele nos dirigiu o olhar.

– Temo que nunca tenha havido um suspeito acusado nesse caso, nem mesmo julgamento. Então, não temos nenhum registro – disse ele. – Mas pode ser que vocês consigam um relatório da autópsia se foram até a central de polícia, do outro lado da rua.

No prédio da central de polícia, depois que Satwant entregou um dos cartões de visita de Stevenson, fomos levados até o subchefe de polícia, cercado por um grupo de oficiais conversando. Satwant explicou o que estávamos procurando. Logo dez pessoas discutiam se seria ou não possível encontrar o registro que buscávamos. Trinta minutos depois, recebemos o veredicto: impossível.

Fiquei totalmente convencido de que estávamos perdendo tempo. Mas Stevenson queria fazer uma última tentativa – o hospital. Ficava a menos de oitocentos metros dali, mais um desbotado edifício de concreto, com poucos andares. O administrador nos recebeu e nos mandou sentar enquanto procuravam. Meia hora depois, Satwant resolveu verificar o andamento da investigação. Voltou com uma notícia desanimadora: conseguiram localizar 1974 e 1976, mas não 1975. Esperamos mais quarenta minutos. Imaginei que já nos haviam esquecido e, então, Satwant e eu fomos até a sala onde estavam os funcionários. Eles nos levaram até o quartinho de depósito. Uma sala sem luz, com prateleiras deterioradas, sobre as quais estavam jogadas, sem qualquer critério, imensas pastas amareladas, abarrotadas de folhas soltas de papel. Num canto, um homem remexia numa caixa de papelão apodrecido. Balancei a cabeça desanimado e disse para Satwant que estava na hora de ir embora. Naquele exato momento, o homem aprumou o corpo e tirou da pasta um papel tamanho ofício: o relatório da autópsia.

Voltamos para o escritório do administrador e analisamos o relatório. A vítima morrera devido a uma única bala que lhe tinha atingido o tórax. Assim sendo, não havia nenhuma correspondência óbvia para a segunda marca do sujeito da pesquisa, que era menor e localizada bem mais abaixo, na direção do abdômen. O lugar por onde a bala entrara também

não coincidia com a marca predominante no sujeito, e a diferença não podia ser explicada pelo crescimento da criança.

– Sem as marcas, esse é apenas mais um caso de assassinato U. P. – Disse Stevenson, no caminho de volta para Agra.

Uttar Pradesh, um dos estados mais pobres e povoados, era o local onde se originaram quase todos os seus casos na Índia. Alguns dos casos de assassinato U. P. apresentavam convincentes indícios de reencarnação. Na história que estávamos pesquisando, eu ainda achava instigante que o menino corresse em direção à “sua” vila mesmo antes de saber falar e que identificasse a si mesmo como hindu, apesar de ter nascido muçulmano. Mas a maneira com que Stevenson disse “apenas mais um caso U. P.” deixou claro o quanto ele desejava algo além de instigante – precisava de evidências imprimidas na carne. O caso do menino muçulmano de dezessete anos não parecia mais ser capaz de lhe fornecer tais provas.

Apesar de tudo isso, Stevenson ainda pensava em visitar a família. Queria medir as marcas novamente e fazer perguntas à mãe a respeito da localização das mesmas quando o menino nasceu. Queria também verificar algo que tinha visto no relatório da autópsia: a bala havia entrado pelo tórax, viajado em diagonal pelo tronco e se alojado, sem sair, logo abaixo da pele, na parte mais baixa das costas.

– É quase certo que havia um hematoma naquele tecido de pele, antes da morte – disse Stevenson. – Quero dar uma olhadela nas costas do garoto.

E foi o que ele fez, depois de passar mais um dia inteiro dentro de um automóvel, atravessando estradas em péssimo estado, criando hematomas nas próprias costas, para, no final, sentir um grande desapontamento.

– Se eu quisesse me enganar – disse ele, depois do longo e difícil dia – poderia dizer que ele tem uma área na pele das costas que é um pouquinho diferente, mas sou obrigado a considerá-lo “bola fora”.

Stevenson estava se referindo a uma conversa que tivéramos uma vez sobre a pesquisa científica. Ele dissera: “Mostre-me um pesquisador que não se inquieta em relação aos resultados e eu lhe mostrarei uma pesquisa malfeita.” Comparou então seu cuidado com a objetividade científica a um jogo de tênis. Sendo um homem competitivo, ele desejava loucamente vencer. Mas não iria trapacear afirmando que uma bola que caiu dentro era bola fora, ou vice-versa. Na verdade, exatamente por desejar tanto vencer, ele prestava tamanha atenção às linhas. A pessoa que não se importa em perder ou ganhar tende a ser negligente quanto a esses detalhes.



Viajaríamos de trem para Déli a noite inteira e, ao chegar, faríamos um vôo de três horas em direção ao sul, até Bombaim, e dali para Nagpur. Nessa cidade, visitaríamos o sujeito de um “caso A” – denominação dada por Stevenson para os casos “anteriores”, nos quais é feito o registro das afirmações da criança *antes* da identificação de uma personalidade passada.

Nesse caso, a criança tinha se encontrado com a família que parecia corresponder às suas afirmações. Ela fez um considerável número de reconhecimentos que impressionaram o pesquisador inicial, um jornalista indiano chamado Padmakar Joshi.

Stevenson não tinha confiado muito no relato do jornalista. Porém, numa viagem anterior, ele havia conseguido entrevistar novas testemunhas.

Tomamos o café da manhã com Joshi, num hotel próximo ao aeroporto de Nagpur. Era um homem franzino, enfático em seus comentários sobre a situação política da Índia. Seu relato jornalístico do caso havia provocado comentários furiosos dos céticos indianos, que o acusavam de manipular os fatos para obter vantagens pessoais. Era óbvio que ele estava

radiante com a nova visita de Stevenson. Para tirar o maior proveito possível da presença do mundialmente famoso pesquisador, Joshi havia organizado o que poderia ser descrito como uma entrevista coletiva, que se seguiria ao encontro com o sujeito da pesquisa, uma moça de vinte e quatro anos chamada Sunita Chandak.

Segundo os pais, Sunita, aos quatro anos, tinha começado a fazer afirmações a respeito de uma vida anterior. Dizia ter morado numa vila, Belgaon, e implorava ao pai que a levasse até lá.

O pai ficara impressionado com a intensidade daquele desejo, mas não soubera o que fazer. Jamais ouvira falar de uma vila com aquele nome, mas reuniu algumas pistas de onde poderia ser. Sunita criticava a maneira de a mãe preparar a comida, dizendo: “Por que não faz assim, como no meu povoado?” Suas preferências sugeriam um estilo de cozinhar característico de determinada região, próxima dali. O pai pediu à filha que falasse mais sobre tal povoado. Ameniona contou que havia um tempo, mas não uma escola, e que um rio passava por ali, perto de algumas colinas.

O pai da menina entrou em contato com Joshi, pedindo ajuda para localizar um lugar como o que a filha descrevera. Joshi descobriu que havia vinte e oito vilas chamadas Belgaon naquela região. Dentre elas, nove pareciam corresponder aos detalhes fornecidos pela criança.

Durante alguns meses, Sunita visitou três das vilas que constavam da lista de Joshi. Nenhuma delas foi reconhecida pela menina. Naquele momento, o jornalista publicou um relato da história, contendo outras afirmações da menina sobre sua vida passada, na esperança de localizar a família anterior. Sunita não havia mencionado seu nome ou sobrenome, mas disse que tinha uma irmã chamada Sumitri e que jamais havia usado um sári – o que Joshi interpretou como um sinal de que ela morrera ainda criança, uma vez que, nas vilas indianas, somente as mulheres adultas usavam aquela vestimenta.

Um leitor de uma das seis vilas restantes escreveu dizendo acreditar que morava na Belgaon à qual a menina tinha se referido: as características geográficas mencionadas estavam presentes ali e ele conhecia uma família cuja primeira filha morrera jovem e que tinha uma outra menina chamada Sumitra. A menina morta, Shanta Kalmegh, nascera em 1945 e tinha morrido antes de completar seis anos.

No inverno de 1979, quando Sunita tinha cinco anos, a família a levou a Belgaon, cerca de 145 quilômetros onde moravam. Ao chegar, Sunita mostrou-se hesitante, mas logo anunciou: “É aqui.” De acordo com as pessoas que viviam no lugar e que testemunharam a visita, Sunita fez uma série de identificações.

Como sempre acontecia naquelas situações, desde que chegou a menina foi rodeada por uma multidão. Como era difícil saber que tipo de estímulos ela poderia ter recebido das pessoas, Stevenson se interessou mais pelos reconhecimentos que aconteceram espontaneamente, ou os que continham informações detalhadas que não poderiam ter sido sugeridas através de linguagem corporal ou de sutis pistas verbais.

As testemunhas disseram que Sunita tinha reconhecido a casa da família Kalmegh, entrara lá e, ao tomar a mão da já idosa mãe da menina morta, dissera: “Essa é a minha mãe.”

Ambos os reconhecimentos poderiam ter sido influenciados pela multidão. Mas havia outros cuja explicação não era tão fácil.

Sunita afirmou que existia uma plataforma mais elevada na frente da casa quando “ela” vivia ali. Na ocasião de sua visita, tal plataforma não estava lá, mas, segundo o pai e o tio de Shanta, havia uma antes da morte da menina.

Dentro da casa, Sunita falou: “Está tudo mudado aqui”, e apontou para uma parede de tijolos, afirmando que era nova. A família confirmou que a parede fora construída após a morte de Shanta. Num outro lugar, ela comentou: “Era aqui que costumávamos orar.” Mais uma vez, a família confirmou: havia um altar ali quando Shanta era viva.

Segundo as testemunhas, durante a visita Sunita disse que queria leite. Pegou um copo, dirigiu-se para uma outra casa perto dali, parou diante de uma parede e falou: “Aqui ficava a janela por onde comprávamos leite.”

O sobrinho da pessoa que vendia leite naquela casa quase trinta anos antes confirmou que havia uma janela exatamente ali.

Depois, Sunita foi até a casa de um vizinho, apontou para um lugar, dizendo: “Aqui havia uma escrivaninha onde seu pai costumava escrever. Meu pai veio aqui, e eu vim com ele.”

O vizinho disse que seu pai, um funcionário público, preencheria muitos documentos numa escrivaninha que ficava ali mesmo.

Embora houvesse uma escola em Belgaon, a afirmação de Sunita de que “havia um tempo, mas não uma escola” era verdade na época em que Shanta tinha vivido ali. Ao passar na frente de um prédio, ela comentou: “Aqui ficava uma mercearia.”

Estava certa, segundo o superintendente da vila – a mercearia tinha sido demolida há quinze anos, para dar lugar à escola.

Como provas, esses reconhecimentos, apesar de impressionantes, tinham um problema: a antiguidade. A morte de Shanta acontecera em 1950, e as confirmações dos relatos de Sunita baseavam-se em lembranças ligadas a fatos que, à época da visita da menina, já tinham quase trinta anos. Entretanto, para a família de Shanta, Sunita havia provado a veracidade de suas afirmações. Desde então, um relacionamento passou a existir entre eles.

Sunita se tornou uma pessoa importante em Belgaon. Em sua primeira visita, durante um passeio pela cidade, ela apontou para um terreno vazio próximo à escola e perguntou: “Voes vão construir um templo aqui?” Não havia planos para isso, mas os habitantes interpretaram a pergunta como um sinal e acabaram erigindo um templo naquele lugar.

Por causa de nossa visita, os parentes de Sunita haviam se reunido na casa da família de seu marido, várias horas a leste de Nagpur. Ficava numa rua de terra e, apesar da aparência humilde, a casa era de concreto e muito confortável, o que indicava certa opulência. Pertencia ao sogro de Sunita, um médico homeopata.

Os pais de Sunita estavam lá, especialmente para a ocasião, assim como sua irmã gêmea, Anita.

O pai, um homem agradável e de riso fácil, nos disse:

– Sempre falei para Anita: “Sua irmã me contou onde morava. Por que você também não me conta?”, mas ela nunca disse nada.

Stevenson tinha grande interesse por casos envolvendo gêmeos, pois, quando idênticos, originam-se do mesmo ovo fecundado e têm os mesmos genes. Por isso, as diferenças de personalidade entre eles não podem ser atribuídas à genética. A explicação mais comum é que tais diferenças são causadas pelo ambiente, começando pelas posições distintas que assumem dentro do útero e continuando com as experiências vividas por cada um após o nascimento.

Stevenson não acreditava nisso. Argumentava que os gêmeos siameses, embora permanecessem fisicamente ligados, sem capacidade de viver experiências independentes um do outro, possuíam personalidades inteiramente distintas. Num dos casos mais famosos, por exemplo, um dos gêmeos siameses era alcoólatra e o outro, abstinente. As implicações desta idéia eram óbvias: talvez algumas das diferenças mais marcantes entre as personalidades dos gêmeos idênticos pudessem ser explicadas através da reencarnação.

Stevenson havia colecionado um bom número desses casos, mas enfrentava um problema prático: distinguir os gêmeos idênticos dos não-idênticos – cuja semelhança não era maior do que a de dois irmãos comuns – não era simples. A aparência física “idêntica” não garantia que fossem geneticamente iguais. A certeza só era possível através de minuciosos exames de sangue, realizados não apenas nos gêmeos, mas em toda a família. Na Índia, isso

implicaria enormes gastos, além da necessidade de convencer todos os envolvidos a se deslocar até o hospital de uma cidade grande para a coleta do material.

Explorar essa idéia com a família de Sunita era um dos maiores objetivos de Stevenson, mas ele queria deixar esse assunto para o final.

As mulheres nos serviram frutas secas, nozes, tâmaras, passas e chá. O pai de Sunita cedeu sua poltrona para a filha, uma mulher esguia e bonita, num sári de seda branca, bordado com flores vermelhas e folhas douradas. Observando Anita, vestida de forma similar, imaginei que não fossem gêmeas idênticas: ela também era bonita, mas tinha o formato do rosto um pouco diferente. Por outro lado, Stevenson havia-me dito que um em cada vinte pares de gêmeos idênticos não é totalmente igual na aparência.

Logo observei que Sunita se referia ao pai como “meu pai de Verni Kotha”, identificando-o com sua cidade natal. Assim, ela o distinguia do pai de Shanta, o “pai de Belgaon”.

– Acho que ela é mais apegada à família de Belgaon do que à nossa – disse o pai, achando graça.

Sunita logo negou:

– Eu ainda os vejo em ocasiões especiais – explicou ela, num tom defensivo. Estava claro que a dupla devoção de Sunita era um assunto no mínimo delicado. – Mas não passo mais tempo com eles do que com meus pais de Verni Kotha. Talvez, antes de me casar e sair da casa de meus pais, eles tivessem a impressão de que eu sentia falta dos meus pais de Belgaon. Quando você tem dois filhos, um em casa e outro morando fora, tende a pensar mais no que está longe, pois sente falta dele e pode ver o outro a todo instante. Agora que moro na casa de meu marido, sinto falta dos meus pais de Verni Kotha e dos de Belgaon com a mesma intensidade.

Perguntamos se ela ainda tinha alguma memória visual de sua vida passada.

– Ainda me recordo de algumas coisas – respondeu Sunita. – Por exemplo, lembro-me de brincar com minha irmã mais nova, mas hoje penso muito menos nisso. É como você ter uma prova, estudar bastante, tirar uma boa nota e, então, desligar-se do assunto. Eu queria encontrar minha vila e rever minha família. Quando consegui, parei de pensar nisso com a mesma intensidade.

Sabendo que uma legião de repórteres e fotógrafos estava na frente da casa aguardando a entrevista coletiva, Stevenson decidiu tocar no assunto dos exames de sangue. Disse que financiaria as viagens ate Bombaim, provavelmente a cidade mais próxima onde teriam acesso a testes confiáveis.

Seguiu-se uma breve discussão com os pais. Virando-se para nós, Sunita disse:

– Sinto muito, mas não estamos interessados. Existe uma outra coisa que me interessa mais. Eu me lembro de uma outra vida passada, mas não sei os nomes da vila ou da minha família. Talvez vocês possam me ajudar a lembrar.

Dois anos depois que voltou de Belgaon, quando tinha sete ou oito anos, Sunita passou a sentir-se dominada por vívidas imagens de rostos que a olhavam com um amor intenso. Ela sabia que eram seu pai e sua mãe, mas os nomes não lhe vinham à mente.

Só se lembrava que era filha única e que seus pais a amavam muito. Sua casa era feita de cimento e havia uma árvore no quintal. Do terraço da casa, ela avistava os trilhos da ferrovia e percebia que a terra ali era vermelha e não amarela, como na região onde estávamos. Sua família possuía uma loja de tecidos, instalada um pouco mais adiante da casa. Todas as imagens eram da infância.

Satwant disse que planejava voltar alguns meses mais tarde e perguntou se, na ocasião, ela gostaria de se submeter à regressão hipnótica – técnica que Stevenson tentara aplicar, sem muito sucesso, em outros sujeitos com memórias espontâneas.

– Claro – respondeu Sunita. – Estou muito interessada em saber mais.

A mãe de Sunita gemeu, jogando os braços para o alto. Era difícil dizer se estava simulando ou se realmente se sentia exasperada. Ainda havia outros pais com quem dividir o interesse e o carinho da filha. Ela olhou para Sunita e suspirou:

– Acho que seremos sempre os últimos a ter vez.

SUMITRA NÃO MORA MAIS AQUI

Tempo e espaço são relativos, e na Índia um espaço mínimo pode levar um tempo enorme. Partimos de manhã bem cedo em direção a uma vila chamada Sharifpura, localizada cerca de cento e vinte quilômetros a nordeste de Agra. Numa rodovia dos Estados Unidos, faríamos o percurso em uma hora. Levando em conta os bois que passeavam pelas estradas indianas, calculei que precisaríamos de pelo menos o dobro do tempo, talvez até mais. Entretanto, jamais poderia imaginar, e mal acreditei, que uma viagem de cento e vinte quilômetros pudesse durar seis horas.

E não foi só a duração exasperante da viagem, mas sobretudo os riscos permanentes que corremos em todo o percurso. Sinais flagrantes do risco eram os restos de três caminhões que perderam o controle e capotaram, caindo fora da estrada. Pedestres, búfalos, cães, crianças, bicicletas e lambretas iam preparando o caminho para o próximo desastre. O índice de mortos em acidentes de estrada era assustador.

Enquanto as horas se arrastavam, tentei me concentrar no relato publicado a respeito do caso que íamos visitar. Entre 1985 e 1987, Satwant, Stevenson e um colega da Universidade de Virgínia, Nicholas McClean-Rice, realizaram dezenas de entrevistas na região de Sharifpura. O sujeito de seu interesse era uma jovem mulher chamada Sumitra. Ela havia se casado aos treze anos – um casamento arranjado, como era o costume ali. Aos dezoito anos, teve um filho. Um ou dois meses depois, começou a apresentar acessos de um estado semelhante a um transe hipnótico que poderiam durar alguns minutos ou um dia inteiro. Por duas vezes, o transe deu lugar a uma aparente possessão, na qual Sumitra assumia uma outra personalidade – num caso, uma mulher que havia se afogado num poço; no outro, um homem de uma vila distante. Essas identidades, entretanto, já não estavam mais se manifestando.

Em 16 de julho de 1985, quando o filho de Sumitra tinha seis meses de idade, ela entrou num novo transe, dessa vez prevendo que morreria daí a três dias. Em 19 de julho, Sumitra perdeu a consciência. Os que estavam ao seu lado acreditaram que seu pulso e respiração haviam parado. O rosto ficou pálido. Amigos e parentes começaram a se lamentar.

Segundo os sogros de Sumitra, ela ficou como morta durante cinco minutos e, de repente, acordou. Quando voltou a si, declarou que não reconhecia o lugar onde estava. Quando as pessoas a chamavam pelo nome, respondia: “Não sou Sumitra, sou Shiva.” Ela contou que Shiva havia sido morta pela família do marido com uma pancada de tijolo na cabeça. Demonstrava grande agitação quando indagava sobre o paradeiro e a situação dos dois filhos pequenos dessa nova identidade.

Sumitra, que agora dizia ser a outra mulher, fez muitas outras afirmações a respeito da vida e da morte de Shiva pelas mãos da família homicida. Recusava-se a atender pelo nome de Sumitra e insistia em dizer que não reconhecia o filho, o marido, o pai ou a mulher que a tinha educado (sua mãe havia morrido quando ela ainda era muito pequena).

Após algumas semanas, ela voltou a se comportar como mãe de seu filho e mulher de seu marido, mas continuava a dizer que era Shiva, afirmando que só estava cuidando do menino porque “se eu cuidar dessa criança, Deus cuidará dos meus (de Shiva) filhos”.

Referia-se ao relacionamento do marido com ela – Sumitra – como o “primeiro casamento” dele.

Shiva/Sumitra passou a afirmar que pertencia a uma casta superior à da família com a qual estava vivendo. Mostrava-se consternada diante da idéia de ter que urinar e defecar no campo e não numa latrina, ao lado da casa. Vestia-se com mais sofisticação e não andava descalça – sempre usava sandálias.

Porém, a diferença mais impressionante relatada pela família era uma acentuada melhora em sua habilidade de ler e escrever. Sumitra jamais frequentara a escola e sua alfabetização era rudimentar. Como Shiva, ela mencionou duas faculdades onde afirmou ter estudado e demonstrou ao marido e ao sogro que podia ler e escrever fluentemente.



Alguns meses mais tarde, um homem de uma cidade próxima, que acreditava que a filha de vinte e três anos havia sido assassinada pela família do marido, ouviu falar do caso de Sumitra. Ele viajou os sessenta e cinco quilômetros que separavam as duas localidades (que, agora sei, significam três horas de viagem) para vê-la. Quando disseram a Sumitra que “seu pai” a esperava no portão da casa, ela correu até ele, chorando, e o chamou pelo nome carinhoso que Shiva havia lhe dado.

O homem perguntou sobre os apelidos que a família havia dado a Shiva e ela mencionou dois, ambos corretos. Depois, identificou várias pessoas ligadas à vida de Shiva, através de fotografias e pessoalmente. O pai de Shiva tentou enganá-la pedindo-lhe, por exemplo, que reconhecesse a mãe em meio a um grupo de mulheres, quando, na verdade, ela a aguardava dentro de casa. Segundo ele, a moça passou em todos os testes.

As circunstâncias que cercavam a morte da verdadeira Shiva (talvez eu devesse dizer da original) eram misteriosas. Em maio de 1985, um tio tinha ido visitá-la na casa dos sogros, onde ela vivia com o marido, segundo os costumes indianos. Em prantos, a moça lhe contou que a mãe e a cunhada a haviam espancado. O tio a achou bastante transtornada, mas não deprimida. Na manhã seguinte, a família do marido de Shiva avisou ao tio que ela estava morta. Disseram-lhe que ela havia desaparecido na noite anterior e que, quando foram procurá-la, encontraram seu copo sobre os trilhos da ferrovia. Concluíram que ela havia se suicidado, jogando-se na frente de um trem.

O tio só viu o corpo da sobrinha depois que o levaram para a plataforma da estação. Observou que o único ferimento visível era uma lesão na cabeça, resultado que não estava de acordo com um atropelamento daquela magnitude. Pediu então que retardassem a cremação até a chegada do pai, dali a quatro horas, mas a família ignorou o pedido. Começaram às onze horas da manhã e ainda aceleraram o processo derramando óleo sobre a madeira. Quando o pai de Shiva chegou, o corpo da filha estava reduzido a cinzas e ossos.

O pai queixou-se à polícia local, que acabou prendendo o marido, o sogro, a sogra e a cunhada de Shiva pelo assassinato. Mas eles foram soltos por falta de provas.

Sumitra não “morreu”, e nasceu como Shiva dois meses após o crime. Na ocasião, notícias e detalhes sobre a morte e a vida de Shiva já haviam sido publicados nos jornais locais. Nenhuma pessoa na vila de Sumitra admitiu que tinha lido os relatos ou saber de qualquer detalhe do caso até que ela começasse a fazer afirmações. Ainda assim, como o relatório de Stevenson alerta, não era possível excluir a hipótese de que Sumitra, ou outra pessoa de seu conhecimento, tivesse lido as notícias dos jornais. Entretanto, muitas afirmações precisas feitas por Sumitra/Shiva – como os nomes das faculdades onde Shiva estudara – não estavam nos jornais.

À medida que avançávamos, penetrando num território cada vez mais distante, lembrei-me de que a primeira vez que ouvi um resumo desse caso achei que seria um

poderoso argumento *contra* a reencarnação: o sujeito e a personalidade passada coexistiram – não era um caso em que a alma saía do corpo no momento da morte e entrava num outro antes ou durante o nascimento.

Naturalmente, seria possível (e arrepiante) argumentar que era um caso especial: talvez Sumitra tivesse mesmo morrido fisicamente em julho de 1985 e a alma de Shiva tivesse assumido o corpo antes que sua decomposição se tornasse irreversível.

E quanto aos transe? E as aparentes possessões por outras personalidades? Como explicá-las dentro de uma idéia coerente de reencarnação? Ninguém declarou que Sumitra morrera antes das possessões. De onde viriam e para onde foram aquelas personalidades? Por que eram apenas temporárias?

A situação torna-se ainda mais sombria nesse parágrafo do relatório:

No outono de 1986 (muitos meses depois das primeiras vezes em que ela afirmou ser Shiva), Sumitra ficou confusa durante algumas horas, mas pareceu reassumir sua personalidade usual. A seguir, a personalidade de Shiva retomou o controle e ainda era a que dominava à época de nossa última entrevista, em outubro de 1987.

Um dos aspectos que mais me impressionavam nas visitas aos casos era a completa sanidade que todos os envolvidos pareciam demonstrar. Essa impressão era confirmada pelos testes psicológicos realizados por Erlendur Haraldsson, que mostraram a inexistência de qualquer patologia mental nas crianças que afirmavam ter memórias de vidas passadas.

Interessei-me em saber mais sobre o momentâneo ressurgimento de Sumitra. As palavras do relatório – “pareceu reassumir sua personalidade usual” – eram vagas demais para descrever um fato tão importante.

Tive três horas para pensar, mas a resposta ainda parecia distante. Na relativa tranquilidade da zona rural, pedimos algumas vezes que o motorista parasse no acostamento para que pudéssemos sair e esticar as pernas. Stevenson já vinha enfrentando com coragem uma terrível dor nas costas e as paradas periódicas se faziam cada vez mais necessárias.

Durante umas paradas, conversei com ele a respeito do intrigante ressurgimento de Sumitra e perguntei por que o relato do episódio era tão resumido.

– Nossa única fonte de informação foi o marido – explicou – e ele não era uma das testemunhas mais confiáveis.

Perguntei-lhe se haviam insistido no assunto com outras pessoas da vila. Stevenson não se lembrava com certeza. Era muito frustrante, pois boa parte do caso era convincente. Mesmo admitindo que uma mulher semi-alfabetizada, numa pequena vila, pudesse ter tido acesso a um jornal que circulava numa outra cidade, a muitas horas de distância, e tivesse absorvido todos os detalhes da vida de Shiva, como explicar os reconhecimentos feitos por ela? E as afirmações precisas sobre o currículo educacional de Shiva, seu conhecimento dos apelidos carinhosos que a família usava para se referir a ela, seu pai e seus dois filhos – nenhum dos quais era citado nas notícias dos jornais?

E quanto à repentina capacidade de ler e escrever atribuídas a Sumitra, habilidades completamente fora do alcance de uma pessoa com o seu nível de instrução?

Perguntei a Satwant se ela havia observado Sumitra ler e escrever. A resposta foi positiva: embora pouco à vontade para exhibir sua competência, a menina acabara concordando em dar uma mostra de sua escrita.

– Eu diria que era a escrita de uma pessoa do quarto ou quinto ano escolar – disse Satwant. – Certamente, não era de nível universitário. Porém, baseados em tudo o que sabíamos de Sumitra antes da mudança, esperaríamos no máximo uma habilidade de primeiro ano. É mais ou menos como um pianista profissional tentando tocar um piano quebrado. O

som não será igual ao que ele conseguiria produzir se estivesse tocando o seu piano cuidadosamente afinado. É preciso dar tempo ao novo instrumento.

Depois de nos perdermos algumas vezes, finalmente encontramos alguém que parecia ter certeza de como chegar a Sharifpura. Saímos da estrada, cruzamos uma ponte de madeira carcomida sobre um canal de irrigação e alcançamos uma trilha de terra desgastada que atravessava campos viçosos, salpicados de flores amarelas. Mais adiante, o trigal ficava cada vez mais alto e o sulco dos pneus na terra, cada vez mais fundo. O carro continuava a mergulhar na lama, mas o motorista estava decidido a nos levar até a vila. Em vez disso, levou-nos para o fundo do atoleiro.

Já era tarde, quase duas horas, e resolvemos fazer o resto do caminho a pé. Ao sair do carro, um pensamento me ocorreu pela primeira vez: por menos tempo que levássemos para conduzir nossas entrevistas, ainda teríamos uma viagem de seis horas de volta a Agra. Seis horas até o banheiro mais próximo.

Desviamos para um lado e Sharifpura apareceu. Era diferente de tudo o que eu poderia imaginar, feita totalmente de materiais coletáveis em qualquer área próxima, montados sem o auxílio de máquinas – telhados de folhas de junco e paredes feitas de uma mistura de lama, palha e esterco.

Nossa chegada começou a atrair os curiosos. Alguns nos seguiram pela rua enquanto nos dirigíamos para a casa da família de Sumitra. Abaixamos a cabeça para atravessar o beiral de folhas que pendia do lado externo do muro, abrimos o portão de madeira tosca e entramos no pátio, seguidos pela metade dos habitantes do lugar.

A sogra de Sumitra não se deixou perturbar pela invasão. Era uma mulher pequena, de cabelos negros começando a se tornar grisalhos, usando um sári alaranjado e braceletes azul-turquesa nos dois braços.

– Sumitra, agora, mora em Déli – disse ela a Satwant abruptamente. – Ela não mora aqui há sete anos.

Ficamos parados sob o sol, digerindo a notícia – uma viagem de doze horas para nada. Satwant perguntou pelo endereço de Sumitra na cidade, mas as informações permaneceram vagas, fazendo-nos desconfiar de que não estivessem dizendo a verdade.

A multidão começou a aglomerar-se ao nosso redor, agitada e hostil. Mesmo assim, Stevenson resolveu que deveria ao menos fazer algumas perguntas e conseguiu confirmar que Sumitra continuara afirmando ser Shiva pelo menos até deixar a vila. De resto, o resultado de seu esforço foi caótico. Todos respondiam ao mesmo tempo, riam das respostas e brigavam porque acharam graça. Comecei a sentir tensão no ar e comecei a me perguntar se já não seria a hora de ir embora dali, mas Stevenson continuava a insistir:

– Vamos fazer só mais uma pergunta.

Ficamos lá durante uma hora. Quando, finalmente, fomos embora, a vila inteira nos seguiu pelos campos, caminhando conosco até o automóvel, enclausurando-nos, empurrando-nos. Stevenson escorregou, ou foi jogado, e caiu sobre o trigal. Eu o ajudei a levantar-se e seguimos claudicando pelo resto do caminho. Partimos em meio a acenos e gritos de adeus.



Quando nos vimos de novo na estrada pavimentada, Satwant disse:

– Tenho muitas reservas em relação a esse caso.

Acho que sabia o que ela queria dizer. A informação mais interessante que tínhamos conseguido tirar da entrevista foi o fato de Sumitra e o marido já terem passado um ano em Déli uma outra vez, quando Sumitra tinha dezoito anos, um pouco antes dos transe começarem.

Não era muito, mas dava o que pensar. Talvez Sumitra tivesse gostado da vida na cidade, talvez tivesse tido uma chance de melhorar sua capacidade de escrita e leitura enquanto estivera lá. A perspectiva de voltar para aquela vila distante poderia ter dado início a um processo de depressão aguda. Quando ouviu falar do assassinato de uma oca de alta casta, que tinha mais ou menos a sua idade e que morava numa cidade próxima, talvez ela tivesse se apossado daquela personalidade alternativa, usando-a como uma maneira de fugir de uma vida tão limitada. Os transe poderiam ter sido reais – conseqüências de um descontrole emocional.

O pai de Shiva, motivado pelo desejo de vingança contra a família do marido de sua filha, pode ter se apegado às afirmações de Sumitra porque elas vinham ao encontro de sua crença de que a filha fora assassinada por eles. Seu testemunho quanto às identificações feitas por Sumitra/Shiva pode ter sido influenciado por essa motivação secreta.

Mais uma vez, entretanto, ficava uma dúvida. Apesar de improvável, a história continha os inúmeros e inexplicáveis reconhecimentos feitos por Sumitra. Seria tudo uma farsa?

Fizemos um caminho diferente para voltar a Agra, sem no entanto diminuir o tempo do percurso. Nas últimas horas, enfrentamos uma intensa escuridão e todos os riscos do caminho. Senti falta de minha mulher e dos meus filhos, e tomei consciência da distância – meio planeta. Tentei acalmar meus pensamentos e avaliar o que estava sentindo: a possibilidade da reencarnação trazia algum tipo de conforto diante de pensamentos mórbidos? Respondi para mim mesmo: não quero uma outra vida, quero esta.

Stevenson começou a falar sobre uma palestra que deveria fazer na Virgínia, durante uma convenção de cientistas interessados em assuntos que as pesquisas científicas em geral costumavam marginalizar. Quais são os elementos da ciência que não se pode dispensar? Essa era a questão que ele planejava explorar.

Basicamente, explicou, ele pretendia questionar algumas das expectativas convencionais. Um dos problemas era a idéia de que é preciso haver um experimento passível de tantas repetições quanto forem necessárias. Stevenson sentia que a opinião de seus companheiros lhe era desfavorável porque seus estudos envolviam um fenômeno espontâneo que não podia ser recriado em laboratório.

– Mas não se pode recriar também o impacto de um meteoro ou de uma explosão vulcânica – explicou. – E isso não quer dizer que não seja possível conduzir uma pesquisa significativa a respeito desses fenômenos.

– Mas existe uma certa repetição em sua pesquisa – repliquei. – Qualquer outro pesquisador pode entrevistar as mesmas pessoas com quem você falou, interrogá-las, verificar a documentação mais importante. Naturalmente eles vão pensar duas vezes antes de percorrer o longo caminho até Sharifpura.

No escuro, não pude ver se consegui arrancar-lhe um sorriso. Após alguns segundos, ele prosseguiu:

– Outro problema é a previsibilidade – disse ele.

Na ciência tradicional, uma teoria, para ser válida, deve levar à possibilidade de fazer previsões que possam ser testadas de forma experimental. Stevenson, por exemplo, havia previsto que o homem que dizia ser um bandido turco teria uma marca no alto da cabeça combinando com a outra que ele apresentava debaixo do queixo. E estava correto. Mas aquela fora uma exceção. Stevenson não podia prever como se daria a migração da alma, ou qual criança começaria a se lembrar da vida de um vizinho e quem seria ele. Isso invalidava o seu trabalho?

Mais uma vez, pensei que ele poderia estar se esquecendo de um ponto.

– Mas você pode fazer previsões e eu acho que elas são muito importantes. Em qualquer um dos lugares onde agora existem casos, você pode prever que uma pesquisa séria

vai trazer à tona novos casos. Você pode prever que, ao entrevistar sujeitos e testemunhas, os pesquisadores encontrarão provas de que as crianças fizeram afirmações corretas sobre a vida de uma pessoa e que essas afirmações não poderiam ter sido conseguidas por meios normais.

Stevenson não respondeu. Pensei que, para fazê-lo desistir de tudo, seus críticos só precisariam provar que a explicação mais plausível para o que ele havia observado não era a reencarnação.

Falei sobre isso durante um longo tempo, porém, quando concluí, ele parecia tão melancólico quanto no início. Fui tolo ao esperar outra reação. Ele estava encerrando o estudo de quase três mil casos nos quais características básicas se confirmavam repetidamente. Vinha se dedicando a isso há quase quatro décadas e em todo esse período seu trabalho não conseguira ter um peso significativo na balança dos estudos científicos em geral. Agora, sabia que seu tempo estava quase esgotado.

– Existe um velho aforismo: “a ciência muda a cada funeral” – disse ele, com certa angústia na voz. – Há um poderoso conservadorismo no meio científico. As pessoas não se deixam convencer pelas evidências. Somente à medida que elas vão morrendo é que as novas idéias começam a ser aceitas.

Refleti sobre aquelas palavras em silêncio, enquanto um novo par de feixes luminosos começava a crescer na noite escura, mirando em nossa direção.

Então, ele me fez uma pergunta direta:

– Por que as pessoas não podem aceitar essas provas?

Fiquei em dúvida: ele estaria falando das pessoas ou de mim? Estaria me pedindo que declarasse se aceito ou não as provas?

Respondi com cautela:

– Bem, certamente elas tornam a idéia da reencarnação possível. Mas será que ela é provável? Não sabemos o que é a alma. Não sabemos que mecanismo faria uma alma deixar um corpo e penetrar em outro. Há muitas coisas que simplesmente não sabemos, e acho que esse é o problema.

– Mas que outra explicação existe para tudo o que temos visto? Examinei cada possibilidade e, por eliminação, a reencarnação deve ser o que explica tudo isso.

Senti um certo desespero dentro de mim. Queria ganhar tempo.

– Bem – disse eu –, acho que... a reencarnação é certamente uma explicação razoável para o que vimos. Mas não estou absolutamente convencido de que não exista alguma combinação sutil entre força cultural e percepção extra-sensorial capaz de criar alguns desses casos. Uma combinação entre um tipo de percepção extra-sensorial, sugestão cultural e relatos inconscientes de histórias... Talvez alguma necessidade humana básica esteja se expressando através do inconsciente coletivo e a força desse inconsciente coletivo esteja, de alguma maneira, criando esses casos...

Minha cabeça doía de tanto pensar. Estava aprendendo agora o que Stevenson aprendera anos antes: que o caso ideal parece estar sempre acenando na esquina – porém, quando fazemos a curva, nos deparamos com mais perguntas. Sentia como se alguma força pairasse sobre nossas cabeças, alimentando esses casos com evidências imperiosas o bastante para que não pudessem ser ignoradas, mas não o suficiente para que fossem comprovadas acima de qualquer dúvida.

Mas era tão complicado encontrar uma explicação “normal” para cada um dos casos que isso nos obrigava a refletir. E quando casos convincentes se multiplicavam, a reencarnação logo começava a parecer uma alternativa menos fantástica. Se eu aceitasse apenas um dos casos como autêntico, teria que aceitar muitos outros, ou a maioria deles. Se a reencarnação fosse possível, pelo menos uma vez, então ela se tornaria uma explicação muito mais simples para Shiva, o leiteiro e os outros, do que a retorcida corrente de conspirações e coincidências que fui obrigada a criar.

Pela primeira vez, fiz a mim mesmo uma pergunta objetiva: levando em consideração tudo o que vi e ouvi, por que não conseguia simplesmente aceitar a reencarnação como verdade?

Algum fator estava me impedindo. Era algo que eu conseguia sentir, mas não era capaz de compreender.

QUARTA PARTE

Estados Unidos

Crianças da casa ao lado

UM LUGAR CHAMADO DIXIE

Quando voltei para os Estados Unidos e falei sobre minhas experiências, ouvi com frequência a mesma pergunta: por que não existem casos aqui?

Ao mesmo tempo percebi que, em vez de ouvir o que eu tinha a dizer, um número surpreendente de pessoas com quem conversei passou a me contar histórias sobre seus próprios filhos, ou sobre crianças de quem tinham ouvido falar, envolvendo possíveis memórias de vidas passadas.

Quase todas as histórias eram fragmentárias, vagas e não acrescentavam nada. Uma mulher me contou que a filha costumava dizer: “Eu me lembro de quando estava no céu.” Outra disse que, antes de completar dois anos, a filha ficou parada no alto da escada olhando-a fixamente por alguns instantes e, depois de parecer refletir, disse: “Estou feliz por ter escolhido você.”

Lembro-me do terror que minha própria filha tinha de bambolês, a ponto de gritar desesperada quando os via. Fobia ligada a vidas passadas? Ou alguma inexplicável idiossincrasia?

Ainda assim, algumas histórias foram mais longe. Uma vizinha que ensinava num jardim-de-infância disse que teve uma pequena aluna que sempre falava da época em que vivera na Virgínia, fornecendo inúmeros detalhes sobre o assunto. Um dia, minha vizinha perguntou à mãe da criança quantos anos tinha a menina quando se mudaram da Virgínia para a Flórida. A mãe pareceu confusa e disse:

– Nunca moramos na Virgínia.

Uma mulher que trabalhou como babá me falou que a criança de quem ela cuidava havia lhe contado uma longa história que começava assim:

– Antes de ser quem sou, eu vivia em São Francisco e minha melhor amiga se chamava Bonnie. Nós estávamos num furgão e morremos num acidente.

Era impossível saber o que eu encontraria se pudesse ir em busca dessas crianças e fazer perguntas aos seus pais. Talvez a criança que disse morar na Virgínia tivesse lembranças que permitissem identificar o tempo e o lugar. E a menina que falou sobre ter morrido em São Francisco num furgão com sua melhor amiga, Bonnie, pode agora ter se lembrado de muitos outros fatos que permitam a identificação da personalidade anterior. Se eu pesquisasse os acidentes de trânsito envolvendo mortes acontecidas entre cinco e dez anos antes do nascimento da menina, teria chances de encontrar uma Bonnie que morrera acompanhada de outra mulher num acidente com furgão.

Naturalmente, minha amiga sequer se lembrava do nome da moça e nem tinha certeza de que Bonnie era mesmo o nome da pessoa que também morrera no tal acidente.

Estava contando essas histórias para o meu amigo, Gene Weigarten, editor e colaborador do *Washington Post*, uma das pessoas mais céticas que conheci, o tipo de indivíduo que preferia enfiar a mão numa máquina de moer carne do que admitir a possibilidade de acreditar em fenômenos paranormais. Ele me deixou concluir e depois disse:

– Você se lembra daquela história sobre o irmão de Arlene?

Arlene, a esposa de Gene, tinha crescido em Connecticut. Várias gerações de sua família viveram naquela região. Entretanto, tão logo seu irmão menor, Jim, aprendeu a falar, começou a dizer: “Eu nasci em Dixie.”

Os pais o corrigiam, explicando que ele nascera em Bridgeport, em Connecticut, mas o garoto insistia: “Eu nasci em Dixie.”

– Não era apenas o fato de ele sempre dizer isso – acrescentou Arlene quando lhe perguntei sobre o assunto. – Era porque ele falava *Dixie*. Em Connecticut, nos anos sessenta, ninguém usava essa palavra para se referir ao Sul dos Estados Unidos.

Perguntei se a família alguma vez pensara que isso tivesse algo a ver com memórias de vidas passadas.

– Está brincando? – disse ela. – Nós achávamos que se tratava de mais uma prova da criança muito esquisita que ele era.

Então, a família fez sua primeira viagem de carro em direção ao sul, até a Flórida.

Como a mãe de Arlene tinha recordações mais precisas sobre a viagem, telefonei para ela. Phyllis Reidy se lembra:

– Éramos muitos: eu, meu marido, minha sogra e as duas crianças, todos na caminhonete vermelha. Naquela época não havia essas grandes rodovias e tivemos que seguir pela estrada velha. Arlene tinha nove anos e Jim, seis. Uma das primeiras coisas que Jim havia dito quando começou a falar era: “Eu nasci em Dixie.” Repetia isso a todo instante. E, falava de um jeito estranho, com um certo sotaque. Costumávamos perguntar se ele era de Boston, mas o menino insistia: “Nasci em Dixie.” Achávamos graça e ficava por isso mesmo.

– Então – prosseguiu –, quando fomos de carro para o Sul, ele ficou agitado e começou a afirmar, sem parar, que seus avós, seu pai e sua mãe vieram de Dixie. Eu lhe disse: “Nós somos os seus pais.” E ele respondeu categoricamente: “Não são.” Estávamos na Geórgia, um pouco ao sul do limite com a Carolina do Sul, e ele parecia ter enlouquecido. Disse: “Vou mostrar a vocês onde era a minha casa. Ali está ela! É logo ali, no alto daquela colina, atrás daquelas árvores.”

– Ele descreveu a casa? – indaguei.

– Só disse que era uma “casa velha”.

– Vocês saíram da estrada para averiguar?

– Nem pensamos numa coisa dessas – respondeu ela. – Depois daquela viagem, ele nunca mais falou sobre ter nascido em Dixie. O sotaque durou mais umas duas semanas depois que voltamos e, então, desapareceu.

Embora Phyllis pensasse que Jim sequer se lembraria do incidente, anotei o número de seu telefone e falei com ele. Jim Reidy mora atualmente em Massachusetts, onde trabalha como engenheiro eletrônico.

– Você se lembra disso como uma história que sua família lhe contou? – indaguei. – Ou se lembra de ter tido tais memórias antes da viagem à Geórgia?

– Lembro-me de ser capaz de descrever a casa – respondeu Jim. – Sempre pude ver a imagem daquela casa: o balanço na varanda, o salgueiro chorão, a cerca de madeira. Também me lembro dos meus pais.

– Quer dizer, os seus pais e os de Arlene?

– Não, estou falando dos meus pais naquela casa. A imagem dos rostos é um pouco nublada, mas me lembro que eram aristocráticos, pessoas de grande influência. E eu era o bebê, absolutamente mimado. Todos faziam rebuliço ao meu redor. Só me lembro disso.

– O que você concluiu dessa história? – perguntei. – Pensou na hipótese de ter reencarnado?

– Na verdade, não. Éramos descendentes de católicos irlandeses e a reencarnação não se encaixa nesse ambiente. Mas pensei que talvez existissem universos paralelos, ou outra coisa assim.

Eu fiquei pensando se valeria a pena ir com Jim até a Geórgia para verificar se ele seria capaz de reconhecer a casa. Mas ainda que ela existisse e ele a reconhecesse, aonde isso nos levaria? Ele se lembrava somente de que, em algum momento, um casal aristocrático e seu filho único viveram numa casa com um balanço na varanda e um salgueiro chorão. Antes dos anos sessenta isso era comum no Sul.

Na prática, toda a história não passara de uma lembrança divertida, mas eu não conseguia parar de pensar nela. Ali estava uma família que não acreditava em reencarnação e nem cogitava do assunto. Nunca tinham ouvido falar em Stevenson e em suas pesquisas, que nem haviam sido realizadas quando tudo isso aconteceu. Entretanto, exceto pela falta de interesse demonstrado pela família, o formato do caso era idêntico ao dos encontrados no Líbano. Em suas primeiras falas a criança afirma não ser “dali”, mas de algum outro lugar. Aqueles não são os seus pais, seus pais são diferentes. “Vou lhe mostrar onde era a minha casa...” Começava a surgir uma resposta para a pergunta “por que não existem casos por aqui?”.

Existem sim. Se consegui tudo isso apenas conversando com alguns conhecidos, o que uma pesquisa sistemática me levaria a encontrar?

Nem mesmo Stevenson havia procurado sistematicamente casos de vidas passadas nos Estados Unidos. Entretanto, através de informações e de pessoas que o contactavam cada vez que seu trabalho aparecia nos meios de comunicação, ele acabara reunindo mais de cem casos no país de crianças que faziam afirmações sobre vidas passadas, tendo investigado vários deles em profundidade.

Ao todo, as crianças não têm tantas lembranças específicas como no Líbano e na Índia. Mencionam poucos lugares ou nomes, às vezes nenhum, tornando impossível a identificação da personalidade anterior. Na verdade, os únicos casos norte-americanos encontrados por Stevenson nos quais as crianças disseram o suficiente para permitir tal identificação, fornecendo dados sobre outras vidas passíveis de verificação, foram “casos na mesma família”, como o de um menino que afirmava lembrar-se da vida do avô.

Entretanto, por mais convincentes que sejam, esses casos familiares apresenta dois pontos fracos. Um deles, a evidente motivação – a dor da perda e o desejo de fazer com que uma pessoa amada possa retornar – que poderia levar os pais, de maneira inconsciente, a fabricar o caso. O segundo, a óbvia possibilidade de que a criança, através de canais normais, conheça fatos sobre a vida da pessoa morta, criando, assim, as suas “memórias”.

No aeroporto de Paris, enquanto aguardávamos nosso voo para a Índia, Stevenson havia me falado a respeito de um caso na mesma família, que ele estava investigando em Chicago. A mãe, funcionária de uma lanchonete, passara por uma experiência trágica com seu primeiro filho – um menino que morrera aos três anos, de um tipo muito agressivo de câncer. Ele teve um tumor no lado direito da cabeça e outro no olho esquerdo, apresentando ainda paralisia nas pernas. O menino ainda conseguiu aprender a falar apoiando-se em muletas. Mas seu estado logo piorou e ele teve que ser hospitalizado, morrendo logo depois.

A mãe ficou desolada e não se conformou nem mesmo após ter tido outras duas crianças. Quando nasceu a quarta, um menino, ela se convenceu de que era o primeiro filho renascido. Ele apresentava marcas e imperfeições de nascença que combinavam com as áreas em que a criança morta tivera problemas: um nódulo na cabeça e um defeito no olho esquerdo, onde se localizavam os tumores, um problema na perna que o faria mancar e um sinal no tórax onde os médicos haviam inserido um tubo quando o primeiro filho estava morrendo. Esse sinal chegou até mesmo a apresentar uma secreção.

O problema desse caso era que o longo e prolongado sofrimento da mãe em relação à perda do primeiro filho levava a pensar mais na possibilidade da fantasia estar realizando um desejo do que em indícios de reencarnação. Quaisquer correspondências entre os sinais ou imperfeições de nascença e a doença do primeiro filho poderiam ser apenas uma coincidência

capaz de ativar na mãe a crença de que a criança havia renascido. Além disso, a brevidade da vida do primeiro filho, associada ao desejo da mãe de tê-lo de volta, invalidaria quaisquer afirmações que o filho mais novo viesse a fazer.

Eu sabia que mesmo no melhor caso familiar ainda haveria a fragilidade intrínseca do fato de, desde o nascimento, a criança estar cercada de fontes potenciais de informação sobre a vida anterior que ela afirmava reencarnar. Ainda assim, quis observar de perto um desses casos. Afinal, eles constituíam grande parte da coleção de Stevenson no país.

Dentre eles havia a história de uma criança que também vivia em Charlottesville. Pouco tempo depois de voltarmos da Índia, tomei um avião e fui me encontrar com Stevenson. A meu pedido, ele havia entrado em contato com a família, que concordou em conversar comigo.

– Não me importo de voltar para mais uma visita – disse-me Stevenson. – Há alguns pequenos detalhes que gostaria de verificar outra vez.

E assim, numa manhã, atravessamos juntos as pitorescas colinas ao sul de Charlottesville. O caso envolvia um menino, agora com nove anos. Segundo a família, ele se lembrava da vida de um tio que morrera na adolescência, num acidente com um trator, vinte anos antes do seu nascimento.

Os pais aceitaram o encontro com a condição de que eu não os identificasse pelo nome completo e nem pela localização da pequenina casa onde moravam – situada no meio das montanhas, um lugar de inacreditável beleza.

– Tudo o que conseguem enxergar faz parte de nossa propriedade – explicou-me a tia do menino quando parei na varanda e espichei o pescoço. Ela era a irmã mais velha do morto, uma mulher pequena que trabalhava como conselheira e orientadora numa escola da região. Sua irmã, muito mais alta, era Jennifer, a mãe da criança. Ela nos recebeu na sala escura, onde o menino, Joseph, estava acomodado numa poltrona grande. Quando entramos, ele nos dirigiu um rápido olhar e logo voltou a prestar atenção nos desenhos animados que preenchiam suas manhãs de sábado. Era roliço como a mãe, com o rosto redondo, cabelos claros cortados com franja e o olhar vulnerável de uma criança com quem as outras costumam implicar. A tia chegou a comentar que os colegas de escola costumavam chamá-lo de “garoto de fazenda”, zombando dele por morar no campo, num lugar tão afastado.

O tio, um rapaz que tinha abandonado o segundo grau, chamava-se David. Ele morrera quando o trator que dirigia virou, esmagando-lhe o peito. Segundo a mãe, Joseph era asmático desde o dia em que nasceu, o que o fazia perder muitos dias de aula.

– Meus pais ficaram desesperados com a morte de David – disse a tia. – Ninguém toca no assunto. E certamente ninguém mencionou meu irmão em conversas casuais depois que Joseph nasceu. Por isso, não seria possível ele ter ouvido nada daquelas coisas.

“Aquelas coisas” eram uma série de afirmações feitas por Joseph que pareciam corresponder à vida de seu tio David. Ele sempre chamava a avó de “mamãe” e dirigia-se à própria mãe usando o primeiro nome, mas ninguém tinha prestado atenção nisso – afinal, a tia e a mãe também chamavam a avó de Joseph de “mãe” –, até o menino começar a fornecer outros detalhes.

– Um dia, ele estava sentado na calçada da casa de meus pais, olhando para cima. Nós o observávamos – disse a mãe. – Ele chamou a avó e disse: “Mamãe, você se lembra quando papai e eu subimos ali e pintamos o telhado de vermelho e eu fiquei com os pés e as pernas cobertos de tinta? Puxa, como você ficou brava!” Minha mãe disse: “Joseph?” Ele não respondeu. Então, ela exclamou: “Deus meu, Jenny, era David falando comigo, Porque David pintou o telhado e fez a maior sujeita, tinha mais tinta nele do que no teto.” O interessante é que o telhado foi pintado de vermelho em 1962, mas depois nós o pintamos de verde, como é até hoje. Um dia, estávamos seguindo pela via 11 e Joseph disse: “Quando eu estava crescendo, não havia casas ali. Tudo era coberto de árvores, onde costumávamos caçar.” E

uma outra vez estávamos passando pela agência de administração das fazendas e ele falou: “Eu me lembro que aqui era um milharal. Costumava ajudar a colher o milho com Garth Clark e Stanley Floyd.” Eu disse: “É mesmo?” E ele respondeu: “É, sim. E nós brigamos por causa de um par de botas.”

Perguntamos se ela conhecia aqueles nomes, se eram mesmo de pessoas com quem David se relacionava.

– Não conheço os nomes – disse ela. – Mas existem muitos homens chamados Clark e Floyd nessa região.

A tia nos contou que, de tempos em tempos, Joseph fazia outras afirmações semelhantes e sempre falava como se aquelas “memórias” fossem parte de sua própria vida.

– Ele me perguntou: “Quando vamos brincar com os lençóis no varal como costumávamos fazer?” Quando éramos pequenos, David e eu fazíamos essa brincadeira. Entretanto, há mais de dez anos que não dependuramos lençóis no varal. Usamos uma secadora, como todo mundo.

Enquanto Stevenson ia fazendo uma série de perguntas relacionadas a uma entrevista anterior, comecei a ler as transcrições da mesma. Quando cheguei a um determinado ponto, quase exclamei em voz alta: “Uau!” – era sobre Michael, o “amigo invisível” de Joseph.

De acordo com Jennifer, durante muitos anos Joseph teve um amigo imaginário chamado Michael. Ele ouvia o menino conversar e dizer o nome do amigo, quando estava sozinho no quarto. Ele até comprou brinquedos para Michael e, quando acrescentou mais um chapéu à sua coleção, comprou um para o “amigo”, para “evitar brigas”.

– Acho engraçado quando brigo com Michael e jogo meu carrinho. O carro atravessa o corpo dele – disse Joseph, um dia, para a mãe.

– Ele acha que consigo ver Michael – ela comentou.

E conseguia?

– Às vezes sinto um arrepio nas costas ou um vento passando bem perto. Uma vez Joseph levou minha sobrinha Jamie para brincar com Michael e ela voltou dizendo: “Não gosto de brincar com Michael. Eles são maus para mim.”

Jennifer contou ainda que, algumas vezes, o cachorro rosnava quando Joseph dizia que o amigo estava por perto. Mas Michael não aparecia há muito tempo.

– Ele ficou zangado comigo e foi embora – explicou o menino.

Joseph jamais deu um sobrenome para Michael ou mencionou qualquer ligação dele com o tio morto. Mas sua mãe disse que um dia, quando passavam de carro pelo cemitério, o menino disse:

– Vamos parar e procurar o túmulo de Michael. Fica em algum lugar por aqui, com uma bandeira dos Estados Unidos por cima.

Inúmeras crianças possuem amigos imaginários e as pessoas acreditam em várias coisas. Mas o depoimento da família quanto às afirmações que relacionam o menino ao tio morto não perde credibilidade pelo fato de Joseph ter um amigo invisível e sua mãe ao menos aceitar a idéia de que Michael poderia ser algo mais do que fruto da imaginação do filho.

Entretanto, como Stevenson disse uma vez, eu não gostaria de apresentar esse caso diante de um tribunal.

Quando estávamos prestes a sair, perguntamos se elas teriam algo a acrescentar sobre palavras ou atitudes de Joseph.

– Tenho certeza de que há muito mais – disse a tia. – Mas nunca anotamos nada.

Então, ao sair da casa, quando a tia estava dizendo algo a respeito de amarrar os sapatos de Joseph, Jennifer exclamou:

– lembrei-me de uma coisa! Quando era pequeno, Joseph insistia para que comprássemos sapatos grandes demais para ele. Dizia: “mamãe, eu sei qual é o meu tamanho,

é 40.” Era um problema. Ele não desistia. Tivemos que comprar um par desse tamanho, levar para casa e fazer com que ele usasse só para provar que era grande demais.

– Que número David usava? – perguntei.

Mas já sabia a resposta.

A FRONTEIRA DA CIÊNCIA

Aquela semana foi muito agitada para Stevenson em Charlottesville, pois coincidia com a conferência anual da Sociedade de Exploração Científica, da qual ele era um dos sócios fundadores. Stevenson falara sobre ela no Líbano e na Índia. Ele tinha esperança de que a Sociedade pudesse lutar contra o isolamento dos estudos parapsicológicos, ajudando a aproximar pessoas como ele da ciência normalmente aceita pela maioria.

Não achei que fosse coincidência o fato de a reunião acontecer por ali, onde Stevenson vivia: ele era uma figura de grande importância no grupo, a quem todos se referiam com profundo respeito. No início da semana ele havia feito uma palestra delineando a tônica das futuras discussões. Na ocasião, discorreu sobre um assunto sobre o qual havíamos conversado na noite em que voltávamos de nosso desconfortável encontro em Sharifpura, argumentando que o tipo de pesquisa de campo que havíamos realizado era válido cientificamente, ainda que não satisfizesse todas as exigências de uma experiência em laboratório.

Não ouvi a palestra, mas li sua publicação. Estava escrita na linguagem formal que Stevenson costumava usar. Em sua conclusão, ele conseguiu expressar em apenas três frases os quarenta anos de uma experiência muitas vezes frustrante, assim como sua fervorosa esperança para o futuro. “As dificuldades aparecem quando as observações relatadas parecem entrar em conflito com os ‘fatos’ aceitos pela maioria dos cientistas como algo estabelecido e imutável”, escreveu ele. “Os cientistas tendem a rejeitar observações conflitantes... Entretanto, a história da ciência nos mostra que as novas observações e teorias podem acabar prevalecendo.”

Como Stevenson estava sempre muito ocupado, tive bastante tempo para ficar vagando pelo *campus* da Universidade de Virgínia, um dos mais espetaculares do país. Na alvorada do século dezenove, quando o *campus* fora construído, o universo parecia estar oferecendo seus segredos à ciência com enorme rapidez. Deviam pensar que logo não haveria mais nenhum mistério a resolver. Toda a Criação se tornaria metódica, serena e bem cuidada, como aquele lugar.

Mais de um ano já havia transcorrido desde o meu primeiro encontro com Stevenson. Desde então, passara a ler compulsivamente tudo o que encontrava sobre teoria quântica, pesquisas bioquímicas e inteligência artificial. Era um tipo de assunto quase impenetrável, que permanecia sempre nos limites do meu conhecimento e compreensão.

O pouco que eu sabia me dava a sensação de que o avanço da ciência tem sido muito mais espetacular do que qualquer pessoa, no início do século, poderia sonhar. Nos últimos tempos, porém, era menos satisfatório. Quanto mais se avança, mais se tem consciência dos mistérios a serem perscrutados.

Meu conhecimento não era mais amplo do que o da maioria das pessoas. Mas agora eu tinha um motivo para explorar essa fronteira, uma necessidade de compreender se existia algo que pudesse lançar uma luz, ainda que indireta, sobre o que eu estava vendo.

Desde que terminara meus estudos de física no segundo grau, aquilo que tinha sido colocado como definitivo vinha sendo superado rapidamente por novas descobertas. Toda a

ciência do mundo subatômico baseava-se em mistérios. Isso não significava que os cientistas não fossem hábeis ou inteligentes, mas as perguntas se multiplicavam indefinidamente.

As fronteiras de tudo aquilo que considerávamos realidade eram muito menos definidas do que imaginávamos. A realidade tinha que ser pensada com categorias absolutamente revolucionárias dos conceitos que nos habituamos a configurá-la, com um nível de sofisticação incompreensível para quase a totalidade dos leigos.

Baseados nessas novas concepções, o agora, o ontem e o que ainda está por vir podem existir – usando uma palavra que só é adequada num mundo tridimensional – simultaneamente. É esse o problema: nem nossa experiência nem nossa linguagem foram feitas para lidar com uma realidade quadridimensional, pois somos ligados à *seqüência*, à idéia de que um tempo – o presente – existe e os outros são lembrados ou imaginados.

Como seria ver o mundo em quatro dimensões?

Talvez todos os estranhos fenômenos descobertos pela ciência, e outros dos quais os cientistas ainda nem se deram conta, parecessem estanhos para as criaturas tridimensionais condenadas a se deixarem levar através do espaço em quatro dimensões, conseguindo ver somente as sombras do que está fora de sua esfera de percepção.

E quem somos “nós”, afinal? Geneticistas, biólogos e cientistas da computação têm passado décadas lutando uns contra os outros para serem os primeiros a criar, ou pelo menos definir, a consciência. Nenhum deles sequer vislumbrou uma solução.

Onde e que tudo isso nos deixa? Num estado de admiração paralisante? Ou numa insatisfação produtiva?

Acho que essa insatisfação, pelo menos em parte, explicava a reunião da Sociedade de Exploração Científica, uma federação de cientistas associados de maneira um tanto indeterminada. O traço comum entre eles era a visão de um espaço vazio entre o que a ciência tradicional não consegue explicar e a ortodoxia científica que descarta sem discussão certas idéias.

Nem todos os membros da Sociedade estavam propondo idéias radicalmente contrárias, como fazia Stevenson. Na verdade, alguns estavam ali para, antes de tudo, tentar desmascarar quaisquer imposturas. Mas todos tinham interesse em usar um método científico para estudar assuntos vistos com escárnio pela ciência tradicional, como, por exemplo, a existência ou não de ÓVNIS, da vida após a morte, da percepção extra-sensorial, das curas mediúnicas, ou mesmo de um mecanismo que responda pelo fato de mulheres que vivem próximas umas das outras terem uma tendência a apresentar períodos menstruais sincronizados.

Desnecessário dizer que tudo isso gerou uma ampla variedade de palestrantes e ouvintes. Os tópicos iam do sóbrio “Um centro para testar a eficácia de certas terapias alternativas e complementares na redução da dor e do sofrimento em determinadas populações de pacientes” aos temas mais delirantes.

Participantes beirando a paranóia compartilhavam o evento com pessoas de inquestionável conhecimento. Um dos palestrantes, um demógrafo da universidade Johns Hopkins chamado David Bishai, estava ali para falar sobre a dinâmica da migração, o que explicaria por que a explosão populacional não refuta *automaticamente* a tese da reencarnação. Ele vira num programa de televisão, do tipo “mistérios científicos”, uma pessoa dizer que o número de seres humanos que já viveram não seria suficiente para fornecer almas para toda a população atual.

– O erro era óbvio – disse Bishai. Em primeiro lugar, ele explicou que as mais confiáveis estimativas demonstram que o número de pessoas que já morreram excede em muito o número das que vivem agora. Porém, ainda que isso não fosse verdade, não faria diferença. Ele desenhou um diagrama no quadro-negro mostrando uma linha que dividia dois

lugares hipotéticos, A e B. O primeiro era o mundo que conhecemos, para o qual os seres humanos imigravam quando nasciam e de onde emigravam após a morte.

– Começamos imaginando que os seres humanos vêm de um lugar desconhecido e voltam para esse mesmo lugar, que chamaremos de Estado B. Acho que todos nós podemos concordar com isso.

Do auditório, uma série ascendente de fileiras em semicírculo, uma voz levantou-se em protesto:

– Mas o senhor está partindo do princípio de que todos eles voltam para o mesmo lugar de onde vêm.

Bishai virou-se para o auditório procurando localizar a pessoa que havia falado.

– Muito bem – disse ele. – nem todos nós concordamos com isso. Mas vamos apenas dizer que chamaremos de Estado B qualquer que seja o lugar de onde eles vêm ou para onde vão.

O que ele queria demonstrar era que, mesmo admitindo que a criação de novas almas não fosse possível, o Estado b poderia ter começado com um altíssimo número delas. À medida que a população do Estado A aumentava, o Estado b diminuía, mas ainda poderia haver uma grande reserva, que permitiria um crescimento populacional ilimitado no Estado A.



Eu não estava ali para ver Bishai – aconteceu de ele estar falando quando cheguei. Queria ouvir Jim Tucker, um psiquiatra infantil de trinta e nove anos, que há cinco começara a trabalhar com Stevenson. Embora não tivesse mencionado o assunto, imaginei se Stevenson não veria em Tucker um possível substituto, pois demonstrava grande admiração por ele.

A palestra de Tucker era sobre os casos que ele havia estudado no Sudeste Asiático, envolvendo o hábito de marcar o corpo de um parente morto com carvão ou alguma outra substância, acreditando que, quando sua alma reencarnasse, o corpo da criança apresentaria um sinal de nascença no mesmo lugar.

Tucker era um homem magro, de cabelos escuros, traços bem definidos e um sorriso agradável. Mostrou excelentes *slides*, comparando marcas de carvão num cadáver a sinais de nascença no corpo de uma criança – eram quase idênticos. E chamou a atenção para um ponto de especial interesse para mim: nas “marcas de nascença experimentais”, como ele as chamava, os casos na mesma família poderiam ser mais convincentes do que os que envolviam estranhos. Isto porque as chances de uma família encontrar sinais localizados no mesmo lugar onde foram feitas marcas num cadáver não seriam muito grandes se fosse necessário procurá-las em todas as crianças conhecidas – afinal, poderia haver centenas de bebês para inspecionar –, mas as chances de as marcas correspondentes aparecerem numa criança da família mais próxima eram astronômicas.

Mesmo assim, era isso o que parecia ter acontecido em muitos casos que ele havia pesquisado.

Observei que Tucker demonstrava a mesma serenidade que me deixara encantado na primeira vez que vi Stevenson. Ele também falava em voz baixa, porém era perfeitamente audível por todo o imenso auditório.

– Existem várias explicações possíveis para esse fenômeno – disse ele. – Uma delas é que os sinais correspondam às marcas de carvão por uma simples coincidência ou por uma falha de memória da pessoa que marcou o cadáver. Uma outra interpretação é a impressão maternal – ou seja, que a expectativa da mãe de ter um filho com tal marca influencie a criação da mesma. A terceira explicação é que alguns desses casos representam a reencarnação de uma personalidade anterior.

Após a palestra, encontrei Tucker no saguão e me apresentei. Perguntei a ele como se envolvera naquele tipo de pesquisa.

– Até cinco anos atrás, nunca havia dado importância ao assunto da reencarnação – disse ele.

Mas seu interesse fora despertado ao ler os livros de Stevenson. A coincidência de ambos viverem e trabalharem em Charlottesville também pesou, mas talvez Tucker jamais tivesse tomado qualquer atitude se não tivesse lido uma notícia num jornal local a respeito de um estudo sobre experiência de quase-morte em pacientes cardíacos, conduzido pela divisão de Stevenson. Ele telefonou e apresentou-se como voluntário para avaliar se os pacientes estavam ou não próximos da morte quando tiveram suas experiências. Depois que começara a participar dos almoços do grupo de pesquisas, Tucker tinha sentido cada vez mais interesse no estudo de crianças que afirmavam lembrar-se de vidas passadas.

Ele me perguntou se eu havia lido as críticas dos céticos sobre a pesquisa de Stevenson. Disse-lhe que sim e que não me deixara impressionar por nenhuma delas.

– De todos os argumentos – expliquei –, o único que ainda me parece ter força é o fato de pacientes que sofrem do mal de Alzheimer perderem cada um dos aspectos de sua personalidade: suas memórias, habilidades, temperamentos. Tudo se desintegra numa correspondência direta com a deterioração física do cérebro. A questão é: se a destruição parcial do cérebro arruína todos os aspectos de uma pessoa que poderiam ser reencarnados, como imaginar que qualquer coisa pudesse sobreviver à total destruição do cérebro?

– Existe uma resposta-padrão – disse Tucker. – E acho que é muito boa: é como um rádio. Se você o danificar, ele não vai mais tocar músicas. Mas isso não quer dizer que as ondas desse rádio desapareceram. Significa apenas que não há mais um objeto para recebê-las. Os céticos responderiam: “De onde vêm os sinais do rádio?” Pode-se também perguntar: “O que acontece dentro de um buraco negro? O que existia antes do Big Bang?”

Encontrei-me casualmente com Tucker uma outra vez antes de ir embora de Charlottesville. Tivemos mais uma longa conversa, ao fim da qual ele expressou uma frustração que eu suspeitava ser compartilhada por Stevenson.

– Gostaria que pudéssemos prosseguir em nossas tentativas de entender os mecanismos que estão por trás desses casos – revelou –, em vez de ficar constantemente tentando estabelecer a legitimidade desse fenômeno.

– O problema – disse eu – é que, se você começar a falar sobre o processo de migração da alma antes de saber o que ela é e antes que as pessoas aceitem que é isso o que seus casos provam, parecerá tolo.

Ele concordou. Seu olhar demonstrava cansaço. Não era a primeira vez que aquele pensamento lhe ocorria.



A minha vez de participar da conferência da SEC aconteceu na sessão final. Junto com outras cinco pessoas, eu fazia parte de um painel que discutia a cobertura dada à ciência pelos meios de comunicação. Cada um de nós estava preparado para falar durante dez minutos sobre algum ponto relacionado ao tema, mas logo descobrimos que nossa presença ali visava permitir que os presentes exprimissem o seu enorme rancor pela maneira como os cientistas “alternativos” eram desprezados, ou mesmo difamados, pelos jornalistas. Além de mim, havia dois repórteres no painel – um da televisão e rádios locais e um amigo meu do *Washington Post*, um escritor chamado Joel Achenbach. Eu havia sido convidado principalmente porque os organizadores da conferência sabiam do livro que estava escrevendo sobre Stevenson, e eu sugeri o nome de Joel, que, em suas próprias palavras, estava escrevendo um livro “sobre alienígenas”.

Joel, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci, trabalhou comigo no *Herald*, escrevendo uma coluna onde explicava a ciência para as massas. Ele me disse que, entre outras coisas, seu livro jogava por terra a idéia de que nosso planeta foi algum dia visitado por extraterrestres a bordo de OVNIS. Ao fazer isso, no entanto, ele também discorria sobre a atuação da ciência, defendendo o mesmo conservadorismo e a mesma rigidez contra os quais lutavam alguns participantes da conferência.

Joel não apenas roubou a cena, mas por pouco não desencadeou um tumulto, ao insistir em que a ciência tradicional era assim por uma razão: ela fazia sentido, não se deixava levar pela emoção, não tirava conclusões apressadas e nem se envolvia em conspirações para abafar a verdade. Ela apenas exigia provas científicas rigorosas, conseguidas através de meios passíveis de repetição, potencialmente capazes de refutá-las em experimentos objetivos.

Suas palavras causaram protestos categóricos e agressivos por parte de um membro da platéia, mas as justificativas eram inconsistentes, e Joel ouviu-o sem refutá-lo.

Começava a anoitecer quando saí com Joel num automóvel alugado. Além de termos trabalhado juntos durante vários anos, Joel e eu tínhamos sido colegas de quarto, por um curto período, quando cheguei a Miami e ele acabava de sair de Princeton. Isso fora há muitos anos, mas o sentimento de liberdade e confiança permanecia.

– Então, qual é o negócio com o tal de Stevenson? – perguntou Joel.

Contei a ele sobre o que tinha visto no Líbano e na Índia, assim como nos dois últimos dias, na Virgínia. Disse-lhe que, depois de mais de um ano viajando, quase fazendo a volta ao mundo, não podia rejeitar nada daquilo. Entretanto, por algum motivo, não era capaz de afirmar, de fato, que acreditava.

Ele disse tudo o que eu já esperava ouvir: como era possível falar seriamente sobre reencarnação quando não se tinha a menor idéia do que seria a alma, ou se ela existia? E, se as almas realmente existissem, como elas ocupavam um corpo ou se moviam de um para outro? Aquilo que as crianças demonstravam saber e que parecia desafiar qualquer explicação era mesmo fascinante. Mas constituía material para um ótimo livro, e não para a ciência. Por mais que parecesse improvável, a corrente de coincidências e conspirações teria que ser a explicação normal para os casos. Na ausência de motivos convincentes para acreditar em almas e em sua transferência de um corpo para o outro, uma pessoa racional precisa escolher o improvável e não o inexplicado.

– Acredite-me, tenho refletido sobre tudo isso – disse. – É que...

O sol já havia se escondido atrás das colinas, a oeste. Um vento úmido e suave atravessava o automóvel. E eu entendi. Finalmente, compreendi o que vinha assombrando a minha mente desde a Índia, talvez até antes.

– Quer ouvir uma longa história? – perguntei.

– Claro.

– Logo que terminei a faculdade, no verão de 1976, um amigo e eu decidimos dirigir pelo país até que nosso dinheiro acabasse. Essa viagem se tornou uma maratona de conversas. Dirigíamos, ouvíamos música e conversávamos. Como éramos dois rapazes de vinte e pouco anos, nosso principal assunto eram as mulheres. Havia duas mulheres na minha vida e percebi que estava associando cada uma delas a uma visão diferente do futuro. Uma era segura, previsível, quase um abrigo. A outra, perigosa, arriscada, um salto sem rede. À medida que a viagem prosseguia e que ouvíamos várias vezes as mesmas fitas de música, na minha cabeça cada uma daquelas mulheres, cada uma daquelas posturas diante da vida, ficou associada a uma canção. O abrigo seguro era *Shelter from the Storm* (Abrigo da tempestade), de Bob Dylan. A selvagem e perigosa era uma daquelas músicas desesperadas de Bruce Springsteen, *She's the One* (É ela).

– Duas musicas excelentes – comentou Joel.

– Isso mesmo. E ambas mexiam comigo. Ambas as mulheres e ambas as músicas. Meu amigo e eu discutimos esse assunto sob todos os aspectos possíveis. Conversamos de uma maneira que só acontece quando você tem vinte e dois anos e está desempregado, dirigindo numa estrada vazia, uma hora antes do amanhecer, a um lugar onde nunca esteve.

– Como você pode imaginar, essa discussão continuou sem parar, enquanto rumávamos para oeste e os espaços se tornavam mais amplos e mais desabitados. Visitamos uns conhecidos em Phoenix e tomamos a direção de Los Angeles, nosso objetivo final. No caminho, pretendíamos parar e caminhar pelo Grand Canyon. Mas já era tarde e decidimos seguir mais uma hora para o sul, passar a noite numa área própria para acampar e voltar para o Canyon bem cedo, na manhã seguinte.

– A área de acampamento era apenas uma planície ao pé de algumas montanhas. Embora rodeada de algumas árvores, era quase toda aberta. Uma estrada de terra levava até lá, atravessando umas três primitivas áreas para acampar, sem água ou luz, apenas um local poeirento para se colocar uma tenda, uma mesa de piquenique e uma fogueira. Não havia ninguém lá. Estávamos completamente sós.

– Passamos pelas duas primeiras áreas, paramos no lugar mais afastado, montamos acampamento, fizemos uma fogueira e resolvemos subir uma das montanhas. A essa hora, a tarde já estava no fim e, quanto mais alto subíamos, mais escuro ficava. Recomeçamos a discutir O Dilema, assunto que já estava me deixando louco. “Qual delas?” logo se tornou “qual vida?” e, quanto mais conversávamos, mais penoso se tornava fazer a opção “certa”. Tomar o caminho da ousadia, fazer o inesperado, seria uma atitude corajosa ou apenas tola? Esse caminho levava à glória ou à perdição? Tomar o caminho mais seguro seria uma atitude bem fundada e sensata ou um passo covarde em direção a uma vida de tédio e arrependimento?

– O problema começou a se refletir nas decisões mais imediatas. Deveríamos ir para Los Angeles, como havíamos planejado? Ou seria melhor nos aventurarmos pelo México, uma terra desconhecida? Deveríamos voltar para a Flórida e procurar emprego, como sempre imaginamos fazer um dia? Ou ficar ali, no oeste, e recomeçar tudo, sem contatos, dinheiro, contando apenas com o inesperado?

– Acho que você está me entendendo. Era o momento de decisão. A hesitação, a completa incapacidade em separar a verdade da ilusão me atormentavam.

– Conversamos durante várias horas. Quando voltamos para o acampamento, já era tarde da noite. Eu me sentia exausto. Meu cérebro doía. Estávamos ali, atiçando o fogo com pedaços de pau, e meu amigo disse: “Quem sabe pegamos o carro agora mesmo e seguimos para o México?”

– A idéia realmente me atraía. Era audaz, impulsiva, arriscada. Então, comecei a pensar no quanto eu estava cansado, em como, provavelmente, acabaríamos parando na estrada, no meio do nada, para dormir dentro do carro, sentindo-nos como dois idiotas por termos saído daquela agradável área de acampamento e desistido de visitar o Grand Canyon.

– Minha cabeça ia explodir. Gritei: “Espere um minuto! Essa decisão é igual a todo o resto.” De repente pude ver como eu passara tantas horas, senão semanas, correndo atrás do próprio rabo. “Não vou mais fazer isso”, disse então. “Agora vou aguardar algum sinal.”

– Minha dor de cabeça desapareceu na mesma hora. Senti-me envolvido por um silêncio insondável. Ficamos ali, no escuro, ouvindo o fogo crepitar.

– Exatamente sessenta segundos depois, escutamos o som longínquo do motor de um automóvel movendo-se pela noite. O barulho foi aumentando e vimos luzes de faróis movimentando-se por entre as árvores. Finalmente, um furgão se aproximou pela estrada de terra. Lembre-se, a área de acampamento estava totalmente deserta. O furgão passou pela primeira área, pela segunda, seguiu em direção onde estávamos, foi até o final e parou bem ao nosso lado.

Joel pulou no assento do carro e bateu com a mão no painel.

– Droga! – exclamou ele. – É melhor que não seja a música de Springteen.

– A porta lateral do furgão se abriu – prosseguiu e o som nos atingiu como um tapa, a voz luminosa, as guitarras estridentes, as marteladas no teclado. Springteen. *She's the One*.

– Oh, que droga! – disse Joel outra vez.

– A música seguiu direto até o ponto em que ele diz: “E você tenta, só mais uma vez, vencer os obstáculos...” Então parou, fazendo aquele barulho eletrônico que se ouve quando alguém desliga de repente. As luzes se apagaram, a porta foi fechada e éramos só nos dois outra vez. Silêncio completo. Não ouvimos mais nenhum barulho. Nenhuma voz. Nenhum sussurro. Nada.

Joel riu.

– Meu amigo e eu apenas olhamos um para o outro. Eu disse: “É engraçado. Você pede um sinal e consegue. Um enorme, espalhafatoso, cintilante sinal de néon. E ainda assim não sabe o que ele quer dizer.” Meu amigo disse: “Não é óbvio?”

– E eu sabia do que ele falava. Era óbvio que ele queria me dizer que o “sinal” estava me avisando para tomar o caminho da coragem, escolher a mulher perigosa, jogar a cautela para o alto. Se eu tivesse ouvido a descrição da cena, pensaria a mesma coisa. Mas ali, no meio de tudo aquilo, nem pensei nessa hipótese. Ficou logo bem claro para mim que aquela incrível coincidência não poderia ser um guia prático capaz de definir as escolhas que deveria fazer. Era estranho demais e ao mesmo tempo excessivamente magnífico e trivial. Tive a forte certeza de que o universo estava rindo de mim, do meu auto-envolvimento, e o mais inesperado aconteceu: a ansiedade que eu sentia simplesmente desapareceu.

– Embora logo tivesse percebido que o “sinal” não era o que parecia, levou muito tempo para que eu o encarasse como o faço agora. Por algum motivo, recebi essa dádiva, essa extraordinária e irrefutável demonstração de que não se pode analisar o mundo baseando-se apenas no que aparece na superfície. O universo e o ser humano são muito mais do que máquinas de matéria física, automáticas, vazias. Existe uma... força em algum lugar, algo que ultrapassa o conhecimento, mas que podemos, em algum nível, sentir e ver e com a qual podemos interagir. Minha vida tão insignificante e todos os meus assuntos pessoais ligaram-se, de alguma forma, a algo tão gigantesco, tão além de mim mesmo, que poderia coreografar uma pequenina representação como aquela, feita sob medida para a mente de um rapaz confuso.

– Eu senti tudo aquilo profundamente. Uma área de acampamento vazia, no meio do nada, no meio da noite. E dois rapazes ali, discutindo tudo em termos de duas canções, durante semanas, e em sessenta segundos, após decidir “esperar por um sinal”, um furgão aparece, toa uma daquelas músicas, só isso, e fecha a porta? Eu teria pensado que era uma alucinação, mas meu amigo estava ali, de testemunha! E na manhã seguinte, quando o dia clareou, estávamos finalmente adormecendo quando ouvimos a porta do furgão se abrir, o toca-fitas ser religado, a última parte da música tocar alto, a porta se fechar com força, o veículo tomar a estrada e ir embora.

– Sem dúvida, essa é uma história notável – disse Joel. – E não duvido que tenha sido exatamente como você se lembra. Mas não acredito que haja algum ponto mágico em que um acontecimento improvável se transforme em “evidência” de algum fenômeno totalmente novo. Qual é exatamente o fenômeno? Como é que o seu cérebro ou os seus sentimentos poderiam fazer com que o furgão e o motorista parassem ali? Me dê uma teoria por trás do acontecimento e alguma maneira de testá-la. Essa sua história fala de um acontecimento muito incomum, sem qualquer teoria para explicá-lo, a não ser a existência de algum tipo de fenômeno maior que une as mentes humanas às realidades físicas. E fica implícito que, se outras pessoas estiverem tentando decidir com quem sair, isso pode fazer com que você dirija um furgão e toque determinada música de Springteen. Pessoalmente, não me sinto sob o

controle de forças que emanam do cérebro de outras pessoas. A solução mais fácil para essa situação, se você quer saber o que eu penso, é dizer que, embora fosse única e excepcional, ela não exige qualquer fenômeno estranho para acontecer: precisa apenas que uma pessoa leve um furgão até o lugar onde vocês estavam e toque uma música de Springteen. E foi o que alguém fez, sem ter nada a ver com o seu problema. É isso o que eu acho.

– O problema com o paranormal – prosseguiu Joel – é que, por definição, ele tende ficar tão distante do normal que, teoricamente, não pode ser medido. Então, não se pode provar que não está ali e nem provar que está. E, sendo assim, não posso excluir a possibilidade de existir alguma ligação entre os seus pensamentos e o aparecimento do furgão. Apenas não acho que seja provável que exista qualquer ligação.

Dessa vez fui eu quem ri.

– É isso – exclamei. – É essa ligação entre tudo isso e aqueles casos de reencarnação. Eu sabia que havia uma ligação, mas não conseguia identificá-la: o argumento é exatamente o mesmo. Tenho uma série de fenômenos que não podem ser explicados de forma normal. Tenho depoimentos e testemunhas que os corroboram. Você diz: “Não há como fazer uma experiência para provar ou refutar.” Eu digo que, sem dúvida, vale a pena procurar outros casos nos quais as testemunhas aleguem ter presenciado eventos similares para, assim, determinar a probabilidade de que sejam explicados através de fraude ou ilusão. Só que, no meu caso, não preciso me preocupar com a credibilidade das testemunhas, se estão enganando a si mesmas ou mentindo. Porque eu sou o sujeito e a testemunha, e sei o que aconteceu.

– Então, a questão passa a ser: “Tudo bem, sei que aconteceu, mas o que isso significa?” Você diz: “Talvez seja uma coincidência.” Ótimo, mas eu também quero dizer: “De jeito nenhum!” Não posso aceitar que aquilo tenha acontecido sem haver qualquer ligação com o que estava se passando na minha vida. Da mesma maneira que, agora, desejo declarar categoricamente que não posso aceitar que todas aquelas crianças, todas aquelas famílias e todas as testemunhas estejam simplesmente mentindo, que estejam iludidas, ou erradas. Aquelas crianças sabem de coisas que não poderiam saber normalmente. Estou aceitando este fato.

– Mas no meu caso, embora eu aceitasse que o que aconteceu naquela noite não era apenas coincidência, não aceitei a explicação que parecia óbvia quanto ao significado do sinal. Simplesmente senti que não era aquilo.

– E acho – prossegui – que afirmar que “essas crianças sabem o que sabem porque são reencarnadas” me parece simplista demais. Linear demais. É aceitar que sabemos o que não sabemos, como, por exemplo, o que é o “tempo”, ou o que é a “identidade pessoal”. Por isso, estou chegando à mesma conclusão a que já tinha chegado antes: essas crianças não são importantes pelo que dizem sobre detalhes específicos ou sobre o que acontece após a morte. Sua verdadeira importância está no que dizem sobre o funcionamento do mundo: que ele é misterioso, que existem forças maiores em ação, que, de alguma maneira, todos nós estamos unidos por forças que ultrapassam o nosso conhecimento, mas que, definitivamente, não são irrelevantes para as nossas vidas.

Joel ficou em silêncio durante algum tempo. Quando chegávamos ao nosso destino, ele, como sempre, deu a última palavra.

– Eu aceito isso como uma conclusão pessoal – disse ele. – Apenas não considero isso ciência.

Só mais tarde me ocorreu a resposta adequada: se não é ciência, talvez devesse ser.

CRISÁLIDAS

– Você é uma pessoa de sorte, tal como eu – Stevenson tinha me escrito quando eu estava prestes a voar para Charlottesville. – Falei com a mãe daquele caso sobre o qual lhe falei por telefone. Ela concordou em conversar com você. Infelizmente, devido a outros compromissos, não poderei acompanhá-lo.

Eu me sentia mesmo uma pessoa de sorte. Aquela seria a última família que eu iria entrevistar e ela preenchia uma série de lacunas. Era um caso nos Estados Unidos, no qual a criança se lembrava da vida de um estranho. E não apenas isso, havia também uma chance de que fosse o primeiro caso não-familiar nos Estados Unidos com possibilidades de identificação da personalidade passada.

Na verdade, era estranhamente parecido com a história que Arlene Weingarten tinha me contado sobre seu irmão Jim, o menino de “Dixie”. Desde muito pequeno, um garoto na Virgínia era obcecado por botas de vaqueiro e calças *jeans*. Ele se recusava a usar qualquer outra roupa e falava sempre sobre a “sua” fazenda. Um dia, ele estava com a mãe dirigindo pelo campo, quando começou a gritar: “É essa a minha fazenda.” Até o momento em que me dirigi para encontrá-los, os pais não tinham feito nenhuma tentativa para verificar a informação.

Rodei por cerca de duas horas para fora de Charlottesville, até uma área nova que estava se desenvolvendo perto da estrada interestadual. Era um daqueles lugares em que tudo, das caixas de correio às telhas, era controlado pela associação de moradores e em que um gramado por aparar era considerado alta traição. Pareia estranho entrar com o Ford alugado na passagem que dava acesso a um cenário tão norte-americano dos anos noventa, sabendo que logo estaria fazendo perguntas similares às que tinha formulado nas montanhas Shouf, no Líbano, e nos casebres de Uttar Pradesh.

Debbie Lentz tinha trinta e nove anos, sedosos cabelos ruivos e uma agradável informalidade. Ela e o marido eram proprietários de duas prósperas academias de ginástica na cidade, um negócio que ela havia construído com seu próprio esforço. Tornara-se uma pessoa importante na comunidade comercial e por esse motivo ela não quis que sua história viesse a público com seu verdadeiro nome, que não é Debbie Lentz.

– Você não conhece as pessoas com quem lido – disse-me ela, quando sentamos à mesa da cozinha. – Pensariam que tudo isso é loucura.

Debbie nunca havia se preocupado com assuntos como reencarnação ou outros temas espirituais da Nova Era. Considerava-se parte dos milhões de norte-americanos que vivem confortavelmente no mundo secular, sem refletir muito sobre assuntos espirituais que ultrapassem a idéia geral de que “coisas boas acontecem para pessoas boas”.

Mesmo assim, foi preciso um esforço para que ela se convencesse de que era uma boa pessoa para quem aconteciam coisas boas. Seu pai, um jovem escritor, morrera de um ataque cardíaco quando ela tinha três anos. Sua mãe se casara novamente com um homem que se revelara um alcoólatra agressivo que não gostava de crianças.

Quando perguntei se ela já tivera algum sentimento intuitivo de que a personalidade sobrevive após a morte, respondeu:

– Você não imagina quantas vezes fiquei acordada em minha cama, chorando com todas as minhas forças pelo meu pai. E tudo o que senti foi um terrível vazio interior, um sentimento absoluto de que ele não estava lá.

Então, onze anos, depois de casar e mudar para o leste, ela descobriu que tinha câncer: dois tumores na virilha direita.

– A radioterapia destruiu o ovário direito – explicou Debbie. – O esquerdo se salvou, porém, dois anos depois, tive uma gravidez difícil. Meu médico entrou em pânico e retirou meu ovário, pois havia sangue por todo lado. Quando acordei e ele me contou, entendi que não poderia mais ter filhos.

Exames de sangue confirmaram que ela não produzia mais estrogênio. Aos vinte e quatro anos, estava na menopausa. Passou a fase de reposição hormonal.

Debbie havia trazido dois enormes copos de água bem gelada (“Água nunca é demais no organismo”, disse ela, alegremente, quando me passou o copo– sempre preocupada com a saúde.) Robert, seu filho de cinco anos, entrou na cozinha.

Eu o tinha visto no pátio externo, pedalando um triciclo. Observei que vestia bermudas e não alças *jeans*. Mas usava grandes botas pretas de borracha que teimavam em escorregar dos pedais. Ele vinha em direção à mesa, um belo menino louro, de olhos azuis e expressão grave.

– Mãe, estou cansado – anunciou.

– Agora estou conversando – respondeu a mãe. – Vá brincar ou ver televisão. – Ela voltou-se para mim. – Essa é a primeira vez que consigo fazê-lo usar bermudas. Ele se recusava a vestir qualquer coisa diferente de calças *jeans*. Só usa botas de vaqueiro desde a época em que começou a falar. Jamais usou outro tipo de calçado. Usava botas de vaqueiro com o calção de banho quando ia à piscina.

– Ei, Robert – chamei. – Por que você gosta tanto de botas de vaqueiro?

Ele estava deitado em frente à televisão, de barriga para baixo.

– Eu gosto, só isso – respondeu.

Debbie sentou-se à minha frente e continuou:

– Depois que tive câncer, tomei estrogênio durante cinco, seis anos, e não me sentia bem. Fui então ao oncologista pensando que estava com outro tumor. Ele pediu uma série de exames. Quando saí do consultório, um pensamento me veio à abeca: “Estou grávida.” Foi muito estranho. Fiz um exame de sangue e deu positivo. Voltei ao médico e ele disse: “Debbie, esse é o mesmo teste que usamos para encontrar um tumor. O resultado foi positivo porque existe um tumor. Você não está grávida.” Eu respondi: “Estou, sim.” Saí dali e, na manhã seguinte, fui ao obstetra. Fizeram uma ultrassonografia. Estava grávida.

Várias bênçãos numa só, segundo lhe disse o médico.

– Ele afirmou que a chance de o meu sistema reprodutor voltar a funcionar e produzir uma criança saudável, depois da menopausa e do tratamento radioterápico, era de uma em um milhão. Eram esses, literalmente, os números. Mas a pior luta foi com meu ginecologista, que não queria que eu levasse a gravidez adiante, temendo que isso ativasse as células cancerosas. Os médicos pediram mais exames e me falaram de todas as deformidades que a criança poderia ter. Eu disse para meu marido: “Sabe, existe um plano superior trabalhando. Há um motivo. Não importa que a criança não tenha pernas, olhos ou braços. Então, para que fazer todos esses exames?”

– Aos cinco meses de gravidez – continuou Debbie –, concordei em que fosse feito um exame no feto. Fizeram o exame e o menino era perfeito. Não havia anda errado. Então, os médicos disseram: “Bem, talvez ele tenha síndrome de Down.”

Não tinha. Na verdade, parecia mais esperto que a maioria das crianças.

– Uma noite, fomos ao mercado, onde fazia muito frio. O pai o estava segurando. Ele olhou para mim e disse: “Frio.” E eu pensei: “Meu Deus, ele só tem seis meses.”

Robert dizia frases completas aos doze meses.

– Ele sempre parecia entender o que lhe falávamos – disse ela. – Nunca precisamos lhe ensinar palavras como “em volta”, “ao lado”, “na frente”, “atrás”. Robert sabia o que significavam desde o dia em que nasceu. Ainda estava engatinhando, a gente dizia “atrás de você” e ele se voltava para trás.

– Quando foi a primeira vez que lhe ocorreu a idéia de que ele poderia estar falando de uma vida passada? – indaguei.

– Começou como uma brincadeira. Quando meu marido e eu estávamos com outras pessoas, Robert ficava sempre falando sobre a “minha fazenda”. As pessoas diziam: “Ah, você mora numa fazenda.” E nós dizíamos: “Não, isso foi na outra vida dele.” Brincávamos a respeito. Literalmente, uma brincadeira.

Robert tinha dez anos na época. A família Lentz morava cerca de meia hora ao norte da casa onde viviam agora, numa antiga área residencial.

– Havia algumas fazendas ali perto, mas Robert nunca teve nenhuma reação perto delas. Sempre dizia “na minha fazenda”. Quanto mais velho ele ficava, mais o seu vocabulário se expandia. Aos três anos, disse que costumava esconder-se num depósito para fumar quando tinha treze anos. Essa conversa saiu do nada: “Mamãe, na minha fazenda, quando eu tinha treze anos, a gente fumava.” Foi quando me dei conta de que, desde que começara a andar, ele colocava um pedacinho de pau, um lápis, qualquer coisa, na boca e fingia estar fumando. Eu e meu marido não fumávamos, nem ficávamos perto de pessoas fumando. E na creche ele também não tinha contato com cigarro.

– Sobre o que mais ele costumava falar? – continuou Debbie. – Sobre tratores, coisas ligadas à fazenda, trabalhar na fazenda, acordar na fazenda, vacas... havia sempre vacas na tal fazenda. Ah, ele falou também que um depósito havia sido destruído durante uma tempestade. Pouco tempo atrás, acho que no inverno passado, eu e ele estávamos sentados assistindo televisão e meu marido acendeu a lareira. De repente, ele disse: “Minha mãe costumava ficar perto do fogo quando estava grávida. Mamãe, deixe eu lhe mostrar.” Fomos para perto do fogo e ele continuou: “Ela esfregava a barriga. Era muito grande. Ela ficava em pé para se aquecer.” Nós lhe perguntamos: “Quantos filhos ela teve?” Ele respondeu: “Seis.”

– Um dia – prosseguiu –, a mulher que tomava conta de Robert me disse: “Debbie, qual é o problema com essa fazenda de que ele tem me falado?” Comparamos nossas observações, e eram as mesmas. A mãe o havia abandonado, sua irmã o maltratava, possuíam um trator verde e um pequeno caminhão preto. Tudo era idêntico. Achamos muito interessante. Quando você fala com uma criança, a história muda a toda a hora, mas no caso de Robert a história permanecia a mesma desde o seu nascimento... era quase inacreditável.

Algumas vezes, quando Robert falava da fazenda, sua voz se modificava.

– Era fácil perceber. A entonação mudava. Nesse ponto, a imaginação começava. A história se tornava um tanto sem sentido, como: “Tinha uma roda-gigante na minha fazenda.” Você percebia a diferença.

Nossa conversa já durava mais de uma hora e eu estava fascinado. Mas não alcançamos o mesmo que Stevenson me havia mostrado do outro lado do oceano: crianças que se comportavam como Robert, porém, fazendo afirmações muito mais específicas que, mais tarde, provavam ser verdadeiras em relação à vida de um estranho. Essa confirmação fazia toda a diferença, exigindo uma explicação mais profunda para aquele comportamento de que um simples “isso é coisa de criança”.

Antes de ir a Beirute e à Índia, eu teria dado a seguinte explicação para o que Debbie estava me contando: uma história que demonstra o quanto as crianças podem ser imaginativas e como elas não conseguem distinguir a fantasia da realidade. Teria também pensado que Debbie estava se enganando quando percebia mudanças na voz do filho no momento em que

ele se referia a algo absurdo como uma roda-gigante em sua fazenda. Teria concluído: que fértil imaginação!

Agora, porém, minha visão era diferente – depois de tudo o que vira, não tinha outra escolha senão levar a história mais a sério.

O menino apresentava outras características estranhas. Debbie contou, por exemplo, que, tão logo começou a falar, ele demonstrava um interesse precoce por motocicletas.

– Se estivéssemos numa estrada e ele ouvisse uma motocicleta se aproximar, dizia: “Mamãe, aquela é uma Harley.” E era. O mais impressionante é que ele distinguia uma Harley de uma Suzuki. Não sei como conseguia. E adorava roupas de couro preto, cabelos longos, brincos, tatuagens.

– Alguma vez você perguntou qual era o nome dele quando morava na fazenda? – indaguei.

– Nunca consegui saber isso. Ele dizia alguma coisa sobre a fazenda e pronto. Não respondia perguntas. Não estava interessado em discutir o assunto. Estava contando sua história.

Em novembro de 1995, Debbie e o marido compraram a casa onde nos encontrávamos.

– estávamos morando aqui há cerca de seis meses e toda vez que precisávamos fazer compras íamos pela mesma estrada. Um dia, resolvemos encurtar o caminho e, tão logo desviamos, Robert, na época com três anos, ficou agitado no banco de trás, gritando, excitado: “Minha fazenda, esse é o caminho para a minha fazenda, é esse, é aqui que ela fica!” Era de arrepiar os cabelos. Continuamos dirigindo, e eu disse para ele: “Querido, não vejo nenhuma fazenda. Ali está a escola onde você vai estudar quando crescer.” Ele respondeu: “Não, não, eu sei que é aqui, sei que é aqui.” Nenhum de nós jamais havia estado ali. Passamos pela escola e, imagine só, na bifurcação da estrada havia uma fazenda. Ele estava muito agitado. “É aqui!” Como ele sempre se referia a um galpão de depósito, eu lhe disse: “Meu bem, existe uma fazenda aqui, mas ela não tem um galpão.” E ele: “Vá em frente, papai! Vá em frente, ao lado...” Ultrapassamos a casa, olhamos para a direita e lá estava o grande e velho galpão. Ele apontou e disse: “Viu, eu falei. Está vendo mamãe?” Quando passamos pela casa de tijolos brancos, vimos vacas pastando.

Alguns meses depois, Debbie ganhou um livro escrito por Carol Bowman, *Crianças e Suas Vidas Passadas*. A autora acreditava que seus filhos haviam se lembrado de vidas passadas durante uma regressão hipnótica. Eu já conhecia o livro e achava que as recordações das crianças eram como todas as outras típicas “memórias” inspiradas pelo estado hipnótico: elas afirmavam lembrar-se da vida de pessoas de várias gerações anteriores, fornecendo detalhes que poderiam ter sido retirados de um romance ou de um filme passado na televisão.

Devido a tudo o que vinha enfrentando, Debbie ficou impressionada com o que leu. Entrou em contato com a autora, que escreveu para Stevenson. Ele e seu jovem colega, Jim Tucker, entrevistaram Debbie e começaram a investigar a casa que havia levado o menino a um estado de tamanha agitação.

Stevenson encontrou um material muito interessante. A casa havia pertencido à mesma família desde 1962, e o homem que a comprara havia morrido em novembro do mesmo ano, apenas quatro meses antes de Robert nascer. O obituário do jornal afirmava que ele tinha oitenta e dois anos e era “corretor de imóveis e fazendeiro”.

Aparentemente, os membros sobreviventes da família ainda moravam ali.

– Atualmente Robert não se agita quando passamos por perto. Parou de falar tanto sobre isso. E eu nem sei por que não fui até lá.

– Você acha que existe alguma coisa em relação a Robert que possa estar relacionada a uma vida passada?

– Falei sobre isso com Carol Bowman: o temperamento dele. Não me parece normal. Quando é contrariado, tem acessos de fúria, como muitas crianças. Mas Robert diz: “Odeio a minha vida”, ou coisas desse tipo, com muita intensidade. Se ele começa a reclamar, não dá para controlá-lo. Quando era ainda bebê, eu costumava segurá-lo, até que parasse de se debater. Mas sempre tive a impressão de que essas demonstrações de mau gênio eram muito excessivas para uma criança ainda tão pequena. Carol e eu pensamos na possibilidade de isso estar relacionado às lembranças: sua irmã poderia ter feito alguma maldade, algo ruim poderia ter acontecido em outra vida.

O telefone tocou: era a mulher que tomava conta de Robert.

– Ela está disposta a falar, se você quiser – disse Debbie.

Fiquei interessado. Enquanto juntava meus pertences, fiz mais uma pergunta a Debbie.

– Robert tem alguma marca de nascença?

– Sabe – respondeu ela –, o Dr. Stevenson me perguntou isso e eu disse que não. Mas tinha me esquecido dos sinais na cabeça. Robert tem um aqui – apontou para um local logo acima da linha do cabelo, ligeiramente para a direita, no topo da cabeça – e aqui – moveu o dedo para o meio da cabeça, um pouco à esquerda. – Ele nasceu com esses sinais, mas só me lembrei disso uns dias atrás, quando estávamos na piscina. O cabelo dele é tão fino que se pode ver o couro cabeludo quando está molhado. Pensei que o tal velho, dono da fazenda, poderia ter fotografias, e imaginei se ele teria perdido cabelo, se teria marcas na cabeça. Não tenho nenhuma pista, mas seria interessante, e acho que preciso avisar o Dr. Stevenson.

Debbie chamou Robert. O menino veio e parou perto da mãe, que lhe partiu os cabelos, deixando à vista um pequeno sinal, saliente, próximo ao meio da cabeça, e um outro, maior e mais escuro, no alto.

– Na verdade, esse aqui me incomoda um pouco – disse ela, passando os dedos gentilmente sobre o maior. – Eu ia levá-lo ao médico. É escuro demais. Tenho tido problemas com câncer de pele, que preciso mandar retirar a cada três meses.

Logo após o meio-dia, parti em direção à casa da babá. Havia passado a manhã inteira na casa de Debbie Lentz, mas tudo me parecia incompleto. Não estava acostumado a ouvir somente um lado da história, privando-me da entrevista com a família da personalidade passada, ocasião em que poderia verificar o quanto as palavras da criança correspondiam ou não a uma vida real.

No caminho para a casa da babá, resolvi obedecer a um impulso. Pelo celular, telefonei para a casa de Debbie. Ela atendeu após o quarto toque.

– Debbie, você tem vontade de ir até a fazenda?

Acho que ela estava esperando que eu perguntasse.

– Você se encarrega da conversa?

– Claro, se você quiser.

– Então, vamos.



A babá se chamava Donna e confirmou tudo o que Debbie me contara. Conversamos por meia hora, e depois atravessei novamente a cidade. Quando cheguei, havia um problema: Robert queria brincar com uns amigos e se recusava a ir a qualquer lugar.

– Vamos ver a sua fazenda – disse Debbie, tentando convencê-lo.

De repente, o menino se transformou e foi exatamente como ela descrevera. Começou a bater os pés no chão e a gritar numa voz angustiada:

– Não! Quero brincar com os meninos! Isso é uma BESTEIRA! ODEIO você! Por que está fazendo isso? Odeio você! Odeio você! Isso é uma BESTEIRA! BESTEIRA! BESTEIRA!

Mesmo assim, subimos na caminhonete de Debbie e demos partida, com Robert aos berros no banco de trás. Debbie falava com ele, calma e firme. Quando o menino calou por um minuto, perguntei o nome dos amigos e ele me respondeu Omo se nada tivesse acontecido – a raiva foi embora tão abruptamente quanto chegara.

A casa de tijolos brancos na bifurcação da estrada ficava a menos de um quilômetro e meio. Quando nos aproximamos, pude ver as construções que Debbie tomara como sendo galpões de depósitos. Olhei para Robert, que estava sentado em silêncio. Ele inclinou o corpo para a frente e disse:

– Tínhamos uma roda-gigante aqui.

Olhei para Debbie. Ela não parecia ter ouvido. Segurava o volante com força.

– Estou muito nervosa – afirmou.

Entramos numa passagem à sombra de árvores e paramos numa área aberta, na frente da casa. Uma jovem apareceu na porta de entrada.

– Você mora aqui? – indaguei.

– Com minha mãe e minha avó – respondeu a moça.

– Será que poderíamos conversar com sua mãe?

A moça subiu os degraus e falou para dentro.

– Mãe! Tem gente aqui querendo falar com você.

Uma mulher de expressão meiga, aparentando uns quarenta e cinco anos, surgiu à porta.

– Entrem – disse, com a fala arrastada característica do sul da Virgínia. – Meu nome é Lynn.

Entramos num saguão frio e escuro, apesar do sol que brilhava do lado de fora. Debbie me seguia, e observei que Robert, atrás dela, segurava-a com força.

Eu não havia pensado em como introduziria o assunto. Podia sentir o olhar de Debbie.

– Esse menino está absolutamente convencido de que já viveu aqui – declarei.

Lynn pareceu confusa.

– Meu bem, isso é impossível. Moramos aqui há muitos e muitos anos.

– O fato é – acrescentou Debbie – que ele acha que passou uma vida anterior aqui.

– Minha querida – disse ela –, acho que não. Meu pai foi dono deste lugar durante quase quarenta anos.

– O menino não pára de falar na fazenda que teve – expliquei. – E está convencido de que é esta aqui.

Senti um certo alívio nos olhos de Lynn.

– Depois que meu pai a comprou, nunca foi realmente uma fazenda – ela explicou. – Papai era corretor de imóveis.

– Ele tinha algum passatempo, algo de que realmente gostasse? Robert está sempre falando sobre motocicletas.

Ela balançou a cabeça devagar.

– meu pai jamais gostou muito delas. – Lynn fez uma pausa para refletir. – Mas ele possuía caminhões.

– É mesmo? – comentei. – A senhora se lembra de alguma cor especial?

– Branco – disse ela. – Os caminhões eram brancos.

Eu ia registrando mentalmente: sem fazenda, sem motocicletas. Caminhões, mas de cor preta.

– Ele fumava? – indagou Debbie.

– Papai fumava, sim, começou na adolescência.

– Robert contou que teve problemas por estar fumando no galpão, aos treze anos v disse eu. – Alguma vez a senhora ouviu uma história assim?

Ela pensou um pouco.

– Bem, não sobre o meu pai, mas sobre o irmão dele, que morava naquela casa grande atrás da nossa. Tudo isso era uma única propriedade. Uma vez, quando eram adolescentes, meu pai e ele estavam levando algumas roupas para a lavanderia, quando o irmão dele que estava fumando deu um piparote no cigarro. Queimou a roupa toda, não sobrou nada. É claro que tiveram problemas por causa disso.

Ela refletiu durante mais algum tempo.

– Nós tínhamos mesmo algumas vacas. E alguns porcos. E uma pequena plantação de soja, também. Ele costumava carregar o caminhão com soja para vender no mercado.

Porcos? Vacas? Soja? Para mim isso era uma fazenda. Havia também o obituário: “Corretor de imóveis e fazendeiro”. E Robert tinha falado em carregar “grama” da fazenda no caminhão.

Ainda assim, ele não havia fornecido detalhes mais específicos. Afirmou ter tido seis irmãos e irmãs. Lynn disse que havia oito crianças na família, uma a mais. Robert mencionara um galpão sendo destruído numa tempestade. Lynn não se lembrava de nada parecido. O pai nunca tinha falado de uma irmã “má”. Não tinha nada a ver com tatuagens. Usava calças *jeans* e botas de vaqueiro, mas isso era comum. Havia o fato de ele ter morrido logo antes de Robert nascer, mas, sem dúvida, centenas de outros fazendeiros também morreram.

Comecei a pensar que teríamos que considerar esse caso como “bola fora”.

Foi então que me lembrei de uma pergunta:

– Seu pai tinha algum sinal, alguma cicatriz no corpo?

– Ele tinha muitos fibromas que sempre precisavam ser removidos, tumores fibróides. Pouco antes de morrer, papai teve que remover um bem grande.

Fiquei tenso.

– onde foi isso? – perguntei.

– Bem – disse ela. Colocou as mãos sobre o alto da cabeça. No centro, ligeiramente à esquerda: o local exato do sinal maior de Robert.

Ela olhou para mim e, depois, para Debbie. Estava quase chorando.

– Meu pai era um homem maravilhoso – disse, emocionada. – Ele morreu aos oitenta e sete anos de idade. Há quase seis anos e ainda choro quando falo nele. Era um homem tão doce, tão afetuoso com as mulheres. Quando via uma mulher grávida, era sempre tão atencioso.

Lynn virou-se para Debbie:

– Se houver qualquer parte do meu pai guardada no seu filho, eu ficarei muito feliz. – Ela voltou-se para Robert, mas o rosto do menino estava enterrado nas costas da mãe. Soluçava com força.

Debbie tentou virá-lo, mas ele se agarrava a ela desesperadamente.

– O que está acontecendo, Robert?

Lynn agachou-se ao lado dele.

Não precisa chorar, meu amor – disse ela. – Você nunca deve sentir vergonha de nada que disser. Pode me contar o que quiser. Vou ter sempre vontade de ouvir. Eu costumo dizer para as pessoas que um dia vou voltar como uma borboleta. Juro que acredito nisso.

Quando chegamos no automóvel, Robert estava sereno outra vez.

– Por que você chorou lá dentro? – perguntei.

– Sei lá – respondeu Robert. – Senti vontade.

– Você achou interessante conversar com aquela senhora?

Os olhos do menino brilharam e ele concordou, balançando a cabeça com força.

Chegando em casa, Debbie perguntou;

– Você tem a impressão de que já conhecia aquela senhora, meu bem?

– Tenho, sim – respondeu Robert. Fez uma pausa e olhou para Debbie.

– *Por que sinto isso, mamãe?*

AGRADECIMENTOS

Terei sempre imensa admiração pela coragem do Dr. Ian Stevenson por permitir que um jornalista que ele mal conhecia o acompanhasse em suas viagens de pesquisa em três continentes, concordando, sem limites ou protestos, com o escrutínio do trabalho ao qual dedicou toda a sua vida. Sua bondade e cortesia refletiram-se em seus associados, a Dra. Satwant Pasricha, na Índia, Majd Abu-Izedin, no Líbano, e o Dr. Jim Tucker, nos Estados Unidos, assim como em todos os que fazem parte da Divisão de Estudos de Personalidade, na Universidade de Virgínia, e que não pouparam esforços para me prestar assistência.

Devo uma profunda gratidão às inúmeras pessoas que leram o meu trabalho durante o processo de execução, oferecendo-me valiosas opiniões e encorajamento, especialmente Lisa Shroder, Joel Achenbach, David Fisher, Stephen Benz, Bill Rose e John Dorschner.

Gostaria de agradecer ainda a Bob Tischenkel, que chamou a minha atenção para o trabalho de Brian Weiss. Juntos, escrevemos um artigo sobre Weiss, publicado na revista “Tropic”, do jornal *Miami Herald*, que serviu de base para o segundo capítulo deste livro.

Escrever esta obra não seria possível sem o apoio do meu agente, Al Hart, a eficiente orientação de meu editor, Fred Hills, a compreensão de Doug Clifton, do *Miami Herald*, que me concedeu todo o tempo que considerasse necessário para a sua execução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEDER, Robert. "A Critique of the Arguments Against Reincarnation". *The Journal of Scientific Exploration*, 11, no. 4 (1997): 499-526.
- CAPRA, Fritjof. *The Tao of Physics*. Boston: Shambhala, 1991.
- EDWARDS, Paul. *Reincarnation: A Critical Examination*. Amherst, N. Y.: Prometheus Books, 1996.
- MILLS, Antonia, et al. "Replication Studies of Cases Suggestive of Reincarnation by Three Independent Investigators". *Journal of the American Society for Physical research*, 88 (julho, 1994).
- PENROSE, Roger. *Shadows of the Mind: A Search for the Missing Science of Consciousness*. New York: Oxford University Press, 1994.
- STEMMAN, Roy. *Reincarnation: True Stories of Past Lives*. London: Judy Piatkus Publishers, 1997.
- STEVENSON, Ian. *Ten Cases in India*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1972.
- . *Twelve Cases in Lebanon and Turkey*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1980.
- . *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1995.
- . *Reincarnation and Biology, Vol. 1: Birthmarks and Vol. 2: Birth Defects and Other Anomalies*. Wesport, Conn.: Praeger, 1997.
- WEISS, Brian. *Many Lives, Many Masters (Muitas Vidas, Muitos Mestres)*. New York: Simon & Schuster, 1998.

SOBRE O AUTOR

Tom Shroder é um jornalista premiado, escritor e redator há mais de vinte anos. Representando a quarta geração de escritores de sua família (seu avô era MacKinlay Kantor, famoso escritor, ganhador do Prêmio Pulitzer), Shroder é redator do caderno “Sunday Stile”, do jornal *The Washington Post*. Entre 1985 e 1998, trabalhou como editor executivo da revista “Tropic”, do jornal *Miami Herald*, onde, entre outras tarefas, foi editor do humorista Dave Barry, colaborador de várias publicações em todo o país. Em 1996, Schroder e Barry criaram, e Schroder editou, um romance em capítulos, com a colaboração de pessoas como Elmore Leonard e Carl Hiaassen. O romance tornou-se o famoso *Best-seller* do *New York Times* – *Naked Came the Manatee*.

Em 1995, Schroder e Barry publicaram *Seeing the Light*, biografia de Clyde Butcher, fotógrafo naturalista dos Everglades, escrita sob a forma de um romance. Shroder vive no Norte da Virgínia com sua esposa, Lisa, editora e escritora, e dois filhos: Emily, de dez anos, e Sam, de oito. Sua filha mais velha, Jessica, de vinte e um anos, está terminando seus estudos na universidade da Flórida. Autora de uma peça de teatro em um ano, produzida profissionalmente, representa a quinta geração de escritores da família.